

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS DO COMPORTAMENTO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Maria Cristina Treptow Marques

UMA REVOLUÇÃO DOS DETALHES:

A Outridade no cotidiano de comunidades autogestionadas de educação ambiental não-formal e a produção de subjetividade pela percepção do rizoma

Rio Grande, março de 2008

MARIA CRISTINA TREPTOW MARQUES

UMA REVOLUÇÃO DOS DETALHES:

A *Outridade* no cotidiano de comunidades autogestionadas de educação ambiental não-formal e a produção de subjetividade pela percepção do rizoma

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental, da Fundação Universidade Federal do Rio Grande, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação Ambiental.

Orientador: Prof. Dr. Alfredo G. Martin Gentini

Rio Grande

2008

AGRADECIMENTOS

Gostaria de fazer diversos agradecimentos, à pessoas, livros, músicas, mar, animais, por existirem em minha vida e por me transformarem no que sou hoje, e a partir de minha escrita, esta dissertação.

Impossível tarefa. Limito-me a alguns sujeitos:

Aos *sujeitos de pesquisa* que com carinho e simplicidade foram desvelando-me suas intimidades e apresentaram-me um mundo novo.

Aos professores que compartilham este momento: *Valdo* com sua alegria problematizadora, *Maria do Carmo* e o desvelamento do não perceptível e *Ana Lúcia* com sua sensibilidade crítica.

Ao *Alfredo*, orientador deste estudo: obrigada por acreditar em mim, por ensinar-me coisas além da pesquisa.

Aos meus colegas e amigos, principalmente *Alice* e *Rodrigo* que, durante este dois anos, tornaram este mestrado mais suave, mais fraterno, mais cômico e possibilitaram-me voar mais alto, percebendo a realidade de outras maneiras. À minha vizinha e amiga, *Grazielle*, a qual muitas vezes escutou minhas crises existenciais.

Ao meu amor, *João Pedro*, por tornar mais feliz cada dia da minha vida.

Enfim, às *pessoas*, que pela amizade, ajudaram-me para a concretização desta pesquisa.

De tudo ficaram três coisas: a certeza de que estava sempre começando, a certeza de que havia que seguir e a certeza de que seria interrompido antes de terminar. Fazer da interrupção um caminho novo, fazer da queda um passo de dança, do medo uma escada, do sonho uma ponte, da procura um encontro.

(Fernando Sabino)

RESUMO

Esta dissertação visa à análise e à compreensão de como e porquê funciona um trabalho de autogestão em comunidades na cidade de Pelotas/RS. Para isso, analisamos alguns valores instituídos e instituintes dessa organização, os quais são produzidos pelo processo de subjetivação. Os sujeitos de pesquisa são pessoas, maioria mulheres, que trabalham com a população há mais de vinte anos, principalmente com questões ligadas à medicina alternativa - plantas medicinais, preparo de medicamentos e saúde comunitária - e à autonomia profissional. Para tanto, utilizamos as metodologias da História Oral, da Pesquisa Etnográfica e da Sociopoética como complementares, sendo que a análise dos dados do diário foi realizada segundo elementos da análise textual discursiva. Por meio do resgate escrito das histórias das comunidades conseguimos contextualizar como esses sujeitos vivem e encaram a realidade em seu processo de autogestão/auto-organização. Através da percepção do rizoma e da narrativa da comunidade no presídio compreendemos como ocorre a produção de subjetividade. Percebemos que o que faz com que esse trabalho se perpetue por tanto tempo são os valores construídos pela Outridade no âmbito das três ecologias, construída nas relações de amor como cuidado. De igual maneira, a re-territorialização em um dos valores que dificultam a produção de acontecimentos e a mobilização social: o medo que temos do outro.

Palavras-chave: Educação Ambiental não-formal. Outridade. Rizoma.

ABSTRACT

This dissertation has the intention to analyze and to understand how and why some auto-management communities, at a city Pelotas/RS, works. We review a few values instituted and instituting of this organization, which are produced by subjection process. The research's subjects, women in majority, work with the population over twenty years, chiefly along questions linked at medicine alternative - medicinal plants, dispense medicines and health community - and occupational autonomy. About the methodologies, we used Oral History, Ethnography Research and Sociopoetics together, and the data, from the diary, were analysed by elements from analysis textual discursive. With the narratives of the research's subjects, we contextualized how they live and faces the reality, in auto-management/auto-organization process. With the rhizome and the narrative from the community of prison, we understand the production of subjectivity. We realized that these communities last for a long time because the values built by "Outridade" at the three ecologies, in relations with cared love. The one re-territorialization makes values of fear of another one, that dificults the events and the social mobilization.

Key-words: No formal Environmental Education. "Outridade". Rhizome.

SUMÁRIO

PARTE I – APRESENTAÇÃO DA DISSERTAÇÃO

1 A INTRODUÇÃO AO TEMA DA PESQUISA E A CONSTITUIÇÃO DA INVESTIGAÇÃO A PARTIR DE ALGUNS SUJEITOS.....	10
1.1 A idéia que traz à tona o que foi escolhido, contextualizando a revolução dos detalhes.....	10
1.2 Os sujeitos de pesquisa (pessoas “caminantes”) e a metodologia: possibilidades de existência desta escrita.....	17
1.3 A fundamentação teórica: histórias contadas por autores através de vozes demonstradas sistematicamente.....	19
1.4 A organização do estudo: um mapa para a viagem.....	21
2 A EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA NOSSA PERCEPÇÃO: A INSTITUIÇÃO E A OUTRIDADE.....	23
2.1 Uma breve percepção da educação ambiental a partir de alguns conceitos da análise institucional.....	25
2.1.1 A educação ambiental não-formal, informal e formal: coletivos em diversos espaços.....	30
2.2. Outridade: um conceito pouco utilizado.....	33
3 NARRATIVA IMPLICADA: AUTORIA CONJUNTA?.....	37
3.1 Narrativa de percurso de mestrado da Maria Cristina.....	38
4 CONTEXTUALIZANDO METODOLOGIAS: UMA DIVERSIDADE DE POSSIBILIDADES.....	43

4.1 Elementos da pesquisa etnográfica e sua relação de aprofundamento no grupo.....	44
4.2 Elementos da história oral e pesquisa narrativa: narrar é contar histórias.....	47
4.3 Elementos da pesquisa sociopoética: codificando e decodificando a realidade.....	50
4.4 A análise dos dados e a perspectiva da construção e da organização da escrita.....	55

PARTE II – RESULTADO DO MOVIMENTO DESTA PESQUISA

5 A HISTÓRIA DAS COMUNIDADES AUTOGESTIONADAS.....	60
5.1 As três ecologias nestas comunidades autogestionadas.....	61
5.2 Como ocorreu o início da estruturação das comunidades.....	66
5.3 Os enfrentamentos.....	68
5.4 A expansão do trabalho educativo.....	72
5.5 A organização do trabalho comunitário.....	73
5.6 Existem lideranças em comunidades autogestionadas?.....	78
6 COMPREENDENDO A COMPLEXIDADE DO RIZOMA E O PROCESSO DE SUBJETIVAÇÃO.....	83
6.1 O que é o rizoma?.....	85
6.2 A comunidade no presídio: algumas algemas libertas.....	88
6.3 Algumas relações rizomáticas no presídio.....	92
7 AS RELAÇÕES COMUNITÁRIAS: O QUE FERVILHA PELO MEIO DAS PRÁXIS?.....	102
7.1 Uma inspiração sociopoética.....	104
7.1.1 O Fazermos e o Fazer-se: algumas reflexões.....	104
7.1.2 Como Foi Produzida a Metodologia.....	106
7.1.2.1 Oficinas e Produção de Dados: uma narrativa.....	106

7.1.2.2 Os Temas Geradores e a Análise das Comunidades.....	109
7.2 A Outridade da comunidade.....	114
7.2.1 O Outro Ambiente e sua Produção Subjetiva: uma outra percepção da educação ambiental	115
7.2.2 Nas Relações, o Amor como Cuidado.....	124
7.2.3 Comunidade Temida: o Medo do Outro.....	133
8 O GERÚNDIO DA CONCLUSÃO.....	144
REFERÊNCIAS.....	147
ANEXO A - CUIDADOS COM A SAÚDE PELA AUTO-HEMOTERAPIA. UMA PRODUÇÃO ESCRITA PELA REDE DE COMUNIDADES.....	154

PARTE I - APRESENTAÇÃO DA DISSERTAÇÃO

1 A INTRODUÇÃO AO TEMA DA PESQUISA E A CONSTITUIÇÃO DA INVESTIGAÇÃO A PARTIR DE ALGUNS SUJEITOS

Neste capítulo inicial, queremos introduzir o leitor no âmbito desta pesquisa, assim, organizamos as principais relações do estudo para o entendimento da idéia central com o intuito de uma melhor compreensão deste processo investigativo. Para isso, apresentamos os conceitos fundamentais, os sujeitos de pesquisa, as metodologias, as fundamentações teóricas e a síntese da organização do texto.

1.1 A IDÉIA QUE TRAZ À TONA O QUE FOI ESCOLHIDO, CONTEXTUALIZANDO A REVOLUÇÃO DOS DETALHES

Esta escrita visa à produção de reflexões acerca de valores do cotidiano com relação ao *Outro* pela percepção rizomática em um grupo de comunidades. Essas comunidades trabalham com educação ambiental não-formal envolvendo a medicina alternativa e a produção de competências e habilidades profissionais, na cidade de Pelotas/RS.

Através deste estudo do cotidiano, objetivamos desconstruir o ideal revolucionário de perfeição das práxis educativo-ambientais, viabilizando a percepção da (trans)formação dos sujeitos durante o processo do devir revolucionário, um constante vir a ser.

O presente título – *Uma revolução dos detalhes* – talvez cause estranhamento, sendo esta a nossa intenção, pois vem a ilustrar metaforicamente o que representa as discussões ao longo de toda pesquisa. Acreditamos que as práxis criadas a todo instante constituem o que chamamos de revolução dos detalhes, isto é, a maneira como lidamos com as mais diversas relações nos espaços de convivência. Os detalhes expressam a minuciosa percepção da existência, criados a

todo o momento por cada observador, em um campo aberto de invenções por cada um que a percorre.

O sentido do detalhe pode ser também compreendido como a construção de uma obra de arte, ou seja, na importância em que o artista dá aos detalhes durante a composição de sua criação¹. O cuidado com as particularidades de cada elemento de um conjunto confere o cuidado que estabelecemos com o outro para a produção de singularidades.

Nesta mesma perspectiva, Guattari (2001) expressa a crítica em que os antidotos para a uniformização e a mesmidade operam-se mais como um artista do que como profissionais diplomados e intelectualizados caracterizados por um ideal caduco de cientificidade. Queremos deixar claro que não somos contra a ciência, logo esta pesquisa, e o aprofundamento de conceitos, mas, a partir dessa frase, é necessário refletir que os valores instituídos favorecem o enrijecimento, impedindo muitas vezes a abertura a outras possibilidades.

Concordamos com Barcelos (2004) em seu pensamento referente a (re) descoberta do cotidiano e das relações estabelecidas a todo instante como o ponto de partida para a mudança, a qual possui um caráter seqüencial. É a desconstrução de determinados valores e a construção de outros no processo de existência, como forma de construir e viver em um mundo mais ecologicamente saudável.

Para a criação de alternativas singulares, há que pensarmos como encarar e procurar o desconhecido, exigindo também outras maneiras de pensar e agir pacificamente. Nessa intenção, podemos realizar um paralelo da Outridade com a reflexão sobre paz, a partir de Barcelos (Ibid, p.99): “uma construção decorrente de um longo processo de educação para a convivência com o outro.”.

Sendo assim, a aposta no cotidiano não nega a possibilidade futura de uma vida mais justa, pacífica e com menos desigualdades. Experimentar o presente com todas as sensações de experiências passadas e de desejos futuros promove a alegria presenteada ao nos potencializarmos uns aos outros, independente de propostas revolucionárias idealizadoras.

Partimos da concepção teórica de Deleuze e Guattari para constituir esta obra, e a revolução dos detalhes, metáfora nossa, que vem a representar a reflexão do seguinte pensamento que se contrapõe às idéias de Platão: “Em lugar de

¹ Dicionário Houaiss eletrônico, DHS 21771533.

buscar as formas puras expressas numa única Idéia, atentar para as miríades de detalhes da sensibilidade”(GALLO², 2003, p. 36).

Costurando com a linha de pensamento desses autores, a revolução dos detalhes descrita aqui, é constituída por três³ aspectos principais: a *desterritorialização*, que indica a subversão da realidade, da tradição, da cultura, em busca de novos valores, novos encontros, novas fugas; o *rizoma*, como sendo um desafio ao sistema instituído, promovendo elos, cadeias, agenciamentos e o *valor coletivo*, que é a percepção e a vivência, não como sujeitos individuais, mas como sujeitos que se afetam e o que essa afecção provoca no coletivo.

A partir desses embasamentos propomos pesquisar as comunidades referidas para compreendermos a instauração de novos sistemas de valores, deslocando-se dos valores capitalísticos instituídos, produzindo assim, a existência humana em novos contextos históricos.

Os novos contextos históricos são assim chamados devido a contarem histórias que geralmente não são contadas. O resgate pela escrita dessas histórias representa uma significativa força para pessoas que almejam a construção de uma outra maneira de viver, um fôlego, uma esperança, um acreditar que vale a pena, apesar das contradições, pois não buscamos o rigor, mas o reconhecimento de transpor obstáculos, barreiras, sejam elas pessoais, sociais e naturais.

Segundo Freire (1996), o novo não é a negação do velho em seu sentido cronológico, mas a disponibilidade ao risco. O novo porque difere do sistema de opressão, rejeitando qualquer forma de discriminação.

Ao invés do educador profeta, aquele crítico e consciente de suas relações sociais, anunciando um novo mundo, um educador militante, em que dentro das possibilidades, busca construir coletivamente: “não necessariamente anuncia a possibilidade do novo, mas procura viver as situações e dentro dessas situações vividas *produzir a possibilidade do novo*.” (GALLO, op. cit.). Isto é, uma luta cotidiana, uma revolução dos detalhes, a qual envolve a percepção da Outridade, o outro por ser alvo de afecção.

Logo, acreditamos na *produção de subjetividade cooperativa* através de *dispositivos de práxis ecológicas em diversos espaços de diálogos e ações*. Dessa

² Estudioso da obra de Deleuze. No livro “Deleuze e a Educação”, da Coleção “Pensadores & Educação”,

³ Para maior discussão dessa temática, vide capítulo 6.

maneira, vamos nos constituindo seres de fuga da produção de subjetividade hegemônica.

Nesse sentido, a nossa crítica ao sistema capitalista é o enfraquecimento das relações, a pobreza no cuidado ao outro pela negação do diferente, já que a manipulação desse sistema se dá principalmente pela padronização de comportamentos, pela laminagem de bens materiais e imateriais e das áreas naturais (GUATTARI, 2001).

Seguindo a linha de pensamento desse autor, a laminagem, o mesmo, o igual, é a grande conquista do sistema sobre nossos valores. Essa conquista ocorre através do que ele chama de subjetividade capitalística, em que seu principal poder de manipulação não se restringe somente na produção de bens e serviços, porém trabalha principalmente nas estruturas produtoras de signos, de sintaxes e de subjetividade.

Por esta lógica, a produção de subjetividade tende a formar grupelhos territoriais como, por exemplo, a nação, a raça, o corpo profissional, a competição esportiva, a virilidade dominadora e as estrelas da mídia. As relações que diferem, as relações cooperativas de diálogos com diferentes, são tratadas como uma ameaça.

Devemos levar em conta que a crítica ao sistema vigente se deve ao fato de ser o modelo em que estamos vivendo, e que se fosse outro, possivelmente opressor, por ser hegemônico, faríamos a crítica de igual maneira. Com isso, queremos salientar que a questão aqui problematizada não é o retorno ao socialismo, mas a uma outra maneira de pensar.

A dominação pela subjetividade acaba problematizando o pensamento maniqueísta opressor-oprimido, isto é, ou se é somente opressor ou somente oprimido. Certamente não queremos negar a existência das diferentes classes sociais e a opressão sofrida pelo desenvolvimento econômico, mas urge pensarmos que a produção de subjetividade capitalística se dá em todas as classes sociais, por sermos produzidos e vividos neste momento.

A partir das narrativas das comunidades trazemos a reflexão, embora sem muita teorização, sobre a produção de subjetividade pela mídia, sendo a televisão o seu maior veiculador, pelo acesso à maioria da população.

Segundo Guattari (1991), a televisão não transporta somente narrativas e informações, porém produz certo tipo de subjetividade a que ele chama de poluição

mass-midiática, altamente contaminante para quem passa horas diante de uma tela. Por isso, o sucesso do capitalismo veio da capacidade de modelar a subjetividade e o desejo de consumo, de valores, de vida.

Nessa condição, para enfrentarmos a produção de valores pelo sistema é necessário utilizarmos dessa mesma idéia - pois vimos que realmente funciona - só que de maneira oposta, criando dispositivos de produção de subjetividade cooperativa cuja potência está no diferente, no outro, nas relações de amor como cuidado.

Para compreendermos o processo de subjetivação devemos levar em conta a percepção de que somos formados por encontros: “Encontramos personas (ya a veces sin conocerlas ni haberlas visto jamás) pero también, movimientos, ideas, acontecimientos, entidades. [...] el nombre propio no designa a una persona, ni a um sujeto. Designa um efecto. [...]” (DELEUZE e PARNET, 1977, p.11).

Isto quer dizer que, através da percepção do rizoma ocorre o reconhecimento das mais variadas instituições, valores, crenças que passaram e passam pela vida de uma pessoa, ou de um coletivo, as quais produzem o processo de subjetivação. O rizoma é representado por linhas que se formam e se deformam a todo instante, a partir de cada encontro, constituindo-se inclusive de linhas em processo de re-territorialização, como contradições. Essa contradição é uma questão de momento e de situação: de cotidiano.

O rizoma é uma crítica metafórica à fragmentação cartesiana, à ciência moderna representada pela árvore, com seu solo firme e profundo, tronco sólido e ramificado. Uma análise de um modelo imposto de classificação e determinação de novos conhecimentos. Logo, o rizoma consiste em um caule radiforme, pequenas raízes emaranhadas, pequenos bulbos armazenáticos, demonstrando as relações entre diversas áreas do saber, diluindo assim a hierarquia. O rizoma, segundo Gallo, 2003, representa:

“[...] um conjunto complexo no qual os elementos remetem necessariamente uns aos outros e mesmo para fora do próprio conjunto. [...] não pode ser tomado com paradigma, pois nunca há um rizoma, mas rizomas; na mesma medida em que o paradigma fechado, paralisa o pensamento, o rizoma, sempre aberto, faz proliferar pensamentos.” (p.93).

De acordo com as idéias desse autor, um exemplo de pensamento rizomático é demonstrado através da ecologia⁴ como uma outra percepção do conhecimento, pois dialoga com a biologia, a geografia, a ciência política, a sociologia, a filosofia.

Assim, um conceito de fundamental importância nessa pesquisa é sobre a abertura do olhar ao outro em seus variados espaços através do que Guattari chama de ecosofia ou as três ecologias: o espaço social, a psique e a natureza, a qual definimos, neste texto, como o meio abiótico e biótico em relação.

A crítica que esse autor faz, pela ecosofia, é o modo como nos alienamos da percepção das coisas e do mundo pela introspecção em egoísmos e individualismos, e a vida acaba por se tornar fragmentada: “A recusa a olhar de frente as degradações desses três domínios, tal como isto é alimentado pela mídia, confina num empreendimento de infantilização de opinião e de neutralização destrutiva da democracia.” (GUATTARI, 2001, p. 24).

A maneira de compreendermos o mundo muitas vezes acaba reduzindo a complexidade, pois há uma fragmentação da idéia. Por isso, o entendimento dos domínios das três ecologias separadamente não deve ocorrer. Não podemos percebê-las como caixas isoladas, mas como profundas interpenetrações de seus espaços. Na realidade há um entrelaçamento entre o natural, o social e o mental.

Pelo conceito das três ecologias e a visualização de suas inter-relações propomos fazer diálogos com o conceito de Outridade em trabalhos educativo-ambientais. Esse conceito, em nosso estudo, surge principalmente a partir da percepção de Grün (2007), o qual viabiliza o diálogo com o outro na tentativa de compreensão e de se reconhecer a si no outro, como um diferente e ao mesmo tempo semelhante. Além disso, complementamos com o conceito de Outramento, de Kesselman (2007), na procura de se fazer outros pela busca de produção de subjetividade de recusa aos limites e identidade fixa que o sistema propõe. Entretanto, vale destacar que esses autores não realizam uma discussão teórica aprofundada do termo Outridade⁵, apesar de utilizá-lo.

Para suprimir ou complementar essa necessidade teórica, propomos fazer uma discussão de como acontece o processo de subjetivação pela compreensão do rizoma, a partir de Guattari e Deleuze. Embasada nesses autores, procuramos demonstrar nas três ecologias a relação com outros: mentais, sociais, naturais. Além

⁴ Ecologia, nesse sentido, pode ser percebida como educação ambiental.

⁵ Atualmente nenhum autor discutiu profundamente o que é Outridade.

disso, construímos o nosso conceito de Outridade com as narrativas dos sujeitos de pesquisa, as quais fizeram emergir categorias e assim aprofundamos com a teoria; e, por conseqüência, contraditório à Outridade, mas complementar, surgiu o medo do outro.

Outrossim, problematizamos e destacamos o termo educação ambiental pela discussão do ambiente como produtor de subjetividade pelas relações, e também o ambiente como um outro. Nesse sentido, a educação ambiental vem se constituindo como um movimento que pretende introduzir novos valores em nossa cultura pelas relações que estabelece, apesar de suas contradições; por isso é importante destacar que em todas as vertentes ocorre a re-territorialização capitalística, sendo que em algumas vertentes isso ocorre mais visivelmente, e em outras menos.

É nesse contexto, pois, que trazemos a reflexão do processo de autogestão em comunidades que trabalham com educação ambiental não-formal. Baseamos esse conceito nas teorias de Baremblytt (2002), sendo o gerenciamento feito pelo próprio coletivo, a partir de suas experiências de vida. Possibilita assim, que os grupos analisem tanto o processo quanto o resultado de suas práxis. Por isso, esses coletivos se permitem, através de seus meios, re-inventarem-se.

Assim, nosso estudo permeia tanto a compreensão de como as comunidades se organizam, o resultado, bem como os valores permeados pela Outridade que movem o processo de criação pela sua constante auto-gestão cotidiana. Além do paradoxal medo que temos do outro.

Para isso, procuramos compreender a seguinte problemática: De que forma um coletivo educativo ambiental não-formal (re)constrói-se no cotidiano a partir de valores de Outridade, produzindo assim, a subjetivação cooperativa do grupo?

Nesse sentido, destacamos questões de estudo relacionadas, as quais permitiram a concretização deste trabalho: - como funcionam as comunidades, isto é, quais são suas práticas e como ocorre a organização do grupo? - a compreensão do rizoma para a percepção do processo de subjetivação; - o que está permeando os valores de Outridade e quais são suas contradições?

1.2 OS SUJEITOS DE PESQUISA (PESSOAS “CAMINANTES”) E A METODOLOGIA: POSSIBILIDADES DE EXISTÊNCIA DESTA ESCRITA

Os sujeitos de pesquisa desta dissertação fazem parte de treze comunidades, todas interligadas. Maioria mulheres, elas realizam um trabalho voluntário, agrupando-se pela afinidade de construção de uma outra possibilidade de ser neste mundo.

O acompanhamento desses sujeitos, os quais praticam medicina alternativa e educação popular em saúde nos permitiu analisar o processo de vivência nas comunidades, principalmente os valores instituintes.

Utiliza-se o termo medicina alternativa para retratar a medicina não-oficial, não instituída. Esta visa a questionar a medicina tradicional e a trazer uma relação humanitária no atendimento, bem como se relacionar com a natureza e com a sustentabilidade. Sua origem vem de povos indígenas e africanos, portanto renegada pela medicina de origem branca, o que representa essa exclusão na ciência e na formação médica universitária. Por isso, ela pode ser chamada também de medicina religiosa e/ou popular (SERRANO, 1984).

Esta organização realiza trabalhos de educação ambiental na medida em que propõe a construção de uma outra maneira de existir fora dos padrões estabelecidos socialmente. Além disso, atuam de forma solidária com as pessoas desfavorecidas economicamente na tentativa da melhoria da qualidade de vida física, profissional, emocional e espiritual tanto pelo contato com as plantas medicinais e o respeito à natureza, quanto a assunção de cooperativa entre as comunidades.

O que trazemos para a discussão não é a questão ligada às plantas medicinais e o seu uso terapêutico, porém *como se estabelece a aprendizagem com o outro nesse contexto não-formal, e o que garante a existência das comunidades, suas potencialidades instituintes*. Dito de outra forma, o que instiga a experimentar a investigação é a tentativa de aprender como se (re)constrói um coletivo educativo ambiental com valores diferentes do atual sistema, além de observarmos como ocorre a continuidade dessa proposta pedagógica. Nessa linha de pensamento, a escolha do tema baseia-se, a partir da Outridade, envolvendo:

- a percepção de como as comunidades sobrevivem a tanto tempo desviando-se dos modos de vida capitalísticos, ou seja, quais são os valores instituintes, de mudanças, que garantem a sua persistência de oposição;

- a fim de não idealizarmos pessoas de movimentos alternativos, pretendemos observar as contradições cotidianas existentes pelas forças instituídas, isto é, os valores sociais que nos subjetivam e conferem legitimidade do atual sistema, dificultando as relações e a participação sócio-ambiental.

Para facilitar o entendimento, essas questões também podem ser compreendidas com a seguinte pergunta: como a subjetividade está sendo produzida nestas comunidades?

Para Lourau, as instituições não são estruturas fechadas, elas fazem a organização da sociedade nas diversas realidades em que vivemos como, por exemplo, a família, a religião, a educação. A instituição além de ser leis e normas, ela se concretiza nos valores ocultos nas relações sociais, os quais muitas vezes produzem repressão. Também, na instituição há o instituído e o instituinte, cujos embates são constantes, aquele como as regras, costumes e tradições dominantes e este uma força contrária que serve para pôr em questão, problematizar, contestar e tentar modificar o instituído de uma instituição (ALTOÉ, 2004).

Com isso, a fim de compreendermos esta complexidade, participamos durante dez meses das várias atividades desenvolvidas nas comunidades. Contribuímos não somente com o resgate escrito de suas histórias e com a visualização da trama de relações, mas também com a participação de seus afazeres, como no trabalho com as plantas medicinais, nas reuniões, nos cursos. Ademais, nos inserimos como parte desse pequeno grande mundo para conhecermos e aprendermos com pessoas que pretendem se construir juntas, inventarem-se coletivamente.

Nesse contexto, observamos como vivem essas pessoas, porque realizam trabalhos voluntários, como se organizam e como pensam a realidade. A partir dessa observação e interação com as comunidades é que surgiu todo este trabalho científico.

As metodologias qualitativas utilizadas foram a História Oral, a Etnografia e a Sociopoética como complementares. Infelizmente, devido à dificuldade das participantes das diversas comunidades se juntarem durante alguns dias seguidos, não conseguimos concretizar todo o método da sociopoética. Todavia, como

estamos realizando um intensivo acompanhamento, a união das narrativas e das observações registradas no diário nos ajudou a complexificar a análise de percepção sociopoética em dois dias de intervenção.

O que emergiu nas narrativas e nas imagens produzidas pelas comunidades durante a produção sociopoética possibilitou observar ainda mais a principal força que move este trabalho de educação ambiental, que é a relação estabelecida na Outridade e tem como uma de suas contradições o paradoxal medo que temos do outro.

Por isso, nesta dissertação propomos uma tecelagem entre a teoria de alguns escritores, as histórias dos sujeitos da pesquisa e a nossa percepção enquanto mestrande e orientador, uma escrita “transpensada” pelas nossas experiências coletivas na tentativa de dialogar e refletir sobre a importância da Outridade. E assim, esta escrita, muitas vezes, é conjugada na primeira pessoa do plural.

1.3 A FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: HISTÓRIAS CONTADAS POR AUTORES ATRAVÉS DE VOZES DEMONSTRADAS SISTEMATICAMENTE

Para melhor compreensão, trazemos a relação dos principais autores utilizados nesta dissertação. Os diversos diálogos proferidos para a realização desta pesquisa, permitiram-nos entender a realidade estudada “conversando” com escritores que já estudaram diversas realidades, num entremear de vivências. Por isso, preferimos pensar que esta pesquisa é de autoria coletiva, apesar de ter a peculiaridade de quem a escreve.

Galliazzi (2003, p.84) traz a seguinte reflexão: “A busca por interlocutores teóricos se faz sempre necessária porque quem escreve procura por meio da escrita sua própria superação a partir das idéias, pensamentos e argumentos que vão sendo construídos com o auxílio de um outro sujeito.”.

Partindo dessa perspectiva, observamos a importância da aprendizagem pela leitura, o texto como sujeito(s), a mudança de percepção do mundo e a contestação da própria idéia e da do outro. E o incrível é que é sempre assim, a história contada a partir de diversas histórias. Por isso, ao mesmo tempo em que somos autores, já nos perdemos no meio do mundo.

Utilizamos principalmente Félix Guattari e Deleuze, entre autores que os teorizam, pois apostamos na transformação social através da criação de novos valores, ou seja, (re)inventarmos outras maneiras de nos relacionarmos com o corpo, com as pessoas e com a natureza, diferente dos padrões hegemônicos estabelecidos pelo sistema sócio-econômico em que vivemos.

A escolha desses autores deve-se ao fato de problematizarem ao nível de produção de subjetividade. Com isso, surgiram nossos diálogos sobre Outridade, porque temos afinidade com a questão de que o cuidado com relação ao outro não se deve somente ao outro como indivíduo, mas como pessoa, sociedade, natureza, arte, ciência, além de nossos outros “eus”, costurando com a percepção das três ecologias. Preferimos escolher a *palavra Outridade ao invés de alteridade, por compreendermos que naquela está incluída os diversos outros de uma pessoa.*

Norambuena (1991), escritor que fez o prefácio de um livro de Guattari⁶, designa a alteridade em sua teoria, que para nós, pela Outridade, consiste em uma boa explicação:

[...] no parar nunca de preguntarse qué estamos haciendo en nuestro jardín secreto, con nosotros mismos, con las personas que queremos, en el trabajo, con los colegas, con las ideas, con el mundo; con esos millares de mundos que nos rodean y que danzan jubilosamente melodías propias que no siempre se entienden. Y es bueno que sea así. Ya que es gracias a ese desconocimiento, a ese “otro” inalcanzable y que se sitúa fuera sí mismo, que se define la alteridad. (p.20).

Para fundamentar este aporte teórico, trazemos outros autores que estão relacionados com a discussão da subjetividade, entre eles: Gilles Deleuze, Gregório Barembliitt, René Lourau, Herman Kesselman, Patrícia Kirst, entre outros. Além da metodologia sociopoética, por Jacques Gauthier.

Também, não poderíamos deixar de fora alguns autores que igualmente utilizamos, embora de uma maneira mais pontual, senão seria uma tese de doutorado.

Paulo Freire, com sua pedagogia do oprimido que perpassa a discussão de vários aspectos educativos, seja no campo, nas escolas, nas cidades, nas favelas, sempre na crítica frente ao preconceito, à injustiça e à desigualdade.

⁶ GUATTARI, Félix. *El devenir de la subjetividad*. Conferencias, Entrevistas, Diálogos. Chile: Dólmén, 1991.

Realizamos algumas tímidas aproximações com a teoria de Paulo Freire e de Guattari no que tange à vontade dos oprimidos de saírem de si mesmos e erradicar as políticas mortíferas dos poderes exploradores. Conforme as palavras de Guattari, (1991, p.167): “Convendría materializar una concertación planetaria y promover una nueva ética de la diferencia que substituya a los poderes actuales del capitalismo, una política de los deseos de los pueblos.”.

Igualmente de maneira pontual, com relação à educação ambiental no Brasil utilizamos Michèle Sato e Valdo Barcelos, Mauro Guimarães, Luis Augusto Passos, Mauro Grün, Isabel Carvalho e Patrícia Mousinho.

E por fim, teorizamos a nossa metodologia de pesquisa com diversos autores, de acordo com o método especificado. Na Sociopoética encontramos principalmente seu idealizador, Jacques Gauthier. Na história oral trazemos contribuições de Bruner, e autores da educação ambiental: Aluísio Ruschensky e Maria do Carmo Galiuzzi, sendo esta, a partir do pensamento de Clandinin e Connely. Já na etnografia, contribuições de Menga Lüdke e Marli André, além de Carlos Fino.

Para a análise de dados, utilizamos elementos da análise textual qualitativa ou discursiva, proposta por Roque Moraes e aplicada nas três metodologias acima citadas.

1.4 A ORGANIZAÇÃO DO ESTUDO: UM MAPA PARA A VIAGEM

Esta seção propõe auxiliar o leitor para a compreensão do texto, ou para a escolha da seção que desejar ler. Logo, esta pesquisa está apresentada da maneira descrita nos parágrafos que seguem.

Na primeira parte, primeiro capítulo, está a apresentação e a introdução do estudo. Nela é possível encontrar os conceitos fundamentais utilizados na dissertação, e também a apresentação dos sujeitos da pesquisa e a organização deste trabalho.

No segundo capítulo, a discussão do que representa a educação ambiental a partir de conceitos da análise institucional e seus diversos espaços de atuação, além da origem do conceito de Outridade. No capítulo três, está a análise da implicação

da autora desta dissertação, ou seja, seus sentimentos, sensações, ações no decorrer do processo investigativo.

No próximo capítulo, as metodologias utilizadas, a partir da seleção de alguns de seus elementos cabíveis nesta investigação, explicitada a análise dos dados a partir de anotações no diário. Contudo, também no capítulo sete é possível encontrar mais da metodologia Sociopoética e da análise, pois foi a que originou o texto do referido capítulo. Para fins de compreensão e de introdução, preferimos abordá-lo desta maneira.

Já na segunda parte, titulada como *Resultado do movimento desta pesquisa*, há os resultados da investigação. De maneira mais descritiva, o capítulo cinco aborda a história das comunidades, trazendo a percepção das três ecologias, além da auto-gestão e da auto-organização exemplificada pelos enfrentamentos, pela expansão e pela organização deste trabalho comunitário, com figuras que auxiliam a visualização.

No capítulo seis, trazemos o entendimento da produção de subjetividade ou processo de subjetivação, pelo conceito de Rizoma, de Félix Guattari e Gilles Deleuze, e seu emaranhamento com outros conceitos. Através deles exemplificamos algumas relações da comunidade do presídio, a qual faz parte das treze comunidades. A escolha desta comunidade para a compreensão do rizoma se deve ao fato da complexidade em que esta se apresenta frente às demais, como por exemplo, um grande número de oficinas de capacitação profissional.

As relações e os valores permeados por este trabalho comunitário e alguns elementos da produção e do resultado da subjetividade cooperativa podem ser lidos no capítulo sete. Através da metodologia da sociopoética foi possível perceber de maneira mais clara, a Outridade. Do mesmo modo, esta metodologia possibilitou emergir discussões acerca da compreensão do ambiente como um outro, que produz subjetividade, e com isso acabamos problematizando o termo Educação Ambiental. Outrossim, trazemos as relações de amor como cuidado estabelecidas nas comunidades, além do paradoxal medo que temos do outro e a sua produção.

Também, para esclarecer o leitor, algumas frases em itálico que não são referenciadas partiram de reflexões da autora. Esse destaque tem o intuito de direcionar o pensamento e a reflexão durante a escrita. Outras frases em itálico consistem nas narrativas dos sujeitos de pesquisa, e estão referenciadas.

Reconhecemos a impossibilidade de uma profunda teorização em alguns assuntos desta dissertação. Com isso trazemos a crítica de que em apenas dois anos de mestrado, sendo o primeiro de mais envolvimento com as disciplinas, não é possível aprofundar alguns dos levantamentos e das questões. Portanto, a nossa intenção não foi excluir esses determinados aspectos, pois minimizaria a complexidade desta pesquisa. Devemos lê-la com pontos de interrogação, de dúvidas, e por isso de perspectivas. Somente assim haverá continuidade, tanto da autora quanto dos leitores.

Para finalizar os capítulos, o gerúndio da conclusão, nunca com ponto final, mas com reticências, devido à mudança de percepção por cada um que percorre este texto e re-conhece como ocorre a transformação dos sujeitos desta pesquisa: os autores lidos, pela apropriação teórica, as pessoas das comunidades, a autora, ou quem sabe ainda o próprio leitor, a partir do encontro com esta escrita.

2 A EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA NOSSA PERCEPÇÃO: A INSTITUIÇÃO E A OUTRIDADE

Neste capítulo, trazemos uma reflexão do que representa a educação ambiental e a sua relação institucional, bem como a outridade atravessando o discurso ambiental.

A educação ambiental, como hoje é conhecida, surgiu na década de 60-70 através do movimento ambientalista com o intuito de protestar e militar contra as degradações da natureza biótica e abiótica⁷, que segundo uma análise ecológica restrita consiste nos seres vivos e nos fluxos energéticos, aquáticos e terrestres. No entanto, esse campo veio sofrendo transformações ao longo dos tempos por meio de aprofundamentos teóricos, através da inserção de pessoas de outros movimentos sociais alternativos afins à causa, bem como da problematização de sua dimensão educativa.

Segundo Tres (2006) os movimentos ambientais e ecológicos surgiram no contexto da década de sessenta e se destacam de outros movimentos sociais, pois

⁷ A quem interessar saber mais sobre o movimento histórico da educação ambiental, ler o livro de Isabel Carvalho: Narrativas e Trajetórias da Educação Ambiental no Brasil, editora da UFRGS, 2002.

passaram a questionar as condições de vida presente. Fazem atos em defesa da vida contra a exploração desenfreada, a dominação e a desumanização.

A educação ambiental diferencia-se dos movimentos ecológicos por ser mais abrangente, porque além de considerar as relações com a natureza, está envolvida com uma crítica permanente ao modelo social, transformando-se em uma atitude política. Inicialmente originou-se o movimento ecológico, em defesa da natureza, logo após, surgiu o movimento ambientalista, o que permitiu o diálogo com outros movimentos sociais, incorporando diversas lutas e reivindicações (TRES, 2006).

Esse processo teórico implica mudanças de paradigmas com relação à concepção homem-natureza, em que não é mais possível defini-los como se fossem existências separadas.

Essa relação com a natureza, e de modo mais amplo, a educação ambiental, está envolvida diretamente com o que Barcelos (2004) chama de universo e seu armazém de coisas, em que tudo está conectado. A reflexão do ser no e com o mundo possibilita a tomada de consciência e o reconhecimento da profunda transformação. Isso leva a aceitar o que difere, nesse caso, a natureza. É enxergar-se como produzido pelo diferente, mas ao mesmo tempo produtor.

Configura-se então que a natureza é modificada pela história com a ação do homem e conseqüentemente o homem é modificado pela natureza. Logo, a natureza, da forma como a entendemos só existe em seu modelo porque a nomeamos e a transformamos. E essa percepção varia de acordo com os períodos históricos, como por exemplo, visões mais românticas, mais místicas ou ainda hoje, mais depredatória e de exploração (CHARLOT e SILVA, 2005).

Essa idéia apresentada leva a considerar o intuito de evidenciar o nosso entendimento acerca da relação homem-natureza. Todavia, neste estudo, para fins de melhor compreensão, ou talvez por não ter achado outra palavra, definimos a natureza conforme já explicitado: meio abiótico e biótico em inter-relação. Contudo, utilizamos o termo ecologia em seu sentido mais amplo, a partir da proposta de Guattari das três ecologias: a ecologia social, a ecologia mental e a ecologia natural.

Devido a essas problemáticas, muitas pessoas se perguntam o que é a área da educação ambiental e do que ela trata. Para tentar responder a essa questão, em nosso entendimento, há diversas maneiras de perceber e fazer educação ambiental de acordo com o coletivo que a apropria. Nesse contexto, destacamos mais uma vez que uma das diferenças introduzidas no campo teórico da educação, principalmente

a partir do ambientalismo, foi com relação à aproximação homem-natureza: a preocupação acerca da degradação dos ambientes naturais e a discussão da diminuição da qualidade de vida do homem.

Vale ressaltar que as práticas nomeadas de educação ambiental sempre se constituem, antes de tudo, como práticas educativas, e estabelece-se hoje como uma nova dimensão na educação, e a palavra ambiental vem a qualificar o processo mais amplo (GUIMARÃES, 2005). Todavia, entendemos por ambiente algo muito maior do que a relação com a natureza, pensada geralmente como questões relacionadas às plantas, aos animais, ao lixo. Assim, há possíveis reducionismos na utilização do termo ambiental, conforme a nossa discussão no capítulo sete.

Enfim, esta secção veio a dar uma pequena introdução como teve origem a educação ambiental para que seja contextualizada com o restante da leitura.

2.1. UMA BREVE PERCEPÇÃO DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL A PARTIR DE ALGUNS CONCEITOS DA ANÁLISE INSTITUCIONAL

Neste subcapítulo iremos explicar a educação ambiental a partir de alguns conceitos da análise institucional: instituição, instituinte e institucionalização.

As instituições é o que produz a regulação da vida política e administrativa da sociedade, tendo sua materialização em organizações e estabelecimentos como, por exemplo, escolas, hospitais e presídios, e também como leis, além de inúmeras outras instituições as quais não estamos diretamente ligados, e muitas vezes não as percebemos (ALTOÉ, 2004).

Seguindo esta reflexão, as instituições, por seu caráter regulatório, é o que produz a nossa cultura, logo o processo de subjetivação em determinado período histórico. Com isso, interiorizamos as interdições, as proibições e as regras de convivência, isto é, as fronteiras traçadas por dadas instituições sociais. Elas atravessam a sociedade como um todo, mas também coletivos, grupos e inclusive sujeitos.

Elas regulam as atividades humanas, o que pode e o que não pode, ou seja, as normas, as regras, os hábitos. Em qualquer instituição há três movimentos complementares entre si: o que a gera, o instituinte, provocando mudanças; o

resultado, o instituído, o que está estabelecido e é socialmente aceito pela maioria e o processo, a institucionalização, o andamento do confronto entre instituinte e instituído (BAREMBLITT, 2002).

Os termos instituinte e instituído tiveram origem em Castoriadis, em 1964 a 1965. A partir dele, Lourau avança nestes conceitos e complementa-os com o processo de institucionalização (HESS, 2004). O instituinte é representado pela contestação, a capacidade de inovação e o instituído a ordem estabelecida, os valores e os modos de representação considerados normais.

O instituinte pode também ser chamado de agente de transformação institucional, pois busca analisar e questionar a posição da estrutura sócio-cultural, a crítica permanente e produzir estilos de vida e ações coletivas de transformação social. É o que está diretamente responsável pela contestação (ALTOÉ, 2004).

Esta mesma autora, a partir de Lourau, afirma que em uma instituição, o instituinte, obviamente, é minoria, é condição menor. Por mais que esteja representado por alguns indivíduos, somente manifesta-se devido à instituição ser coletiva: “[...] leva-se em conta o papel desempenhado por personalidades determinantes, mas é sempre como coletivo que o particular se manifesta.” (p.59).

É o que tende a formar as instituições e a transformá-las, atuando como devires. Em contraposição, o instituído cumpre seu papel histórico e ordena as atividades sociais, tendendo a permanecer mais cristalizado e contrário às inovações (BAREMBLITT, op. cit.).

Em artigos de Lourau, este define que o processo de institucionalização é a lógica da fundação institucional, o que determina a sobrevivência da instituição. Na institucionalização, “A sociedade instituinte ameaça a sociedade instituída; porém a sociedade instituída precisa da sociedade instituinte para progredir, ao passo que a sociedade instituinte necessita da sociedade instituída para erguer seu projeto de transformação permanente.”(ALTOÉ, op. cit., p.63).

Explicado de outra maneira, o instituinte quer se transformar em instituído. Contudo, quando o instituinte passa a ser instituído, há de buscar outros valores instituintes, não tão “viciados”, sempre *na busca do novo*.

É preciso alertar que nem sempre o que é instituído é ruim e o que é instituinte é bom. Há diversas regras de convivência instituídas que sem elas seria impossível de viver em sociedade. O grande problema é quando o instituído gera preconceito, opressão, e/ou dificulta demais determinadas atividades sociais. E

como educadores críticos, nesta dissertação, queremos salientar valores instituídos que dificultam a mobilização e a participação sócio-ambiental.

Para exemplificar, trazemos os conceitos de *educação maior* e *educação menor*, problematizados por Gallo (2003). Para este autor, a educação maior é a instituída, exemplo, a lei de diretrizes e bases (LDB), os grandes mapas e projetos educacionais. A educação menor é a revolta contra os fluxos instituídos, os quais através de ações cotidianas, provocam efeitos nas macro-relações, exemplo, o questionamento de algumas diretrizes da LDB para a transformação dessa.

E como poderíamos pensar a educação ambiental com respeito à educação? Nesse sentido, quem sabe a educação ambiental veio questionar algumas faltas da sociedade, possibilitar valores instituintes na educação. A educação instituída é geralmente percebida e valorizada como um estabelecimento escolar, por manter ao mesmo tempo uma organização e maior controle. Surgida a partir de movimentos sociais, a educação ambiental veio a questionar determinadas interações sociais e culturais no ambiente educativo.

Quem sabe ainda, a educação ambiental se configura como um movimento em processo de institucionalização avançado, e assim com determinadas questões já bem instituídas, sendo “agarradas” pelo modelo hegemônico de vida, através de programas educativo-ambientais sem criticidade e pelo mercado verde.

Isso nos leva a pensar que todo movimento social pode ser abordado por diferentes classes sócio-econômicas. Por ser gerado na sociedade civil, pode ser representado por interesses populares ou por grupos econômicos, como por exemplo, empresários querendo diminuir impostos e latifundiários contra a reforma agrária. É importante observar a filosofia que orienta as ações de cada movimento (QUINTAS, 2002 apud TRES, 2006).

Sendo assim, Guimarães (2005) afirma que há duas visões da educação ambiental, a conservadora e a crítica, uma comprometida em manter o modelo atual de sociedade com propostas de soluções pontuais e outra com propostas voltadas à transformação do pensamento vigente para a construção de outros paradigmas.

Trabalhando na perspectiva da educação ambiental crítica que veio e vem se constituindo, ela possui características de oposição, isto é, características instituintes por se tratar de discussões relativamente novas, o que não exclui a presença de valores instituídos nos grupos militantes.

Partindo da concepção de Guattari (1991) sobre valores instituintes, estes não são evidentes, porém designam mutações existenciais e compromissos éticos e estéticos – no sentido de criatividade - sendo que esse compromisso dá-se sempre em relação conosco e com o outro. “Só a partir do reconhecimento da alteridade é que a ética é possível.” (Id., 1993, p.30).

Apostamos e acreditamos que a educação ambiental para ser educativa e instituinte somente ocorre de maneira crítica, senão não é educação. Ela é radical por ir à raiz de sua origem, a qual iniciou como movimento de oposição, mesmo antes de ser nomeada nas conferências internacionais (instituída), *ela começou com a indignação e com a ação política dos povos* (movimento instituinte).

Por isso, em nossa compreensão, a educação ambiental visa questionar os valores humanos da nossa sociedade e buscar alternativas de vida que sejam contra a exploração e a dominação, por meio da solidariedade e pelo respeito ao outro. Para alguns, esta afirmação pode ser vaga, no entanto, não desejamos proferir modelos, cada pessoa ou coletivo que façam os seus. *Urge problematizar projetos de vida e maneiras singulares e diversas de existir.* A singularidade, portanto, desenvolvem devires.

Nessa perspectiva, Guattari (2001) se expressa muito bem ao comentar o parágrafo abaixo, o que para nós deve ser uma das molas propulsoras do movimento da educação ambiental:

Uma imensa reconstrução das engrenagens sociais é necessária para fazer face aos destroços do Capitalismo Mundial Integrado. Só que essa reconstrução passa menos por reformas de cúpula, leis, decretos, programas burocráticos do que pela promoção de práticas inovadoras, pela *disseminação de experiências alternativas, centradas no respeito à singularidade e no trabalho permanente de produção de subjetividade, que vai adquirindo autonomia e ao mesmo tempo se articulando ao resto da sociedade.* (p.44, grifo nosso)

Ao não propormos um modelo ideal de educação ambiental, mas os valores que devem ser inventados na participação sócio-ambiental, percebemos que não estamos sendo moralistas. Tal afirmação reside que sem estes valores instituintes acabamos assumindo alguns valores do sistema capitalista que geram opressão. A solidariedade, a preocupação e o respeito ao outro geralmente não ocorrem no modelo hegemônico, ou acontecem de maneira distorcida. Urge assim, abrir os olhos para determinados discursos.

Assim, baseados na proposta de Guattari, apostamos no que é diferente por ser uma idéia fugidia ao pensamento dominante, o qual pretende nivelar as diversas maneiras de existência. Por meio da discussão da subjetividade queremos referenciar que não consiste apenas da vontade consciente de querer ser mais solidário e atuar de uma maneira oposta ao sistema capitalista. As nossas contradições surgem no momento em que nossas formas de pensar e agir estão sendo constantemente produzidas por este meio em que habitamos.

O grande privilégio do sistema sobre o controle social foi a produção de subjetividade através da homogeneização, isto é, a exclusão do que difere do modelo proposto, em que as pessoas passam a viver de formas iguais, tendo os mesmos gostos, as mesmas percepções.

Nesse processo, a crise sócio-ambiental surge como uma problemática difícil de ser resolvida, já que as pessoas estão acostumadas a pensar e a agir da mesma maneira com os mesmos valores estabelecidos e que diante da atual crise não servem para nada, apenas para legitimar o atual modelo de vida. Em decorrência disso, é necessário refletir diferentemente acerca dos problemas e ir mais além dos meros discursos, observando toda a trama de relações.

Em contraposição, *é importante pensarmos processos de diferenciação que ocorrem pela singularização através de rupturas, descentramentos e multiplicação dos diferentes, indo contra a serialização.* Nessa perspectiva, *as práxis ecológicas são vetores potenciais de subjetivação e de singularização*, elas “Em geral tratam-se de algo que se coloca atravessado à ordem ‘normal’ das coisas – uma repetição contrariante, um dado intensivo que apela outras intensidades a fim de compor outras configurações existenciais.” (GUATTARI, 2001, p.28)

Partindo da concepção de Foucault (1996, p. 200), reconhecemos práxis como sendo a prática política intensificadora do pensamento “e a análise como multiplicador das formas e dos domínios de intervenção da ação política.”

A defesa da recriação da vida está em lutar por preservar além das espécies vegetais e animais, a espécie humana e as espécies sem corpos, como por exemplo, a poesia, os cinemas, seriamente ameaçados de extinção: “Si esperamos que el mercado, la economía neoliberal solucionen este tipo de problemas, asistiremos pasivos a la desaparición de objetos que son tesoros de la subjetividad.” (GUATTARI, p. 44, 1991).

Sendo assim, a mudança da maneira de pensar e agir não ocorre somente com a vontade consciente, mas consiste em procurarmos espaços que nos produzam subjetividade para a introdução e a perpetuação desses novos valores sociais, de entendimento da vida e da radicalização das coisas.

Nesse processo, concordamos com Sato e Medeiros (2007, p.9) ao fazerem a seguinte reflexão: “Buscamos, assim, num movimento rumoroso de educação ambiental, pela coragem de defender o ecologismo político de mudanças, negando as certezas e recusando a mecânica do lucro. Somos criaturas da noite, que para além de um vôo calmo e sereno, queremos uma mudança no olhar.”

De modo especial, acreditamos também que *as práxis de educação ambiental consistem em filosofias de vida*. Além do seu contexto acadêmico e teórico, ela faz parte da prática do cotidiano, visando o respeito, os diálogos da diversidade e o entendimento de que existem várias realidades. Sendo assim, uma de suas características é a ação política com o intuito de proporcionar a luta pelo fim das desigualdades sociais.

Em contraposição a alguns discursos reducionistas que muitas pessoas realizam em nome da educação ambiental, o educador ambiental é aquele que possui na sua prática um projeto político e de vida, e que suas idéias de mudanças abraçam não somente uma nova sociedade, mas também um novo sujeito, que se vê como parte desta mudança e a compreende como uma revolução de corpo e alma, ou seja, uma reconstrução do mundo incluindo os estilos de vida pessoal e social (CARVALHO, 2002).

É com esta perspectiva filosófica da educação ambiental, neste olhar que nos agrada e promove esperança que pretendemos realizar nesta dissertação diálogos entre a vida de pessoas que pretendem se doar ao outro.

2.1.1 A EDUCAÇÃO AMBIENTAL NÃO-FORMAL, INFORMAL E FORMAL: COLETIVOS EM DIVERSOS ESPAÇOS

A idéia de trazermos a discussão do que é a educação ambiental em espaços diversos veio da reflexão de esclarecer onde e como acontece esse processo educativo, inclusive nas comunidades estudadas.

Desse modo, a educação ambiental crítica não-formal consiste em agrupamentos de pessoas que se organizam devido a problemáticas afins na tentativa de encontrar meios para a minimização dos problemas sócio-ambientais questionados. Por muitas vezes não estar ligada diretamente a um estabelecimento público ou privado, isto é uma materialização de instituições, a não-formalidade deste fazer educativo propicia a uma menor hierarquização e menor burocratização.

Contudo, esse grupo possui uma certa liderança por parte de pessoas que têm algum conhecimento acerca do assunto levantado, por sua maior afinidade e talvez por maior disponibilidade de tempo e responsabilidade. Em alguns grupos a descentralização da liderança é mais visível.

Em muitas organizações de educação ambiental não-formal não há dinheiro destinado para as suas ações, por isso, nestes grupos precisam-se de pessoas que estejam dispostas a trabalhar gratuitamente, já que não é instituída por políticas públicas, a importância deste tipo de educação. Nesse caso, a persistência do grupo deve-se à necessidade da convivência de produção de bem-estar, para que também se estabeleçam vínculos de aproximação de novos integrantes.

Há muitos grupos que se articulam para a melhoria e defesa de interesses em seus espaços como, por exemplo, associações de bairros, grupos religiosos, agricultores, mutirões, pescadores, entre tantos outros, em uma atitude política, partidária ou não, na tentativa de encaminhamento de soluções. Também, há a busca de interesses comuns financeiros, como é o caso de cooperativas e redes de economia e de troca solidária para o funcionamento e a continuidade da proposta.

Outro ponto a considerar é que esses grupos de educação ambiental não-formal geralmente surgem nas classes desfavorecidas economicamente por não obterem acesso a uma vida digna no que tange à educação, alimentação, moradia, saúde, etc. As pessoas reúnem-se pela indignação frente ao descaso público e privado, e ao desprezo e desrespeito destes à sociedade e à natureza.

Quem adere à causa são os atingidos diretamente pelas mazelas, além daqueles que se preocupam com a causa do outro. Essa atitude de auto-gestão ao mesmo tempo em que propicia mais liberdade e menos burocracia, ela depende da manutenção de diálogos que promovam bem-estar e pertencimento, além da assunção de responsabilidades.

Enfim, a educação ambiental não-formal possui organizações por afinidades, as quais vão se constituindo por percalços e por conquistas, bem como por reflexões

e discussões em grupos para a escolha de melhores caminhos a serem tomados na busca de objetivos. Pode se configurar em atitudes de protestos, como desobediência civil ou manifestações públicas, e/ou atividades solidárias e cooperativas.

Já a educação ambiental informal perpassa tanto a educação ambiental formal quanto a não-formal, e é aquela em que aprendemos com os diálogos cotidianos em todos os espaços, sem pretensões diretas de atividades que envolvam a educação ambiental, seja no bar, no banheiro, na praia, no cinema, no corredor ou até mesmo na cama.

A educação ambiental formal está mais restrita a um estabelecimento, como uma escola, uma universidade. Portanto, ela pode ser alvo de ordenações institucionais de maior porte e estrutura.

No entanto devemos levar em consideração que é possível fazer educação instituinte, com intenções de superação da realidade de dominação e exploração em muitos estabelecimentos. “É possível fazer uma nova educação nos espaços formais e de predominância da hegemonia e é possível fazer educação anti-popular em espaços alternativos.” (BENZAQUEN, 2007, p.7).

Para além de exemplificação de espaços de atuação, a educação ambiental é composta de organizações e por isso, configura-se como um movimento social. Scherer-Warren (2001) salienta que o movimento social está para mais além da prática localizada e temporal de uma organização.

A autora comenta que o movimento social é constituído por organizações em tramas de interações e o movimento sintetiza essas múltiplas práticas em um campo simbólico. Isto é, “um conjunto mais abrangente de práticas sócio-político-culturais, resultante de múltiplas redes de relações sociais entre sujeitos e associações civis, que visam à realização de um projeto de mudança: social (a partir do cotidiano), sistêmica ou civilizatória.” (Ibid, p. 45).

Nesse ínterim, as comunidades, estudadas nesta dissertação, consistem em uma organização no campo da educação ambiental não-formal. Segundo as participantes, não é associativismo de base religiosa como as CEBs e as pastorais. Apesar de estarem ligadas a princípios religiosos como amar a deus e ao outro como a si mesmo, as integrantes referem que as comunidades pretendem-se não tão arraigadas aos preceitos religiosos normativos, mas possui o intuito de

estabelecer diálogos com outros grupos alternativos, como é o caso da permacultura, do movimento de homeopatia popular e de grupos holísticos.

O que acaba de ser posto encaminha as discussões no sentido de focalizar a compreensão de educação ambiental não-formal nas comunidades, embora ao longo do texto ela estará implícita através de sua história, de suas atitudes, de suas narrativas.

2.2. OUTRIDADE: UM CONCEITO POUCO UTILIZADO

A intenção de utilizar o termo Outridade⁸ ocorreu a partir da emergência narrativa das relações nas comunidades. Contudo, ficamos limitados às discussões teóricas desse conceito, por não ser muito utilizado na ciência. Neste subcapítulo fazemos um diálogo teórico a partir do que já está publicado na comunidade científica.

Poderíamos ter utilizado alteridade, mas devido às diversas críticas a esse e por não problematizar a questão da produção de subjetividade, preferimos substituí-lo. Para isso, propomos realizar uma tecelagem entre a teoria de Félix Guattari, entre alguns autores, com a narrativa dos sujeitos, dando origem ao resultado teórico desta pesquisa, observado na segunda parte da dissertação.

Assim, para melhor compreensão e delimitação do tema, queremos fazer algumas críticas com relação à alteridade, correspondendo com o que viabilizamos trabalhar teoricamente nesta pesquisa. Também, trazemos alguns diálogos tênues do que foi referido em alguns autores acerca da Outridade.

Queremos esclarecer aqui que a utilização do termo Outridade ao invés de alteridade se deve ao fato de que este já está muito apropriado pelo discurso hegemônico. Por outra via, a Outridade além de perceber o outro como outra pessoa, outra coisa, outra natureza, propõe dialogar e entrar em conflitos com os diversos outros que estão em nós mesmos, por isso, suscita a produção de subjetividade.

⁸ Muniz Sodré, em seu artigo "Diversidade e diferença", relata que o termo Outridade foi primeiramente utilizado por Octavio Paz, apesar de não realizar um diálogo com este autor. Por isso, Outridade não se encontra no dicionário de língua portuguesa, pois vem do espanhol, "Outredad".

O conceito de alteridade, assim como os conceitos existentes, possuem suas distorções, ou melhor, suas apropriações/identificações. Segundo Duschatzki e Skliar (2001), a alteridade quando utilizada para responder às questões e às situações opressoras pode se dar de algumas formas: o outro como fonte de todo mal, o outro como portador de marca cultural e o outro como alguém a tolerar.

Com relação à primeira afirmação, esses autores alegam que enxergar o outro como a fonte de todo o mal se encontra nas práticas institucionais estabelecidas, as quais fixam identidades homogêneas com o intuito de ocultar os conflitos.

Igualmente, essa percepção com relação ao outro confere “regulação e controle do olhar que define quem são e como são os outros.” (Ibid, p.123). Isso acaba por excluir o que difere por ser perigoso, além de livrar a consciência, depositando a origem dos males no outro: o pobre, o deficiente... o que acarreta xenofobias.

Ainda, de acordo com a segunda visão, essa reconhece o outro como portador de uma marca cultural. A crença e a supervalorização de que existam comunidades homogêneas, em sua versão reacionária, leva a crer que proclamar as diferenças silencia os conflitos. Desse modo, os outros não são todos os outros, mas alguns com características específicas e condenadas a serem pessoas imutáveis e circunscritas a determinadas particularidades pelo excesso de identidade. O que acaba por afastar diálogos com o outro, criando estereótipos.

Trazendo a terceira opção, vemos que o outro é um alguém a ser tolerado. Essa tolerância, quando designada pelo discurso hegemônico pode levar a uma questão de indiferença com relação ao outro. Nesse ínterim, admite a existência do outro, inclusive aceitando comportamentos anti-sociais e opressivos. Acaba por acarretar a “neutralização”, a indiferença frente ao estranho e a excessiva comodidade frente ao familiar.

No entanto, Sodré (2006) critica o conceito de Outridade/Alteridade como sendo “[...] um fundo artificial de ressurreição de valores.”, a partir da reflexão de diversidade e diferença. Para ele que todos somos diferentes é óbvio, mas o diverso faz parte do cotidiano de cada um, aceitando outras possibilidades humanas. “[...] o diverso como a potência de uma cooperação radical entre as diferenças.” (p.14).

Na perspectiva desse autor, o diferente, ao invés do diverso, designa um valor como uma significação estabelecida, gerando orientações de condutas, fazendo

juízos de valores. Segundo ele, a Outridade como algo que coloca valores e julga pelo diferente. Para isso, propõe a noção de diversidade como próprio de singularidades.

Em nosso estudo, apesar de utilizarmos os termos Outridade e Diferença, trazemos a questão da produção de subjetividade e do devir formado pelo cotidiano. Por isso, salientamos que a crítica feita por Sodr e ao nosso conceito escolhido, n o condiz com a nossa (re)constru o conceitual, pois a complexidade de percep o da Outridade e a cria o de valores s o como devires na e pela “diversidade”, em paralelo, a diferen a.

Com esses di logos queremos afirmar que neste estudo trazemos reflex es tanto com rela o   forma o de subjetividade que produz nossas contradi es, observando o outro como a fonte de todo mal, a origem do preconceito, ou de outra maneira, *a Outridade como a produ o de vida e de um devir revolucion rio pela rela o estabelecida com o outro*. Conforme Benzaquen (2007, p. 3), ao afirmar: “as rela es entre o eu e o outro, ou seja, a dimens o subjetiva est  imersa em um contexto hist rico e social.”.

Essa transi o do ser   chamada de devir. O ser do devir   uma atualiza o como um outro. “Outro do outro, e outro de si mesmo.” Esse devir   formado pelo confronto, agenciando, abrindo-se “para a outridade do outro. Para com ele ser outro.” Essa diferen a, o ser outro do outro e de si acaba por romper a repetitividade, a mesmidade, comportamentos comuns e n o question veis. (FONSECA, 2006, p.4)

Dias (2007) inspirada nas obras de Deleuze, afirma que a Outridade   um devir outro, uma despersonaliza o do sujeito, que para al m dele mesmo,   o coletivo e a pr pria transforma o a partir do outro. O que acaba refor ando a utiliza o da teoria de Guattari e Deleuze e o conceito de Outridade nesta disserta o.

Para esse autor, os devires s o formados por perceptos e afectos, sendo este uma provoca o produzida por algo e aquele uma mudan a de percep o pelo afecto, deixando de ser eu, para ser outros. “Uma vis o que j  n o   a de um eu, que j  n o   minha (percepto), antes sou eu que j  s  sou ou me torno ela, que passo para ela quando ela passa por mim (afecto).” (p. 281).

Essa cria o de outridade permite inventar outras possibilidades de exist ncia. O Outro como uma s rie singular de sensa es que provocam a es,

práxis. Assim, conforme Faria (2007, p. 5), a Outridade suscita um devir, “o nascimento de um novo ser e um novo tempo, a possibilidade de uma intervenção na *polis*.”

Por esse motivo, concordamos com Deleuze e Parnet (1977) ao comentarem: “No es facil ser un hombre libre: huir de la peste, organizar encuentros, aumentar la capacidad de actuación, afectarse de alegría, multiplicar los afectos que expresan o desarrollan un máximo de afirmación.” (p.72).

Nesse contexto, devemos sempre problematizar a reorientação da produção de bens materiais e imateriais em pequena e grande escala. Questionar os modos dominantes de valorização das atividades humanas. Urge “Reconstituir o conjunto das modalidades de ser-em-grupo” (GUATTARI, 2001, p. 16).

Expressado de outra maneira, queremos ir contra a depredação e a recusa ao outro, contra a exterminação de qualquer sinal de singularidade. Para isso, é necessário sairmos de nós mesmos, desentender-se de si mesmo, de nossas certezas, de nossos pré-conceitos (PLACER, 2001).

Compreendemos que ter criticidade é: “escutar e adivinhar o outro abrindo nossos sentidos e fazendo pensar nosso próprio coração sobre a perturbação que em nós produz sua possível presença. Isto é, refletindo sobre a ilusão da normalidade que nos impede conhecer-nos.” (FERRE, p. 198, 2001).

Por isso, a Outridade como produção de subjetividade é agenciada pelo diálogo, uma construção conjunta para libertarmo-nos de nossas práticas opressoras pela superação dos limites, tornando o inédito viável em possível (FREIRE, 2006).

Nesse sentido é que costuramos o conceito de Outridade com o conceito da ecosofia – mais adiante explicado - o qual por ora representa uma abertura práxica contra todas as maneiras de domesticar o ser, o corpo, a natureza, os direitos gerais da humanidade (GUATTARI, op. cit.).

Não queremos idealizar a educação ambiental como a solucionante de todos os males existenciais. Reconhecemos que a intenção discursiva dela nos provoca a pensar e agir de uma outra maneira neste mundo em que vivemos e assim:

[...] assumimos que o que move a revolução não é a vitória, mas a esperança. O conceito que move uma educação ambiental circunscrita nesses ideários não é o otimismo em acreditar que salvaremos Gaia. A miséria humana, diretamente relacionada com os danos ambientais, talvez tenha um destino predeterminado. Não sabemos se seremos vitoriosos, entretanto, o desejo que nos move é lutar contra o imobilismo, ao invés de

assistir passivamente o dramático curso da história. É a luta contra o conformismo, a castração intelectual ou a entrega passiva de sonhos [...] (SATO e MEDEIROS, 2007, p.8).

Desse modo, trazemos a perspectiva de Barcelos (2004) com relação à criação de universos críticos para o combate à falta de alternativas, às crenças instituídas de que não há possibilidades de mudanças. Os valores desse universo podem ser encarados como otimismo ou, quem sabe ainda, a não acomodação frente à vida.

Sintetizando o que tentamos argumentar nessa parte do texto, afirmamos que apesar de nosso discurso cheio de energia e esperança acerca da educação ambiental, reconhecemos a dificuldade de nossas ações e pensamentos que dificultam as nossas práticas, que produzem contradições e conflitos, nesses vários espaços em que habitam os *outros*.

3 NARRATIVA IMPLICADA: AUTORIA CONJUNTA?

Fazer pesquisa consiste em ler criticamente a realidade e, com compromisso político, contribuir para a construção de uma realidade mais justa, com oportunidades mais equalizadas. (GALIAZZI, 2003, p. 86)

Este capítulo contém a narrativa implicada da autora desta dissertação. Porém se fôssemos observar a constituição enquanto sujeito e enquanto escrita da investigação, diversas narrativas deveriam estar incluídas. No entanto, devido à complexidade dessa tarefa, restringimo-nos a uma história, mesmo que (re)construída a partir de outras histórias. A isso, chamamos de análise da implicação.

Para Lorau, a implicação consiste na relação da pesquisadora com (o)s sujeitos de pesquisa, a aprendizagem da experiência e do seu campo, reavaliando a trajetória de situações vividas, cotidiana e existencial (ALTOÉ, 2004).

Durante a análise da implicação, muitas pessoas contam sobre a sua história de vida, começando geralmente desde a tenra idade. No meu projeto de dissertação acabei narrando sobre isso, porém agora fiz diferente, e aqui narro a minha

experiência nesses dois anos de mestrado e o meu percurso na educação ambiental. A seguir, a minha reflexão, de uma maneira intimista, por vezes poética.

3.1 NARRATIVA DE PERCURSO DE MESTRADO DA MARIA CRISTINA

Cheguei ao mestrado com pouco embasamento teórico e prático relacionado à educação e à educação ambiental, já que na minha graduação, em Ciências Biológicas, constituí-me como uma pesquisadora quantitativa em outras áreas. Não contente, resolvi mudar.

Inicialmente, o susto, e depois o fluir de idéias e concepções que cada um pode contribuir com a sua própria experiência. A aprendizagem com o outro e consigo, já que muitas vezes não sabemos que sabemos. A reaprendizagem e a desaprendizagem.

Contaminai-vos uns aos outros, pensei eu, esta é a esfera da vida e da cultura humana. Contaminai-vos de experiências, de conflitos, de carinho e de amizade. Em trocas mútuas, infinitas e infindáveis. Constante e dinâmica a troca de experiências e saberes que não se restringem apenas à sala de aula e ao campo de pesquisa, mas ouvia sussurros em corredores e murmúrios em saraus inventados com os amigos, além de minha voz interna em meu pensar.

Cale-se, às vezes eu mesma me dizia: *Você está me deixando louca. A inquietação é o passo inicial para a mudança e a transformação. Discussões que levaram a questionamentos e a percepções de um outro mundo que eu não conhecia, pois eu já era outra, sou aquela outra, e outra serei daqui a pouco e quantas outras outras vierem.*

Constituo-me pelo meu eu de antes, o de agora e daquilo que no momento está me contaminando para surgir em devir por estas experiências, novamente repito, maravilha da condição humana que produz sentido à vida. Deixemo-nos contaminar de atitudes boas e reflexivas, mas também contaminar de raiva à injusta causa.

E como já dizia Freire (1996), é preciso assumir-se enquanto um ser histórico e social, como um ser transformador e criador de uma nova realidade enquanto um ser crítico-reflexivo, que tem raiva das injustiças porque é capaz de amar.

O amor por não ser cor-de-rosa, mas justo, tranqüilo em sua capacidade de amar a todos e a tudo, não odiando o ser humano, mas as suas ações, apenas as suas ações, porque “ele” não tem culpa, constituiu-se assim, mas quem dera “ele” vestisse outras máscaras e outras fantasias. “A compreensão das instituições passa pela compreensão do plano individual. É por empatia com uma pessoa que se poderá compreender o papel das instituições.” (ALTOÉ, 2004).

“Ele” pouco sabe sonhar, acha que sabe tudo, mas só se encontra sob o teto do apego, do egoísmo, da falsidade, esqueceu que pensa e que pode criar, criar um outro mundo de transformação da realidade.

Mas no fundo o que mais me instiga na educação ambiental crítica é a capacidade de mudança, onde o impossível se torna possível, por percebemos de uma outra maneira, acreditando: “É preciso fazer o possível de hoje para amanhã fazer o impossível de hoje (FREIRE, 1996)”.

No decorrer do mestrado deparei-me com várias crises minhas e de outras pessoas. Talvez provenientes de reflexões acompanhadas de medos, angústias e inseguranças por começarmos a analisar a realidade de uma forma mais crítica, ou quem sabe ainda confrontando-nos com nossos próprios valores. O primeiro ano foi vivido de forma intensa no que diz respeito à fortes emoções, e não somente ruins, mas também as boas.

Por que tantas pessoas entram em crise? Será o mestrado de Educação Ambiental um dispositivo? E por quê?

Nestas crises, não me sentia só, era o André e seu projeto de pesquisa, o Rodrigo que queria largar o mestrado, sendo extremamente resistente à academia, a Alice que se encontrava triste por não ter feito o diário quando trabalhou com as mulheres de pescadores.

E eu? Qual era a minha crise? Por que entrava em crise? Como é difícil nos auto-analisarmos, pensava muito sobre isso, porém essa não é uma pergunta fácil de ser respondida.

Em primeira instância percebo minha insegurança em relação ao novo, já que a minha formação familiar e a graduação pouco me ajudaram para a minha construção enquanto pesquisadora crítica, minha criação digamos, foi conservadora.

Ao mesmo tempo em que me aventurava em novas caminhadas, sentia medo. Era uma sensação de desafio, e a minha intensa mutabilidade às vezes me assustava.

Quando os professores diziam que deveríamos pesquisar aquilo que se conhece, ou seja, uma temática já trabalhada em algum momento em algum lugar específico, dava-me um calafrio. Transgredi, porque se pesquisasse algo que eu já houvesse vivido nunca iria ter me aventurado por estas bandas, na procura de algo diferente. Todavia entendo o que eles queriam orientar, escolher um tema já de conhecimento do mestrando é o ideal, por não ter de partir do zero com pouco tempo de trabalho. Pois comigo não foi assim.

Além disso, revoltei-me com algumas situações, não compreendia como poderia um mestrado de educação ambiental não ser mais aberto às comunidades, ficando somente introspectos em nossos belos discursos. Certa vez, uma doutoranda me disse que não mudaríamos o mundo, a principal mudança que iria ocorrer seria comigo, a mudança de percepção, da maneira de enxergar as coisas, as pessoas, o mundo. E não é que era verdade.

Contudo, não me contentei por aí, queria mais coerência, mais troca. Por isso, eu e alguns colegas: o Rodrigo, a Alice, o Alexandre, o Igor, a Ivonne, a Bel, a Geórgia, resolvemos fazer diferente. Criamos um outro espaço, a fim de debatermos o que o Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental (PPGEA) não pôde oferecer, já que também somos parte desse programa e por isso ajudá-lo a crescer, não esperando ordens de professores e da direção. Movimento instituinte?

Assim, inventamos o grupo de estudo: “Dialogando com os a(u)tores da Educação Ambiental”. No primeiro semestre de dois mil e sete, começamos a ler os diferentes autores da educação ambiental, além de conversarmos e trocarmos experiências com pessoas que trabalhavam com educação no município de Rio Grande.

No segundo semestre, vimos a necessidade de dialogar mais. Propomos então um curso de extensão para a comunidade acadêmica. Esta iniciativa se deu uma vez em que um amigo meu perguntou o que o mestrado oferecia de educação ambiental para quem era de fora do programa. Eu disse que pouca coisa, geralmente as pessoas ficavam preocupadas com suas dissertações e teses e pouco dialogavam com outras pessoas, que não os sujeitos de pesquisa.

Nesse sentido, surgiu um dos primeiros, senão o primeiro, curso de extensão oferecido na FURG, partindo da vontade dos mestrandos do PPGEA sem influência de nenhum professor: “Perspectivas e diálogos na Educação Ambiental”. Abrimos

duas turmas em turnos diferentes para que um maior número de pessoas pudessem se inscrever. Houve tanta procura que tivemos de aumentar o número de vagas.

O interessante é que o curso sempre foi construído de maneira democrática, uma pessoa ficava encarregada de ministrar um módulo, mas havia o companheiro que ajudava nas problematizações, além da maioria de nós quisermos assistir os módulos uns dos outros, sempre instigando diálogos e contribuindo com outras percepções. Seria isso um exemplo de auto-gestão pedagógica? Possivelmente. E de que maneira o estudo de auto-gestão das comunidades poderia ter me influenciado nesta proposta? Produção de subjetividade a partir de encontros...

Além disso, toda semana nos encontrávamos, no Cassino, para o Café Filosófico. Este, em que cada um levava uma guloseima, consistia em um momento de reflexão sobre os módulos, de organização e de estudo.

As pessoas que fizeram o curso gostaram muito e nas sugestões pediram que outros fossem realizados. Eu ficava pensando: pena que não inventamos isso antes, porém aconteceu emergindo a partir do decorrer do processo de vivências do mestrado. Acho que um ano antes iria me sentir mais insegura ao falar de educação ambiental. Tomara que no ano de dois mil e oito siga assim e mais, abrindo espaços de diálogos para outras comunidades. O responsável pelo PPGEA adorou a nossa iniciativa e gostaria que trabalhássemos na sala verde, quem sabe o grupo continue.

Quanto aos sujeitos de pesquisa desta dissertação, construímos vínculos e amizades. Trocamos experiências e sugestões, ajudava em que era preciso, desde as tarefas com as plantas à organização do grupo, como por exemplo, no levantamento do número de representantes das comunidades e seus ofícios, já que muitas pessoas não enxergavam a dimensão de conexões. Como presente, fiz um herbário de plantas medicinais, aprendizagem da época da biologia.

Com elas, nesse contexto, fizeram-me existir de outra maneira, muito melhor do que antes. Fizeram-me acreditar que as coisas são difíceis de fazer, mas se as queremos, as conseguimos. Possibilitaram liberar-me e afugentar alguns de meus medos: a insegurança com relação às práxis de educação ambiental e a formação de coletivos, inclusive a escrita desta dissertação. Quem sabe ainda, ajudaram-me a produção de meu devir revolucionário...

Ao escutar essas mulheres, admirava-me a coragem e a força para lutar por um mundo melhor e no cuidado que elas têm com o outro. A hospitalidade que

abraçavam a todos que lá compareciam, acreditando que as coisas podem dar certo fez-me mais tranqüila, com mais entusiasmo para lutar frente às adversidades.

A Irmã, com seu ímpeto de inovações, já havia planejado para o ano de dois mil e oito uma escola ambulante, em que eu estava incluída. No entanto, acabei indo embora da região sul por motivos pessoais, e por isso, quem sabe um dia quando eu voltar...

Enfim, muitas experiências, grandes conquistas, algumas perdas, impossível narrar sobre tudo, mas o que mais interessa é que sempre levamos alguma coisa das diversas paisagens em que vivemos.

Fui-me do Cassino, distanciei-me do mestrado de Educação Ambiental, o qual não tardava a findar. Estranha sensação. Em uma certa semana estava estudando para um concurso público para trabalhar com pesquisa e extensão na área de educação em um Centro Tecnológico (CEFET), tudo o que eu queria. Salário que dava para viver razoavelmente bem, trabalhar com o que gosto e me esconder um pouco do sistema privado, já que é impossível fugir completamente. Meu medo era que depois do mestrado, de dialogar, discutir e problematizar o mundo, eu tivesse de enfrentar um emprego de perspectiva mais capitalista, submetendo-me a ordens não quistas, contrariando os valores pelos quais havia encontrado alívio em minha vida.

O concurso. Pouco tempo para estudar. Cento e dezenove pessoas para uma vaga. Algo estava me angustiando, não sabia exatamente o quê. Numa sexta, dois dias antes da prova, entrei em crise.

Percebi não ser apenas uma crise de pós-graduanda que ainda não possuía emprego. Dei-me conta de que meu mundo de oportunidades, de diálogos, de abstrações, de educação ambiental crítica e coerente estava chegando ao fim, afinal, é muito cômodo ter uma bolsa de mestrado e falar de quem se submete ao capitalismo.

Sonhava com a minha despedida. Sonhei duas vezes, estava abraçando as pessoas e cantando a música do Lô Borges: “E também se chamavam nomes, mas também se chamavam sonhos e os sonhos não envelhecem...” Acordei. Estava em lágrimas. Inconsciente infalível.

Noto que quando estou em crise, uma das maneiras de me compreender é escrever poesias. Incrível como nessas horas há uma alta produção. Eis algumas:

- *Dona de casa ou casa da dona? Dona? Do que? Não sou dona nem de mim...dissolução. Perco-me na gravura. Ela está de cabeça para baixo! Literatura!*

Vida condensada, regrada, partida. Desigualdade bem-vivida? Passarei, passarão, passarinho...talvez, somente o ninho. Eterna gestante. Educação. Outra nação? Fronteiras e seus sumiços. Por que isso? Aquilo, desse troço. Troço de terra queimada, de terra bandida, engrandecida e nada. Festa: falsa alegria, tristeza escondida. Caverna: falsa tristeza, alegria imanente. Mente insana. Bafejar dos deuses que me fazem voar, e eu os invento, e assim, recrio-me.

Com esta poesia, permiti entender. Sentia-me só, pelo menos naquele momento e a primeira vista. Antes éramos vários sonhando por um mundo melhor, colegas, professores, sujeitos de pesquisa, amigos. Refleti, chorei e o que me consola e me dá forças é que apesar deste mundo haver terminado, carrego ele comigo.

- Meu mundo mudou completamente. Terei de inventar outro. O começo é sempre difícil. Já dizia eu, alguma vez, em algum lugar.

- Matar, para morrer, para nascer. Transformação. (Trans)mutação: matar, me, mim, morte, mutação. Crisálida apertada, novamente...e outra, e outra vez, e sempre. (re) nascer.

Tenho algo de morte, tenho algo de vida. Tenho algo igual, embora diferente. É preciso morrer para nascer de novo. E compreendi: *ao invés de cobrança, fazer dançar a obra.*

4 CONTEXTUALIZANDO METODOLOGIAS: UMA DIVERSIDADE DE POSSIBILIDADES

Ao propormos dissertar um capítulo sobre metodologia, queremos esclarecer a possibilidade de novas intervenções a partir do estudo de como ocorreu esse método, suas dificuldades, o prosseguimento no decorrer da pesquisa, que na prática muitas vezes difere do que diz nos livros, constituindo o próprio ato de pesquisar, e a tentativa de chegar à proposta de pesquisar as comunidades.

Revelamos assim, como aconteceu o trabalho de investigação: as contribuições dos sujeitos, as contribuições teóricas, as considerações práticas de produção de dados e a análise destes.

A justificativa de trabalhar com as comunidades ocorreu pelo desejo de conhecer e aprender o cotidiano de pessoas em um ambiente de organização social alternativo relacionado à educação ambiental não-formal, que fosse auto-gestionado e que existisse já há algum tempo.

Para isso, não queria abordar um problema sócio-ambiental, como, por exemplo, estudar graves situações de opressão. O que eu mais queria era aprender como ocorre o processo de construção de um coletivo educativo-ambiental na área não-formal. Nesse sentido, a escolha da temática, de certa maneira, difere de muitas pesquisas pela ênfase na possibilidade de investigar fatores potenciais. Salientamos a importância social do estudo deste coletivo no que tange à observação da contínua concretização de uma proposta educativa.

Como inicialmente iria fazer um estudo da história de vida da Irmã Rosa Branca⁹, principal animadora das comunidades, há diversas escritas a partir da análise de suas narrativas. No entanto, devido ao pouco tempo de mestrado e ao interesse por relatar outras histórias das participantes das comunidades, a presente pesquisa contém outros sujeitos, possuindo assim, outros elementos da história oral.

Além da história oral ou pesquisa narrativa, este procedimento metodológico, contém elementos da sociopoética e da etnografia.

4.1 ELEMENTOS DA PESQUISA ETNOGRÁFICA E SUA RELAÇÃO DE APROFUNDAMENTO NO GRUPO

As narrativas analisadas nesta dissertação partem de observações e anotações no diário, desde conversas diretas, bem como histórias que foram ouvidas e anotadas informalmente a partir das reuniões, dos cursos e do cotidiano em geral. Essas narrativas são interessantes por não serem expressadas a partir do pensamento de que temos de responder o que o perguntador quer ouvir.

Esta pesquisa, portanto, contém elementos da etnografia, por relevar mais a história do grupo a partir de seu contexto do que realçar a história de uma ou outra pessoa.

⁹ Os nomes das pessoas foram substituídos por nomes de plantas medicinais.

Assim, a etnografia ocupa-se da observação direta do viver de um grupo particular de pessoas organizadas de alguma maneira. Estuda os pensamentos e comportamentos manifestados na rotina, bem como os fatos e eventos imprevisíveis em um contexto interativo. A importância de estudar o contexto deve-se ao fato de tentar tornar as narrativas dos sujeitos mais próximas do seu próprio entendimento (MATTOS, 2001).

Outrossim, esta observação deve ser realizada de maneira cuidadosa, respeitando a sensibilidade do outro. No caso dessa pesquisa, ela deu-se de forma participante, isto é, os dados provêm de fontes diversas e o observador aprende vivendo e participando das atividades (FINO, 2001). Nessa perspectiva, participei de muitas atividades desenvolvidas pelas comunidades, desde as reuniões, os cursos, inclusive ajudando nas práticas cotidianas com as plantas medicinais através de estágio voluntário.

Nessa produção de dados, digamos informal, não sei ao certo quantos sujeitos estão presentes nesta escrita. Contudo, as narrativas mais destacadas são das pessoas que participaram das intervenções sociopoéticas, além da Irmã Rosa Branca, da Amorosa e da Goiabeira, pela proximidade e intimidade que tive com estas e pelo fato de estarem desde o princípio do trabalho nas comunidades.

Para tanto, o que realmente interessa é a narrativa exposta enquanto grupo, pois como deixar de lado as reflexões cotidianas de algumas participantes das comunidades, apenas por não estarem na amostragem da pesquisa? É o que o autor Fino (Ibid.), chama de conversas ocasionais não estruturadas, em que as pessoas contam seus pontos de vista sobre determinadas coisas e sobre sua vida no grupo.

A partir de Wolcott, Lüdke e André (1986) afirmam que a metodologia etnográfica em educação propõe o pensar ensino-aprendizagem dentro de um contexto cultural, isto é, os significados culturais de um grupo.

Na continuidade, tais autoras, baseadas em Firestone e Dawson, destacam alguns critérios a serem assumidos nesse tipo de abordagem metodológica, os quais estão relacionados com a nossa pesquisa: o problema é redescoberto no campo, o trabalho de campo deve durar aproximadamente um ano, combina diversos métodos de coleta, apresenta uma grande quantidade de dados primários.

Nesse sentido, este estudo realmente obteve a expressão de sua categoria principal, a Outridade, a partir do conhecimento do trabalho e das narrativas

emergentes nas comunidades, sendo o conceito que melhor definiu o que está no processo desse trabalho educativo-ambiental. A partir do estudo narrativo, a Outridade obteve duas subcategorias principais: o amor como cuidado nas relações e o medo do outro, demonstradas no capítulo sete.

Em relação ao tempo de estudo, este se deu durante dez meses, com encontros toda semana, inicialmente uns três dias por semana, e nos últimos meses, uma vez por semana, sendo que a comunidade que mais compareci foi a Casa do Caminho, por seu grande número de representantes.

Além de haver ido a algumas comunidades, obtive mais contato com estas através dos cursos, das reuniões, dos encontros e da intervenção sociopoética, mais adiante explicitada. Assim, o pesquisador deve preocupar-se em ser aceito, decidindo o seu nível de envolvimento nas atividades e procurando não ser identificado em nenhum grupo em particular (LÜDKE E ANDRÉ, 1986). No caso deste estudo, procurei não ser identificada com nenhuma comunidade específica, apesar de comparecer mais à Casa do Caminho, pela sua quantidade de tarefas e de pessoas que trabalham neste local.

Igualmente, o leitor pode observar nesta dissertação, características etnográficas através de seu caráter descritivo, como por exemplo, no capítulo que traz a história da formação das comunidades, conforme Mattos (2001) ao afirmar que a descrição envolve o que as pessoas fazem e o seu significado local.

Os métodos de apropriação das narrativas, no que tange a essa perspectiva metodológica, sucederam-se por observação direta das atividades do grupo, conversações ocasionais, bem como análise do livro-ata e alguns levantamentos de histórias, as quais remetiam a constituição do grupo.

Ademais, houve conversas intencionais sobre determinado assunto, por isso, essa pesquisa também assume características da história oral e da pesquisa narrativa pelo envolvimento com narrativas, mais especificamente de três sujeitos, e foi o que acabou reconstituindo o movimento e a história das comunidades a partir de suas vivências enquanto participantes.

4.2 ELEMENTOS DA HISTÓRIA ORAL E PESQUISA NARRATIVA: NARRAR É CONTAR HISTÓRIAS

A importância do resgate de histórias reside no fato de que a maior parte do conhecimento é passado por transmissão oral, apesar de atualmente as comunidades estarem construindo apostilas. “Não narrar alguém, ou algo, seria um mecanismo eficaz de instituí-los, metaforicamente, como ‘mortos’” (KOFES, 2001, p.12). E como deixar morrer histórias interessantes de um grupo auto-gestionado que se solidariza com o outro?

Assim, as narrativas dos sujeitos se encontram entremeadas com as discussões teóricas, em uma complementaridade que produz a teoria desta dissertação.

Como decorrência desta compreensão, Galiazzi e Mello (2005), a partir da investigação narrativa de Clandinin e Connely, afirmam a importância da experiência narrada como a principal característica do processo de pesquisa narrativa. As experiências são teorizadas e assim contribuem para a percepção de um contexto social, contando, re-countando a experiência estudada.

Na continuidade da reflexão, essas autoras explicitam a experiência da pesquisadora no decorrer do processo, alvo de conflitos ao se confrontar com a realidade de suas próprias vivências, tornando-se parte da paisagem de não apenas estar no campo da investigação, mas vivê-lo.

Assim, em alguns momentos conversando com as participantes, a partir de suas narrativas de vida e de mulheres confiantes e capazes de assumirem riscos, refleti em meu diário e entrei em conflito sobre a minha constituição enquanto educadora:

A beleza de uma pessoa está no que ela emana. Será que é uma colméia de educadores ou eu que agora percebo? Quando se está livre? O que é liberdade? Acreditar que as coisas podem dar certo, independente de quem, ‘quem’ ou o que repreenda. Acreditar nas mudanças e nas possibilidades. Quantas vezes não acredito... e o que é ser livre se estou presa dentro de mim?

Isso leva a destacar que o uso da história oral permite conhecer no grupo pesquisado e no próprio pesquisador, os sentimentos, os valores, seus olhares e

suas práticas, além de conhecer o cotidiano, mas sempre levando em consideração a narrativa dos sujeitos envolvidos.

De modo especial, as histórias são narradas pelo seu narrador e de acordo com o momento em que está passando, o que demonstra que essas assumem várias interpretações ao longo do vivido e acabam sempre passíveis de uma (re)interpretação. Isso se deve ao fato de que toda pessoa encontra-se em um processo de construção/reconstrução de si, o que possibilita que as narrativas sejam sempre capazes de inventar realidades.

Para Bruner (1995) a narrativa é determinada a partir de acontecimentos experienciados por um indivíduo. Ela é um processo contínuo e único: único por ser singular a uma pessoa e contínuo pela dinamicidade do vivido. A narrativa é, portanto, singular, particular e universal, sendo esta última por ser constituída em um contexto sócio-histórico.

A importância de usar esta metodologia reside no fato de que “se nós somos, se todo indivíduo é a reapropriação singular do universal social e histórico que o rodeia, podemos conhecer o social a partir da especificidade irreduzível de uma práxis individual.” (FERRAROTTI, 1983 *apud* DIAS, 2005, p.160). Cada ser humano é um microuniverso a ser explorado.

Uma das principais características desse tipo de pesquisa é que a pesquisadora constrói as histórias junto ao seu sujeito de pesquisa e, conforme mencionado, a experiência é o ponto chave do estudo. A riqueza metodológica baseia-se exatamente na experiência, refletindo sobre o cotidiano e sobre a trajetória de vida.

Em semelhança com a etnografia, a pesquisa narrativa precisa estudar o contexto dos envolvidos para que com isso possa trilhar caminhos investigativos mais próximos da realidade pesquisada. Logo, registram-se ações, fazeres e acontecimentos. É importante que o pesquisador encontre-se com um senso de pertencimento ao grupo (GALIAZZI e MELLO, 2005).

Para tanto, a relação entre a pesquisadora e os outros participantes, de uma certa maneira, fundem-se. A pesquisadora torna-se pesquisada de si e de sua trajetória, além é claro do sujeito de pesquisa. O modo de escrever ou falar é levado em consideração, mas também a forma de ler e ouvir (BRUNER, *op. cit.*), o que torna essa experiência única e irrepetível.

Outro ponto interessante é que a pesquisa narrativa ou a história oral é uma forma de resistência à ciência positivista¹⁰ por dar voz a uma ou poucas pessoas e, por isso, sofre severas críticas pelo paradigma tradicional, por falta de “amostragem”, pela falta de representação do real, da verdade. “Enquanto os pesquisadores formalistas começam a pesquisa pela teoria, os pesquisadores narrativos começam pela experiência.”(GALIAZZI e MELLO, 2005, p.6).

Desse modo, não existe verdade absoluta, já que a verdade se estabelece no exato momento em que a história é contada, além de que a verdade ou a exatidão de uma narrativa vai depender do ouvinte, do ponto até onde o relato será confortável a quem a conta, da narrativa ser plausível, entre outros. Nesse ínterim, para alguns, os limites deste modo de fazer pesquisa estão exatamente nas interpretações alternativas de uma experiência (BRUNER, 1995).

No entanto é preciso destacar que este estudo não foi realizado através de histórias de vida, porém relatos de vida e depoimentos, visto que estes permitem ao narrador expressar livremente seus pensamentos. Outrossim, restringem-se a determinados aspectos requeridos pelo pesquisador, como é o caso do estudo da participação em determinadas instituições (RUSCHENSKY, 2005).

O relato oral consiste em narrativas de situações singulares determinadas pelo pesquisador a fim de observar o que acontece no coletivo de um determinado grupo, sendo que cada relato contém a forma pessoal de expressar o grupo ou o social (SCHURAIBER, 1995).

Já o depoimento oral significa a narração de algo que o narrador efetivamente experimentou, sem interferência da narrativa do outro. Entretanto, podemos levar em consideração que a narrativa produz experiências na medida em que o outro se apropria do discurso de alguém, incorporando a história em seu próprio viver e contar. Todavia, em contradição a isso, o depoimento oral diferencia-se da história de vida e do relato oral pelo fato de que o narrador tem de contar algo que ele próprio vivenciou (QUEIROZ, 1991, *apud* DUTRA, 2002).

Nas entrelinhas do que foi escrito nesta parte do texto, queremos esclarecer que esta pesquisa somente se tornou viável a partir da escrita no diário de diversas narrativas, as quais foram constituindo a experiência dos sujeitos envolvidos. Logo,

¹⁰ Para maiores informações ler Um Discurso Sobre as Ciências de Boaventura de Sousa Santos.

a análise da instituição, as comunidades, foi produzida pelo contar e re-contar de histórias.

4.3 ELEMENTOS DA PESQUISA SOCIOPOÉTICA: CODIFICANDO E DESCODIFICANDO A REALIDADE

Este estudo também contém elementos da sociopoética. Neste capítulo trazemos mais a discussão teórica, já no capítulo sete, estão explicitadas as narrativas dos participantes dessa metodologia, bem como a análise dos dados. Para melhor compreensão da introdução do capítulo sete, preferimos deixar dessa maneira.

Nesse processo sociopoético houve o envolvimento com técnicas artísticas e a reflexão dos afectos e sensações provocados por estas, método utilizado para pesquisa de grupo através da construção coletiva do conhecimento.

Decidimos utilizar a sociopoética com o intuito de enriquecer mais a produção de dados. Chamamos de produção de dados, pois de acordo com Petit et. al. (2005), estes são produzidos porque todo o grupo-pesquisador se envolve para que os dados possam existir. Nesse sentido, não há sociopoética sem grupo-pesquisador, em que todos produzem coletiva e cooperativamente os dados e a sua análise (SATO, GAUTHIER, PARIGIPE, 2005).

Essa abordagem metodológica, idealizada por Jacques Gauthier¹¹, é uma excelente ferramenta para a percepção dos afectos de uma situação proporcionada e a posterior reflexão sobre esta, na tentativa de observar quais sentimentos e ações são provocados. Afectos não significam somente abraços e carinhos, mas afecção, a afetação frente a uma experiência. Por este método, os afectos são estimulados por intervenções artísticas que possibilitam a emersão de desejos, conflitos, contradições e dificuldades.

A importância de envolver este senso estético reside no fato de possibilitar outros ângulos de análise e, às vezes, elementos paradoxais do grupo, funcionando

¹¹ Filósofo, poeta e pedagogo francês. Pesquisador da Universidade Federal da Bahia (UFBA).

como um dispositivo, isto é, gerador de dados não previsíveis, os quais permitem tocar e analisar a afetividade e o inconsciente (PETIT et. al., 2005).

Como o próprio nome a revela, a sociopoética em sua raiz etimológica é representada pelo “socius” que significa companheiro, aquele que compartilha o mesmo pão, e “poiésis”, criação, do latim e do grego, respectivamente. (FLEURI, 2005) Assim, consiste na partilha e na criação de conhecimentos e saberes que são desvelados pelo grupo-pesquisador, bem como na produção de uma outra maneira de perceber-se e pertencer ao mundo.

Para a realização dessa pesquisa em sua totalidade, alguns princípios devem ser respeitados (PETIT et al., op. cit.):

- A formação de um grupo pesquisador, no qual conhecimentos e saberes de todos os participantes são válidos e de igual importância;
- a valorização das culturas populares e o compromisso do pesquisador em escolher sujeitos que possam se potencializar com esta metodologia e empenhar-se para a busca de seus direitos;
- a utilização do corpo para a produção de conhecimento, pois podemos enganar com as palavras, dificilmente com os gestos e a expressão;
- a intenção de que surjam “confetos”, consistindo na formação de conceitos pelas sensações-ações provocadas;
- não produzir hierarquias entre os participantes.

Para isso, realizamos várias técnicas artísticas, trazendo como apoio as dinâmicas de Augusto Boal, autor do Teatro do Oprimido. Além de estimular a memória de sensações de situações vividas, essas técnicas promovem também a capacidade interativa, integrativa e participativa.

Desse modo, essas dinâmicas fazem emergir conhecimentos velados, singulares, íntimos, muitas vezes não conhecidos pelos próprios participantes da sociopoética (SATO, GAUTHIER, PARIGIPE, 2005).

A utilização de cenas dramáticas viabiliza a exposição de seus outros, de suas outras maneiras de pensar e agir, pois: “[...] no somos el conjunto de máscaras que se vinculan entre sí, con poses y gestos que van más allá del antifaz del rostro?” (KESSELMAN, 2007, p.2).

A estimulação conjunta de dramatizações possibilita conexões e relações da vivência de um grupo e das suas diversas maneiras de ser e, assim, consiste em uma “Asemblea de almas por donde circula el misterio de los encuentros”

(KESSELMAN, 2007, p.3). O que também resgata aquele sentimento lúdico de infância de sermos muitos.

Nesse sentido, o brincar ativa a mente, o corpo, razão e emoção, o que gera criatividade e produz bem-estar, a alegria, bem expressada por um dos participantes: *“Mostrou como é bom a gente brincar. Despertou a criatividade, descontraíu. Traz a alegria que a gente tem no dia-a-dia e que nos esquecemos dela”* (Alecrim). A partir daí surge a abstração: será que se brincássemos mais, potencializando a nossa capacidade de criação, perceberíamos o mundo de outra forma? Com que direito e intenção somos castrados disso?

O brincar favorece a abertura ao outro, traz intimidade e libera pré-conceitos, e é preciso estar bem com o outro para poder dialogar, discutir, contradizer, caso contrário, gera violência. Segundo Gauthier e Santos (1996, p.11), “o diálogo, instrumento de administração de conflitos é sempre abafado nas gargantas dos dominadores e dos dominados. O que existe é a voz de comando do dominador e a aquiescência do corpo e da cabeça do dominado.”

Sendo assim, a sociopoética é uma metodologia criada a partir de Paulo Freire e vem a ser utilizada essencialmente com povos e culturas de resistência. Vale ressaltar que a importância dessa metodologia participativa reside no fato de que como todos seremos pesquisadores de si e do grupo, não há a tão comum “conscientizadora” hierarquia acadêmica, mas todos nos conscientizaremos conjuntamente e com o mundo, integrando saberes.

Segundo Petit et. al. (2005) essa metodologia provém de uma outra leitura da teoria de Paulo Freire por sua essência dialógica com os oprimidos e pela escolha de temas geradores a serem trabalhados pelo grupo na viabilidade de codificar e decodificar a própria realidade.

Os temas geradores consistem em temas construídos a partir de palavras, frases do cotidiano das pessoas a fim de estimular a compreensão crítica da realidade, isto é, a análise crítica de uma situação existencial escolhida. Ao pensar criticamente sobre a forma de estar e atuar sobre a situação, o sujeito tende a ser mais por se reconhecer no mundo e lutar pelo que se quer (FREIRE, 2005).

Da mesma maneira a sociopoética codifica o contexto dos sujeitos por meio das técnicas artísticas e a decodificação ocorre através da análise dos dados produzidos – narrativas, fotos, filmagens... - que servem de abstração do mundo

cotidiano. Com isso, podemos fazer um paralelo entre o grupo-pesquisador e os círculos de cultura na proposta de Paulo Freire.

Retomando, a partir da leitura e discussão dessas dinâmicas entendemos o processo de produção de subjetividade do grupo, em que todos participam para a construção de “confetos” - conceito de Gauthier que une conceito e afectos –, podemos chamar de categorias emergentes pelo grupo, e assim, instigamos soluções e meios de conduta para questões relacionadas aos valores e sensibilização dos problemas sócio-ambientais cotidianos a partir de seu contexto cultural.

O transformar poeticamente para conhecer envolve prioritariamente acentuar a fisionomia do grupo, em que o papel do pesquisador é atentar e propor reflexões acerca do que é significativo aos participantes, e estimular assim discussões para a promoção de análise crítica e a conseqüente mudança de suas práticas cotidianas (GAUTHIER e SANTOS, 1996).

Dessa maneira, as técnicas artísticas promovem a sensibilidade corporal, emotiva, oculta, capaz de captar o impensado, mas que transcorre intempestivamente. Kirst (2003, p.44), esclarece que o inconsciente não se refere somente ao intrapsíquico, mas “[...] pode ser identificado junto a qualquer produção discursiva, seus efeitos no coletivo e no eterno relançamento das palavras e das imagens como expressões das existências.”

A sociopoética tem como base alguns referenciais teóricos: (PETIT, *et. al.*, 2005):

- A Análise Institucional, como ferramenta para a emersão de atitudes e pensamentos instituintes, na maioria das vezes ocultos, através da utilização de dispositivos. Estes são artifícios que produzem inovações, como nesse caso, as técnicas artísticas possibilitando a visualização e estimulando as narrativas dos valores e das práticas realizadas pelas comunidades. (BAREMBLITT, 2002)

Outro conceito também utilizado é o de analisador, em que segundo Petit *et. al* (op. cit.) este pode ser:

uma pessoa, um acontecimento ou fenômeno que revela algum traço fundamental da face oculta da instituição, que traz à tona a coisa não dita, rechaçada como não significativa ou inexistente. O uso de técnicas artísticas no quadro do dispositivo do grupo-pesquisador é uma maneira de chamar analisadores (p.5-6).

- A Esquizoanálise, por Deleuze e Guattari, como crítica à tendência homogeneizadora das pessoas, sendo rotuladas pelo que está instituído, e a proposição de uma outra maneira de produzir a subjetividade, pelo deixar-se viver em sua heterogeneidade, assumindo devires, como um vir a ser e se perceber sendo. Por isso, a esquizoanálise estimula devires revolucionários. O devir é estimulado graças ao dispositivo da pesquisa e este conceito é explicitado no capítulo seis, por estar relacionado a outros conceitos que envolvem o rizoma.

Esta proposta leva em consideração o estudo da produção de subjetividade. Deleuze e Parnet (1977) a afirma podendo ser um deserto povoado de tribos, faunas e floras. Empregamos o tempo em dispor esses povoados de diferentes formas, fazendo prosperar as combinações que nos habitam e que produzem vitalidade.

- O Teatro do Oprimido, de Augusto Boal, permite a utilização de técnicas artísticas que suscitam o inconsciente pelo potencial de estimular o corpo todo como fonte de conhecimento. Com isso, observar-se de uma outra maneira ainda não experimentada: trazer o que é sentido pelo diferente e pelo estranho. A característica principal frente a essa abordagem é o sujeito como ator-construtor de sua própria experiência.

Sendo assim, a sociopoética utiliza a construção de imagens corporais formando “alegorias às quais os participantes atribuem significações, às quais são registradas e discutidas para posterior sistematização”. (PETIT et. al., 2005, p. 8)

- A Escuta Sensível de René Barbier, pelo registro e reflexão do dito e do não-dito, gestos e sensações, na tentativa de compreender o outro sem julgá-lo.

- Outra característica é a posição dialógica motivada pela desinibição e espontaneidade, favorecida pelo brincar, e inspirada nas obras de Paulo Freire. Tem também como perspectiva a igualdade entre saber popular e acadêmico, além de que a pesquisa sempre tem como seus sujeitos os participantes dos conflitos e das resistências de ir contra a opressão ao sistema capitalista.

4.4 A ANÁLISE DOS DADOS E A PERSPECTIVA DA CONSTRUÇÃO E DA ORGANIZAÇÃO DA ESCRITA

Vale destacar que toda a análise dos dados ocorreu a partir das narrativas e reflexões anotadas no diário, porque as participantes não se sentiram à vontade com o gravador, logo ressaltamos a importância daquele como ferramenta para a construção dessa dissertação.

De acordo com Altoé (2004, p.29), o diário “nos ajuda a seguir a produção do pensamento. Esta construção teórica no dia-a-dia tem, decerto, um perfume de inacabado.”

Reflexo de meu eu banhado de sonhos, inseguranças, aventuras. Risco e arrisco a riscar páginas de minha vida concebidas pela fragmentação dos momentos. “Cada conto aumenta um ponto”. Ou diminui. Cada lembrança, reflexão, informação registrada tem em si a densa rede de tramas e conflitos que constituem meu ser.

Algo me incomodava. Como escrever um diário se não havia aprendido como fazê-lo? Tarefa difícil esta, em que o espelho do cotidiano geralmente é passado despercebido. Desafio delicioso e que deu certo.

Essa percepção é comum a vários pesquisadores que começaram a utilizar este instrumento: “O que tomar nota, como tomar notas? Não aprendemos a fazer isso.” Aprendemos na maior parte das vezes a tomar notas do pensamento dos outros, porém não do nosso (HESS, 2006, p. 91).

A importância do registro, especialmente o diário, serve como um instrumento de apoio para a investigação/reflexão/ação da própria prática. Tal afirmação se deve ao fato de que o registro no diário proporciona um distanciamento entre o momento da escrita e o da leitura. Possibilita assim uma posterior análise das experiências e do pensamento, dando maior clareza ao que foi revelado. Segundo o registro de Ana Freitas (2006):

O ato de registrar exerce função formativa ao mobilizar a capacidade de observar, desafiando as certezas sobre a própria observação. [...] Assim, o registro é vivido como o modo de organizar as aprendizagens gestadas na prática e na reflexão crítica e sistemática sobre ela. É o diálogo com a própria ação. (p.22).

Além do ato de escrever o vivido e de salientar a historicidade do próprio pensamento e do sujeito, ele contribui para a função formativa da avaliação da prática e assim, “Formar-se é dar forma e significação a seus momentos.”(HESS, 2006, p.101). Nessa condição, observamos a importância do diário como um comprometimento com o processo de construção do conhecimento, construindo e reconstruindo conceitos.

Registrar é revelar afirmações que nos remetam à ação, já que a escrita mobiliza o pensar e o registro ajuda na tomada de decisões no decorrer do processo de pesquisa. Ao longo das horas noturnas não parava de expressar minhas sensações no diário: *O Morfeu me espera...Contudo, a imaginação é mais forte. Olheiras, olhos quase cerrados e a caneta não quer parar de escrever.*

Concordamos com Hess (Ibid.) ao argumentar: “O diário é uma escrita de *fragmentos*. A redação do vivido é sempre limitada. [...] é um escrita para o outro. [...] entre o momento da escrita e o momento da releitura.” (p.92). Através desse distanciamento, permite-nos passar de uma consciência comum à uma consciência filosófica.

Também cabe evidenciar que o diário contém a originalidade e a personalidade do autor, possuindo ou não poesias, reflexões, contos, tendo assim sua característica mais poética, mais discursiva, mais reflexiva.

O diário permite uma postura em relação ao momento presente, pois o registro favorece que a experiência não caia no esquecimento. Para Fiori (2005, p. 8) a escrita é imprescindível porque possibilita: “Aprender a escrever a sua vida, como autor e como testemunha da sua história, isto é, biografar-se, existenciar-se, historicizar-se.”

Lendo novamente o que havia escrito em meu diário trouxe-me o pensamento referido acima: *Como seria este (o diário) se só tivesse linhas em branco, o que eu haveria perdido...* Isto demonstra que se não registramos os momentos, estes muitas vezes perdem-se no tempo, desligam-se da memória e acabam por não possuir mais existência.

Outro ponto que ressalto em meu diário está relacionado ao desafio da escrita pela característica histórica da condição de não nos expormos e/ou pela nossa cultura da oralidade, provocando assim a falta de sistematicidade ao escrever. Por isso, desde início o diário consiste em um suporte para o exercício da construção da pesquisa.

Logo, a partir do diário, a análise ocorreu de acordo com alguns elementos da metodologia de Roque Moraes chamada de análise textual qualitativa ou análise textual discursiva. Para o autor, esse tipo de análise pode ser entendida como “um processo de desconstrução, seguida de reconstrução, de um conjunto de materiais lingüísticos e discursivos, produzindo-se a partir disso novos entendimentos sobre os fenômenos e discursos investigados.” (2005, p.87).

A análise textual discursiva está entre a análise de conteúdo e a análise de discurso em que envolve tanto a interpretação das narrativas quanto a produção de um texto. Sendo assim, baseia-se na reconstrução da pesquisa (MORAES e GALIAZZI, 2006).

Para exemplificar, em uma tabela do Word, após leitura atenta, as narrativas do diário foram separadas em parágrafos segundo mudança de assunto, como as minhas reflexões ou a dos sujeitos de pesquisa, além da descrição das comunidades. É o que Roque Moraes chama de unitarização, isto é, identificar unidades de análise, servindo para ajudar a focalizar elementos específicos do assunto estudado, aspectos que merecem destaque.

Nesse processo, as narrativas foram selecionadas no que tange à descrição da história das comunidades, principalmente da Rosa Branca, da Goiabeira e da Amorosa, além de irmos conectando e observando os valores instituintes-instituídos.

Após, destacamos palavras-chave dessa unidade de análise e o texto foi reescrito com as próprias palavras da pesquisadora. É a fase em que Roque Moraes chama de categorização, ou seja, a classificação e a inserção da narrativa da pesquisadora junto à dos sujeitos investigados.

Por esse motivo, a interpretação consiste na apropriação das palavras dos sujeitos da pesquisa para melhor compreensão das narrativas, ou seja, pode ser definida como um mergulho discursivo coletivo (Ibid.).

A categoria primária emergente a partir do conhecimento do campo de estudo, a Outridade, surgiu pela interpretação das unidades de análise. Em conjunto, fomos analisando subcategorias envolvidas com a Outridade. Essas têm o intuito de amarrar e compreender melhor o sentido desse conceito, e ajudam na construção de um metatexto, em que se encontram as narrativas dos envolvidos com a pesquisa.

As subcategorias ou categorias preliminares surgiram tanto dos autores lidos para a teorização quanto das próprias palavras dos sujeitos. Entretanto, preferimos

definir essas subcategorias como afectos e sensações obtidos com a leitura do metatexto, influenciados ou não por diversos autores teóricos.

A partir da teoria de Roque Moraes¹², baseamo-nos na análise e síntese, ou seja, na fragmentação das narrativas do diário, na criação de um texto pela interpretação do narrador, o metatexto, e na emergência de categorias, as sensações produzidas.

É preciso levar em consideração que a utilização dessa metodologia é bem trabalhosa, porém válida por possuir o cuidado de trazer o discurso de todos os envolvidos, constituindo-se uma boa metodologia analítica para a história oral.

Associamo-nos ao entendimento de Galiuzzi e Mello (2005) ao afirmarem que nos textos produzidos pela pesquisa narrativa é preciso levar em conta a sua codificação, observando datas, contexto, pessoas envolvidas. É importante fazer um relato resumido, pois serve para articular a descrição, a narração e a argumentação com a teoria.

Confesso a dificuldade que obtive pelo excesso de informações, já que acompanhei as comunidades por quase um ano. Assim, a fim de encontrar um começo para o processo de criação do metatexto, comecei com a análise textual discursiva a partir dos dados sociopoéticos, os quais eram menores. Dessa forma, a dissertação começou a ser escrita de trás para frente, depois veio a descrição das comunidades e o resto do texto.

Igualmente, o metatexto foi submetido à análise e à discussão pelos sujeitos que mais contribuíram a fim de que retirassem algumas narrativas que não tivessem a vontade de colocá-las, isto é, histórias que preferiram deixar de lado. Também gostaram de manter seus nomes como plantas medicinais, pois afinal é o que elas trabalham e o que realmente importa é o ofício enquanto grupo.

Enfim, para reforçar o discutido até o momento, tentamos argumentar aqui que a escolha dessas metodologias deu-se da seguinte maneira: primeiramente houve um contato teórico com a pesquisa narrativa, à qual possuímos afinidade e aderimos.

Todavia com o desenrolar da pesquisa, o acercamento de possibilidades, ela foi tomando outros rumos, diversas caras. A ênfase no contexto do grupo, pela

¹² Para maiores informações ler o artigo de Roque Moraes no livro de metodologias emergentes de pesquisa em educação ambiental, organizado por Maria do Carmo Galiuzzi e Vicente de Freitas, nas referências.

etnografia. Pela sociopoética, o estudo dos conflitos de valores instituídos-instituintes por meio dos dispositivos e o aprofundamento das relações e a análise conjunta.

Destacamos assim, que *esta pesquisa não possui uma metodologia específica, mas uma costura entre elas*, isto é, retiradas e extraídas de alguns elementos de cada, que acabam por configurar o que representa para nós este texto.

Desse modo, destacamos que antes de definir qualquer metodologia, a narrativa desta dissertação, constituiu-se por meio de entrelaçamento de diversas narrativas. Nesse ínterim, com minhas pernas ainda cambaleantes, como se estivessem aprendendo a caminhar, entreguei-me aos contos cotidianos espelhados e refletidos no contexto sócio-histórico, sofridos, inventados e reinterpretados por habitantes do percurso vivido.

PARTE II – RESULTADO DO MOVIMENTO DESTA PESQUISA**5 A HISTÓRIA DAS COMUNIDADES AUTOGESTIONADAS**

5.1 AS TRÊS ECOLOGIAS NESTAS COMUNIDADES AUTOGESTIONADAS

Com o objetivo de situar os leitores desta dissertação no entendimento da autogestão comunitária, neste capítulo, procuramos trazer narrativas de pessoas que estão trabalhando já há algum tempo nas comunidades e a transformamos em uma história, localizada temporal e espacialmente.

Ficamos limitados pela abrangência do tema. Devido ao caráter descritivo da auto-organização, algumas discussões teóricas, neste momento, não foram realizadas. Nosso intuito foi contarmos uma narrativa a partir de diversas narrativas observando a construção do trabalho.

Com essas histórias, procuramos compreender e potencializar o movimento educativo ambiental não-formal realizado por essas comunidades a partir da reconstrução de sua própria história, bem como visualizar os enfrentamentos, as dificuldades de mobilização social e a sua organização.

Para Barembritt (2002) a autogestão pode ser mais bem percebida em dois níveis: no resultado do trabalho e no processo, isto é, o que faz com que as comunidades se movimentem e produzam existência.

Segundo este mesmo autor, a auto-organização corresponde a como a comunidade se institucionaliza, os seus dispositivos de funcionamento e a captação de recursos. Portanto, a auto-organização é a compreensão mais concreta da autogestão. A comunidade é formada por um grupo de indivíduos vinculados por alguma atividade compartilhada, o que cria a sua singularidade e peculiaridade. Isso acaba por conferir, assumido de diferentes maneiras, a coesão e a identificação com o grupo.

Para Lourau o projeto autogestionário consiste em promover poder de atuação ao indivíduo, que comumente deveria ser do Estado e de políticas públicas e privadas. Com isso, ele passa a gerir em conjunto com outras pessoas questões econômicas, técnicas e outras instâncias que comumente funcionam externamente ao seu poder de atuação e decisão. É a democracia direta: “[...] é a democracia nas formas sociais reais, graças à ação instituinte dos indivíduos e não apenas da ação reguladora do direito.” (ALTOÉ, 2004).

Logo, toda comunidade autogestionada possui ações instituintes, porém como uma instituição, há valores instituídos para o funcionamento de sua própria organização.

Ao mesmo tempo, Barembritt (2002) coloca que todo processo instituinte implica uma certa divisão do trabalho, bem como algumas especializações nas operações de planejamento e decisão. No entanto, os conhecimentos essenciais que garantem o funcionamento e as principais decisões são compartilhadas. A partir dessa afirmação, o mesmo autor ressalta que:

Isso não descarta que possam acontecer novamente problemas de concentração de saber e de poder, porque este processo de auto-conhecimento e auto-gestão é interminável. Provavelmente, haverá necessidade de muitas gerações autogestivas e auto-analíticas para que o processo possa exercitar-se em sua plenitude. (p.21).

Com esse parágrafo podemos refletir que a autogestão é um processo intenso e cuidadoso, pois como faz parte de uma instituição, por menor porte que seja, há determinados valores e culturas sociais que nos subjetivam e que acabamos tendo atitudes instituídas que dificultam as ações instituintes, por mais que as desejamos.

Para tanto, este capítulo procura demonstrar a auto-organização comunitária. Já o capítulo sete preocupa-se em apresentar a Outridade, pela qual surge a vontade do fazer educativo nestas comunidades.

Elas surgiram em 1986 na cidade de Pelotas (RS), tendo como um de seus principais objetivos o trabalho com a medicina alternativa. Devido ao descaso de órgãos públicos e privados com a saúde da população, as participantes foram impulsionadas pelo desejo de melhorar a qualidade de vida, principalmente de pessoas com condições sócio-econômicas desfavorecidas, pela dificuldade destas conseguirem atendimento.

Além disso, esta proposta de trabalho pretendia diferenciar-se de outros atendimentos reducionistas, os quais somente enxergam a pessoa como doença e passiva em seus cuidados. A aposta das comunidades traz a percepção de todo desenvolvimento humano, pela autonomia na aprendizagem de cuidados com a saúde física, energética, emocional e profissional, bem como auxiliar para que toda pessoa aprenda a fabricar seu próprio medicamento através do conhecimento das plantas medicinais.

Esta organização social abrange o caráter educativo pela mobilização das pessoas, aprendendo umas com as outras a se situarem politicamente na sociedade, além da forma como são valorizadas as relações pessoais e com a

natureza, numa atitude micropolítica. Micro não por ser inferior, mas porque foge dos padrões compreendidos nos períodos históricos, em que a concretização das mudanças viria somente com a obtenção do poder do Estado.

Em relação a isso, Lourau afirma que a verdadeira política é a vida cotidiana, ela: “[...] não é assimilável ao jogo tragicômico dos profissionais, a política começa com a briga de casal, o desentendimento entre os pais e filhos. É a política que tece as relações sociais, públicas ou privadas, de dia e de noite.” (ALTOÉ, 2004, p.122).

Nesta perspectiva, a política está em todas as relações e em como as vivemos e as resolvemos. Esta revolução dos detalhes, porque construída em diversos espaços e encontrada em múltiplas organizações, pode ser observada na ata de uma das comunidades. Nesse documento, constam os objetivos desse local, os quais são, na realidade, os objetivos das comunidades:

Assistência e educação, desenvolvimento das atividades terapêuticas com o fim de capacitar pessoas para melhor atender àqueles que buscarem a Casa do Caminho¹³. Serve também de terapias ocupacionais e promoção de voluntariado. [...] Promove bem-estar físico, emocional e energético dos que nela freqüentam e trabalham; promover a caridade e o atendimento de saúde com métodos alternativos.

O trabalho de caridade não é aquele muitas vezes realizado por pessoas que doam objetos não quistos, porém consiste em um trabalho educativo de doar-se ao outro, *de produção de acontecimentos para a melhoria das condições de vida tanto de quem recebe, quanto de quem se doa*, por meio da troca amorosa de ambos e pela aprendizagem de um ofício.

Outro fato importante de ser salientado é a promoção da gestão popular na área da saúde, independente dos postos de saúde e dos hospitais, os quais, às vezes, carecem de um atendimento humanizado aos pacientes. Outra crítica é que o atendimento às pessoas nesses locais baseia-se unicamente na terapêutica através de medicamentos fabricados industrialmente em grande escala. Isso acaba por negar o direito do povo do saber fitoterápico, transmitido há vários séculos. É a complementaridade entre a sabedoria ancestral do estudo da natureza e a constante produção educativo-cultural, descrita em uma dedicatória no livro-ata citado, relatando que as comunidades:

¹³ Nome de uma das comunidades.

[...] sabem aproveitar o que a natureza e a ciência colocam à disposição para curar, preservar e aumentar a qualidade de vida. Ficamos encantadas diante da unidade de uma equipe multiprofissional que se coloca gratuitamente a serviço do bem comum, repartindo seu tempo entre os compromissos da família e as necessidades das comunidades. Voltaremos no próximo ano para estar com vocês e aprender umas das outras.

Neste sentido, apesar de não saberem que praticam educação ambiental não-formal e informal, as comunidades exercem seu trabalho no âmbito das três ecologias: a ecologia ambiental, na relação com a natureza, tendo respeito pelas plantas e outras formas de vida ou pelo uso de homeopatia para a limpeza do solo e da água; a ecologia mental e a ecologia social, esta pela provocação de engajamento popular, aquela pelo bem-estar proporcionado nas relações entre as pessoas da comunidade e com os visitantes, causando profundas mudanças mentais em todos os envolvidos.

Com isso, as comunidades têm o intuito de: *Melhorar a situação e as condições de vida, de saúde. O todo da pessoa. A alegria é a fonte da cura, por isso nosso trabalho deve ser feito com alegria. Muitos médicos só dão a receita e vão embora* (Rosa Branca).

A fim de que possa ocorrer a mudança, que vai contra a opressão do nosso sistema econômico, devemos cuidar da nossa casa, da ecologia, (“eco” vem do grego, *oikos*, que significa casa) em todos os seus espaços, isto é, no relacionamento de respeito que temos com a natureza, com a sociedade e consigo.

Conforme o referido autor, a ecosofia é uma pedagogia capaz de inventar seus mediadores sociais, seus educadores ambientais independente de profissões, e com isso, viabiliza para que todo cidadão possa contribuir para a transformação, inventando uma outra forma de viver, de se organizar contra o estabelecido e contra a hierarquia de quem sabe mais e de quem pode mais.

Seguindo o pensamento de Guattari, a ecosofia consiste em linhas de recomposição das práxis humanas – prática e reflexão sobre a prática - nos mais variados domínios. Realiza-se em todas as escalas individuais e coletivas, naquilo que concerne tanto à vida cotidiana quanto à reinvenção da democracia, trazendo a democracia direta pela autogestão e a autonomia comunitária, para a tentativa de resolução dos problemas sócio-ambientais.

A principal aposta da ecosofia consiste na produção de novas subjetividades nesses três domínios. As lutas ecologistas de proteção do ambiente natureza

somente irão adquirir sentido se aprendermos a lidar com as outras relações, com pessoas e com a própria existência. “Não somente as espécies desaparecem, mas também as palavras, as frases, os gestos de solidariedade humana.” (GUATTARI, 2001, p. 27).

Nessa mesma intenção, Barcelos (2004) reflete que a extinção ocorre de diversas maneiras, desde ao aniquilamento das espécies animais e vegetais à destruição de povos e culturas, diminuindo assim a diversidade.

Com menor diversidade, menor as experiências com o diferente. Assim, a extinção diminui as n possibilidades de relação com o outro, despotencializando a produção de subjetividades alternativas.

Por isso, urge refletirmos que o cuidado com a natureza não deve ocorrer somente entre amantes hippies e profissionais diplomados, mas devemos observar quais subjetividades estamos produzindo e que nos produzem, para escolhermos que tipo de relação com o outro pretendemos ter/ser.

Sob o nosso olhar, consideramos interessante a conexão das três ecologias nas comunidades, inventando outras maneiras de se relacionarem com a saúde e desta com seus variados ambientes, sendo o povo, o próprio gerenciador. Não esperar que o Estado venha resolver os problemas sócio-ambientais demonstra a autonomia da população pela capacidade de articularem-se e solucionar seus conflitos, criando outras formas de ser: *Não podemos ver o sistema falido, mas ver o que a gente pode fazer.* (Amorosa)

A criatividade está diretamente ligada à capacidade de “evoluir, inovar e inaugurar novas perspectivas, sem que seus autores possam se fazer valer de fundamentos teóricos assegurados pela autoridade de um grupo, de uma escola, de um conservatório ou de uma academia.” (GUATTARI, op. cit., p.22). Novas perspectivas porque diferentes e diversas, ou seja, outras práxis que não estamos acostumados a ver e que muitas vezes não imaginamos serem capazes de existir.

Nesse contexto, fazer evoluir a prática e a reflexão sobre ela pela educação é um exercício de cidadania pelo direito de poder contribuir, neste caso, com a saúde da população, sendo um belo exemplo de como as coisas devem e podem funcionar, transgredindo discursos de pessoas que dizem o que podemos e o que não podemos.

Assim, este trabalho comunitário surge como uma organização social alternativa, e dialogando com Pereira (1997), as grandes transformações

sociopolíticas vem através do próprio povo, em suas múltiplas organizações, independente, muitas vezes, de partidos e sindicatos: “é a democracia interna nos coletivos reinventados.” (p.45).

Não queremos menosprezar o que a ciência tradicional e os profissionais da área da saúde têm a contribuir. Portanto, problematizamos o porquê do povo também não poder ajudar na melhoria da qualidade de vida, trazendo suas características culturais de fitoterapia, religiosas, benzeduras e energéticas, técnicas essas que igualmente curam, seja pela crença e pela fé ou por atuarem diretamente na fisiologia do corpo humano. Essas habilidades geralmente são discriminadas pelo sistema econômico por não envolverem poucos ou nenhum recurso financeiro.

Enfim, urge quebrar barreiras, alcançar vãos mais altos, imaginar, sonhar e criar. Enfrentarmos juntos e assim crescermos. Convidamos aos leitores a história das comunidades: uma narrativa em narrativas.

5.2 COMO OCORREU O INÍCIO DA ESTRUTURAÇÃO DAS COMUNIDADES

A indignação frente às injustiças sociais levou a Irmã Rosa Branca, idealizadora das comunidades, a começar as atividades com a medicina popular. A principal motivação foi quando conheceu uma família que possuía uma criança com pneumonia e acabou falecendo devido ao descaso dos profissionais da área da saúde. Os hospitais e os médicos haviam entrado em greve e as pessoas que atenderam a criança diagnosticaram como se ela não estivesse em estado precário; infelizmente, estava muito enferma.

A indignação consiste em um dos sentimentos em vias de extinção, assim como a solidariedade, a ternura, a tomada de riscos, a amizade genuína. A gente pode se indignar para dentro, mas poucos o fazem para fora, não só denunciando ou queixando-se, mas construindo uma alternativa.

A partir de então, a Irmã percebeu a urgência do serviço com as plantas medicinais, isto é, a saúde sendo também administrada pela população. Resolveu

montar uma equipe – termo utilizado pelas pessoas das comunidades¹⁴ - ensinando o que já conhecia a outras pessoas para que pudessem se articular.

Era um período em que o serviço público de atendimento hospitalar era muito precário, o doente podia ficar somente três dias no hospital para dar lugar a outros, mesmo se o primeiro paciente tivesse que ficar mais dias para não vir a falecer.

Logo, para ajudar a população, surgiu o necessário atendimento com a medicina popular e o primeiro curso de fitoterapia e massagem. Das trinta pessoas inscritas no curso somente sete compareceram, as chamadas “fundadoras” (atualmente duas já faleceram). E com o desejo de mobilização, a Irmã estimulou a ação: *Esse curso não vai ficar engarrafado pro povo não morrer na míngua.*

Depois de montada a equipe, um padre ofereceu uma sala na igreja da comunidade Santa Rita. Inicialmente, a Irmã havia pensado em ensinar o pessoal para estes assumirem o trabalho sem ela, entretanto ocorreu tanta procura pelo povo que a Irmã teve de permanecer. A Santa Rita foi a primeira comunidade a realizar esse trabalho popular e atualmente atende de graça, pois as pessoas do bairro são muito desfavorecidas economicamente. Por isso, o estabelecimento nessa comunidade sofre riscos de ser fechado; contudo, a fim de impedir que isso aconteça, as outras comunidades ajudam com a manutenção da casa.

No princípio dos estabelecimentos das comunidades as participantes somente secavam os chás, faziam as tinturas, os xaropes e os tônicos. Por influência de um amigo da Irmã, a homeopatia começou a ser desenvolvida nesse serviço comunitário. A partir disso, Rosa Branca passou seis anos indo a Cuiabá (MT), duas vezes por ano, para aprender as técnicas com integrantes da Associação Brasileira de Homeopatia popular. E foi assim que continuou a expansão.

A partir dessa história, podemos observar toda a aprendizagem de educação ambiental não-formal e informal, trocando saberes de experiência, os quais possibilitam novas práxis e o crescimento da organização comunitária. Cada pessoa doando-se de alguma maneira, como na proposta de Paulo Freire, em que todo mundo tem algo a aprender e todo mundo tem algo a ensinar (FREIRE, 2006).

Pouco a pouco, a mobilização social desse trabalho educativo ambiental começou a crescer e ir formando as comunidades pelo desejo de trabalhar com o outro. As pessoas que atualmente participam nas comunidades estão devido à

¹⁴ O detalhamento de todas as comunidades e o impacto social delas estão explicitados mais adiante, a fim de não perdermos a continuidade da história.

afinidade com o engajamento político pela indignação contra o sistema opressor, pelas crenças religiosas e por retribuírem à comunidade o que dela receberam, porque um dia foram ajudadas.

5.3 OS ENFRENTAMENTOS

Os enfrentamentos são forças instituídas que se opõem a um trabalho que difere do padrão estabelecido, as quais são encontradas na sociedade inclusive em nossos próprios preconceitos. Essas forças provêm da nossa cultura na tentativa de destruir e atrapalhar qualquer acontecimento e ação que difere da opinião comum.

Assim, as comunidades podem ser perigosas ao sistema por não envolverem dinheiro, não sendo um ponto mercantil, e porque se pretendem não hierárquicas, podendo ser uma “má influência” para “aqueles” que acreditam que devem ter líderes que falam e povos que calam.

Na continuidade da história, mais comunidades foram surgindo porque a população pedia atendimentos em outros bairros, e na seqüência, reuniam-se pessoas, ministravam-se treinamentos e formavam-se equipes.

Inicialmente, foi bem difícil instalarem-se nos bairros, foram despejadas onze vezes das casas em que organizavam, todavia enquanto fechava uma comunidade abria umas duas ou três em outros locais. Ao conseguirem um espaço, reformavam-no e quando estava tudo pronto algumas pessoas pediam para que a equipe fosse embora. Alegavam várias coisas, como por exemplo, a Igreja cobrando aluguel, os padres pedindo o local para os seminaristas ou as associações de bairro querendo a casa para fazer festas. E às vezes, o preconceito da diretoria do local, dizendo que juntava muita gente pobre.

Outra vez, em uma comunidade estava marcado um grande curso de fitoterapia, cento e sessenta inscitos, inclusive viriam pessoas de Montevideú. Dois dias antes o responsável pelo local falou que o curso não poderia ser ministrado porque o espaço iria ser ocupado por estudantes. Preocupadas, tentaram conseguir outro estabelecimento, entretanto nenhuma paróquia quis ceder. Um senhor percebeu o ocorrido e convidou-as a dar o curso em sua boate. *Foi um dos melhores*

curtos, tinha fogão, a casa oferecia muitas coisas. Foi o maior escândalo pro povo. Deus abre caminhos (Rosa Branca).

O trabalho nas comunidades é ecumênico, ou seja, independente de religião, e a igreja ajuda somente dando a pessoa da Irmã, além disso, as que participam são voluntárias. *O dinheiro do povo volta ao povo (Rosa Branca).*

O trabalho é ecumênico, desde a primeira casa, na Santa Rita, mas daí, outras comunidades, que são pastorais da saúde de determinada religião resolveram também montar um grupo e a Irmã vai lá atender. Tem religião católica, anglicana, luterana, mas todas são, de certa maneira, ecumênicas. Certa vez disseram à Irmã: 'estás te misturando demais'. E ela respondeu, misturando com quem, afinal todos são filhos de Deus (Goiabeira).

A Irmã nunca pergunta a religião de ninguém. Eu não tenho religião, só sigo o cristianismo que tem como preceitos amar a Deus e ao próximo como a si mesmo (Goiabeira).

A religião permeia muito dos discursos das participantes através de leituras do evangelho antes do atendimento nas comunidades, não como uma imposição, mas como material educativo. A equipe e as pessoas que procuram as comunidades sentam-se em roda e uma pessoa lê o evangelho, a seguir discutem o que ele tem para educar como nos diálogos proferidos sobre a multiplicação dos pães e dos peixes e a reflexão sobre a compaixão: *Está todo mundo alienado... vamos ver se nós vamos ter compaixão e solidariedade maior, nós não temos somente a nossa comunidade, mas o mundo inteiro pela frente. Jesus disse: a missão é grande, mas os operários são poucos (Rosa Branca).*

É interessante observarmos que a discussão do evangelho, dependendo de como o utilizamos, consiste em uma grande ferramenta educativa de mobilização social, como nos verdadeiros cristãos, oposto ao Estado de Cristandade, representado pelo papa, o qual é altamente hierárquico.

Através dessas leituras, potencializar as práticas dos envolvidos nas comunidades e das pessoas que as acompanham. Conforme Rosa Branca, ao dizer: *Lemos o evangelho porque tem muita coisa bonita, ele vai moldando o coração, e não é porque sou da igreja católica. Lê o evangelho é uma coisa, lê com os outros é outra coisa, aprendemos mais quando discutimos.*

Como o Brasil é um dos países com maior número de cristãos, a mobilização social, nesta situação, está mesclada com o exemplo da vida de Jesus Cristo. A fé

como suporte da esperança e o acreditar que as coisas podem dar certo, bem como falar a própria linguagem do povo, isto é, o seu contexto místico e religioso. Para Freire (2006) o evangelho está ligado à própria cultura popular e à manifestação de suas crenças, sendo uma das melhores formas de comunicação e estímulo à leitura.

Além dos enfrentamentos com a questão da ecumenicidade, não aceita por algumas pessoas, há o impasse da ciência especializada da área da saúde, a qual, conforme já mencionada, muitas vezes envolve capital e a hierarquia de que somente os cientistas e empresários são possuidores do conhecimento, negando qualquer atividade do povo. Isso pode ser evocado pelos discursos de alguns cientistas acadêmicos da FURG, os quais relataram que o trabalho de saúde popular não é científico, sendo extremamente empírico: *“O programa de saúde da pastoral é perigoso.”*

Obviamente não somos contra a ciência ao quisermos confrontá-la, mas problematizamos as suas intenções e ações. Concordamos com Tres (2006) ao afirmar a necessidade da ciência ser uma fonte de transformação social, ajudando a minimizar a exploração desigual pela incorporação de valores e princípios ambientalistas de questionamentos sociais. Para que serve, para quem e como a ciência serve à humanidade são questões a serem perguntadas a todos instante.

Também, no ano de dois mil e sete, essas comunidades sofreram intervenções pelas instituições de saúde, as quais queriam que as comunidades fossem fechadas caso seguissem utilizando o atendimento com a hemoterapia. Essa técnica popular, existente há tempos, consiste em retirar o sangue da pessoa e injetá-lo em outro local. Esse procedimento faz com que o sistema imunológico se fortaleça, tendo vários efeitos benéficos para o organismo (anexo A)¹⁵.

Assim, a televisão – como muitas vezes faz – foi uma forte aliada no convencimento do povo sobre a periculosidade da hemoterapia, porque não científica; naquela apareceram discussões nos programas da rede globo, Jornal Nacional e Fantástico, alegando que a hemoterapia era perigosa porque não tinha comprovação da comunidade científica. Como a televisão é produtora de discursos, surgiram boatos de que as comunidades queriam contaminar as pessoas através dessa técnica.

¹⁵ Apostila criada pelas comunidades contendo várias informações sobre saúde.

Não queremos fazer uma discussão sobre a cientificidade, mas trazer duas questões para pensarmos: a hemoterapia é uma técnica que ajuda a curar e a prevenir doenças, não possuindo praticamente custo nenhum, somente a aplicação da injeção por outra pessoa e o custo do aparelho de aplicar. Com isso, como pode uma técnica ser utilizada por todos, o que faríamos com os vários medicamentos a serem comprados e os bilhões de dólares que são movimentados? Outra questão é: se a hemoterapia existe há tanto tempo, porque a comunidade científica ainda não teve interesse em verificar sua viabilidade?

Outro enfrentamento ocorre, e principalmente, em nós mesmos, porque estamos inseridos nessa cultura vigente. Temos de estar atentos e refletirmos sobre nossas próprias ações e discursos, inclusive naqueles que participam ativamente para a transformação social. São as nossas próprias contradições, as quais são impossíveis de negar: *Até nas equipes tem ciúme, bobagem, onde tem gente, tem isso. Eles não se dão conta que estão massacrando o outro, porque temos muito mais a colher do outro* (Rosa Branca).

Nessa condição, a percepção e a atenção de que é preciso termos cuidado nas nossas relações e observarmos como estamos reproduzindo o sistema pela competição, fato este desenvolvido pelos nossos egoísmos, ensurdecendo a nossa escuta ao outro ou por termos a pretensão de nos enxergarmos em somente uma comunidade, a qual compete com a outra ao invés de tentar a união para o fortalecimento e a busca de objetivos comuns. Aprendemos com a narrativa de *Amorosa: Eu nunca levantei bandeira, eu tenho muita amorosidade. O cuidado ao outro é que me faz ser contra.*

Guattari (2001) argumenta que adesões a bandeiras ideológicas maniqueístas acabam por excluir o diferente. A competição com o outro por assumirmos um território, uma bandeira, não permitindo o diálogo e a conjunção *e*. Aceitar os diversos *e(s)* é aceitar o terceiro incluído e conforme nossa percepção o quarto, o quinto... expandindo assim nossos espaços de produção de subjetividade.

Nesse sentido, deveríamos ser de todas as comunidades, porque pensamos em um mundo mais justo, menos feio. Indiretamente, somos de todos os movimentos que lutam contra o sistema que oprime, pois geralmente temos desejos comuns e os mesmos projetos de vida, que é a transformação da sociedade.

Levantarmos a bandeira e assim nos fecharmos impede o diálogo e a criação conjunta. Não é a bandeira que faz sermos contra a injustiça, mas sim o cuidado que

devemos ter com o outro, conforme aquele célebre ensinamento cristão, salientado pelas comunidades: amar a Deus e ao outro como a si mesmo¹⁶.

5.4 A EXPANSÃO DO TRABALHO EDUCATIVO

Uma atividade interessante é a metodologia utilizada nos cursos ministrados pelas equipes a fim de que outras pessoas assumam esse trabalho em outras cidades ou em bairros de Pelotas. Durante o curso, Goiabeira fala sobre o fundamento religioso envolvendo a natureza e o outro. A natureza é enxergada como uma dádiva de Deus, devendo amá-la e respeitá-la como, por exemplo, ao ter o cuidado ao coletar as plantas para os chás, pegando somente o necessário.

Ensina também que o trabalho deve ser feito com solidariedade e mutualidade. Sempre deve haver troca, se não tem dinheiro para pagar os medicamentos, doam um quilo de açúcar para o xarope, ou quem sabe contribuir entrando para a equipe. Elas pedem um turno por semana, mas com responsabilidade de ir sempre ajudar para que o trabalho funcione.

Segundo Goiabeira, algumas cidades em que a equipe já realizou o curso são as seguintes: Arroio Grande (nove comunidades), Pinheiro Machado, Herval, Canguçu (sessenta e oito comunidades); Camaquã, Santana do Livramento e Piratini (nos assentamentos sem-terra). Além de lugares mais distantes, como Montevideu (Uruguai), Bahia, Foz do Iguaçu, sem contar as cidades que tiveram cursos, contudo acabaram não assumindo esse trabalho.

O curso consiste em dois módulos, realizados em épocas diferentes, no primeiro, a teoria e a prática, no segundo, após algum tempo, a equipe vai novamente à cidade para conversarem sobre as dúvidas e as dificuldades. Os módulos ministrados são: fundamento religioso – o respeito pelo outro e pela natureza; massagem; homeopatia e fitoterapia, nesta abordando a indicação medicinal, plantas tóxicas, cuidados e contra-indicações. Depois, fazem aula prática de atendimento às pessoas do bairro e os participantes do curso discutem o caso.

¹⁶ Para quem não crê em Deus como uma unidade, como algo externo, podemos pensar como o Deus que existe em nós, a energia positiva imanente que emana de nossas práticas e reflexões, no nosso modo de viver a todo instante.

5.5 A ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO COMUNITÁRIO

Atualmente na cidade de Pelotas há treze comunidades (Figura 1). Elas têm contato entre si principalmente pelo atendimento da Irmã, a qual vai a duas comunidades por dia, raramente três, sendo que em algumas vai a cada quinze dias. O contato entre as comunidades também ocorre através de cursos, palestras ou atividades religiosas que são divulgadas entre todas as comunidades, bem como a reunião anual.

Todos os anos há a “oficina de reciclagem”, na qual todas as comunidades participam, essa consiste em um curso de fitoterapia para atualizar as técnicas de saúde popular e compartilhar conhecimentos. Há também, o Congresso de homeopatia da Associação Brasileira de Homeopatia Popular (ABHP), em que sempre é fretado um ônibus para que as comunidades possam trocar saberes com outras comunidades populares do Brasil.

Com relação ao atendimento com medicina alternativa, há tratamentos fitoterápicos, homeopatia, reiki, massagem, biodança, bem como os serviços com psicólogos, enfermeiros e médicos, os quais voluntariamente sentem a necessidade de ajudar. O preço de atendimento é simbólico, somente com o objetivo de manutenção da casa e dos materiais. Além disso, há cursos profissionalizantes e artísticos, desenvolvidos principalmente no presídio, melhor representado no próximo capítulo.

Para uma melhor organização, todo final de mês há uma reunião em cada comunidade a fim de discutir o balanço dos gastos mensais, divulgar cursos, propor atividades de lazer, trocar conhecimentos e refletir sobre as atividades, fortalecendo o grupo para o enfrentamento dos problemas e a escolha de melhores rumos de atuação como, por exemplo, na narrativa do Alecrim: *No adoecimento da sociedade o homem humano é o esperto, o que tira proveito próprio. Temos de fazer um pacto: desadoecer o olhar juntos. Não vai haver milagre, mas a abertura de caminhos.*

Dessa forma ocorre a percepção crítica do mundo e as válvulas de escape: “Mas mesmo na ‘domesticação’ do olhar existem ‘brechas’/‘retomadas’ para que as coisas tomem algum frescor e novos discursos entrem em cena.” (KIRST, 2003, p. 50).

Outra atitude interessante que produz bem-estar e o conseqüente pertencimento às comunidades é o momento do chá, o qual ocorre depois do atendimento aos visitantes, em que cada pessoa leva algum alimento que é compartilhado. Nessa hora ocorrem conversas informais, trocas de intimidades e problematização dos problemas sociais. O compartilhar alimento, o sabor, também é compartilhar saberes, feito este, há muito tempo saboreado.

Para uma melhor organização de cada comunidade, há uma coordenadora, que é substituída a cada dois anos, a qual dispõe a se responsabilizar mais pelo trabalho. *Essa função mais necessária como uma exigência para a organização dos trabalhos do que uma função de chefia, pois numa equipe todos têm a mesma importância independente da função que cada um desempenha para que assim o trabalho flua com harmonia e paz* (Brinco de Princesa).

Conforme já mencionado, são treze comunidades, cujos nomes estão na figura abaixo representados nas elipses. A educação ambiental não-formal é designada pelas suas práxis, tendo como alguns apoios de reflexão as reuniões que ocorrem mensalmente em cada comunidade, além da reunião anual e do momento do chá.

É interessante observar que esta pesquisa e nossos diálogos com as comunidades já influenciaram, proporcionando devires e formas de organização. Em uma discussão, abstraímos a importância da obtenção de maiores contatos entre as comunidades para que a proposta se fortaleça e crie um sentimento de pertença. Assim, incentivamos encontros mais seguidos, e a partir de setembro do ano de 2007 elas começaram a realizar uma reunião por mês entre todas comunidades, discutindo os problemas e agregando pessoas que tenham outros conhecimentos a trocar.

Isso demonstra como a percepção do trabalho de pesquisa pela comunidade contribui de alguma maneira à sua mudança, conforme argumentam Galiazzi e Mello (2005):

Mas os pesquisadores narrativos fazem muito mais que procurar e ouvir histórias. O pesquisador vive as experiências contadas e recontadas por seus participantes de pesquisa, de forma que possam juntos refletir e construir significados sobre as histórias contadas para compreender suas práticas e outra perspectiva e então vislumbrar novos ou diferentes caminhos a trilhar no futuro. (p. 10)

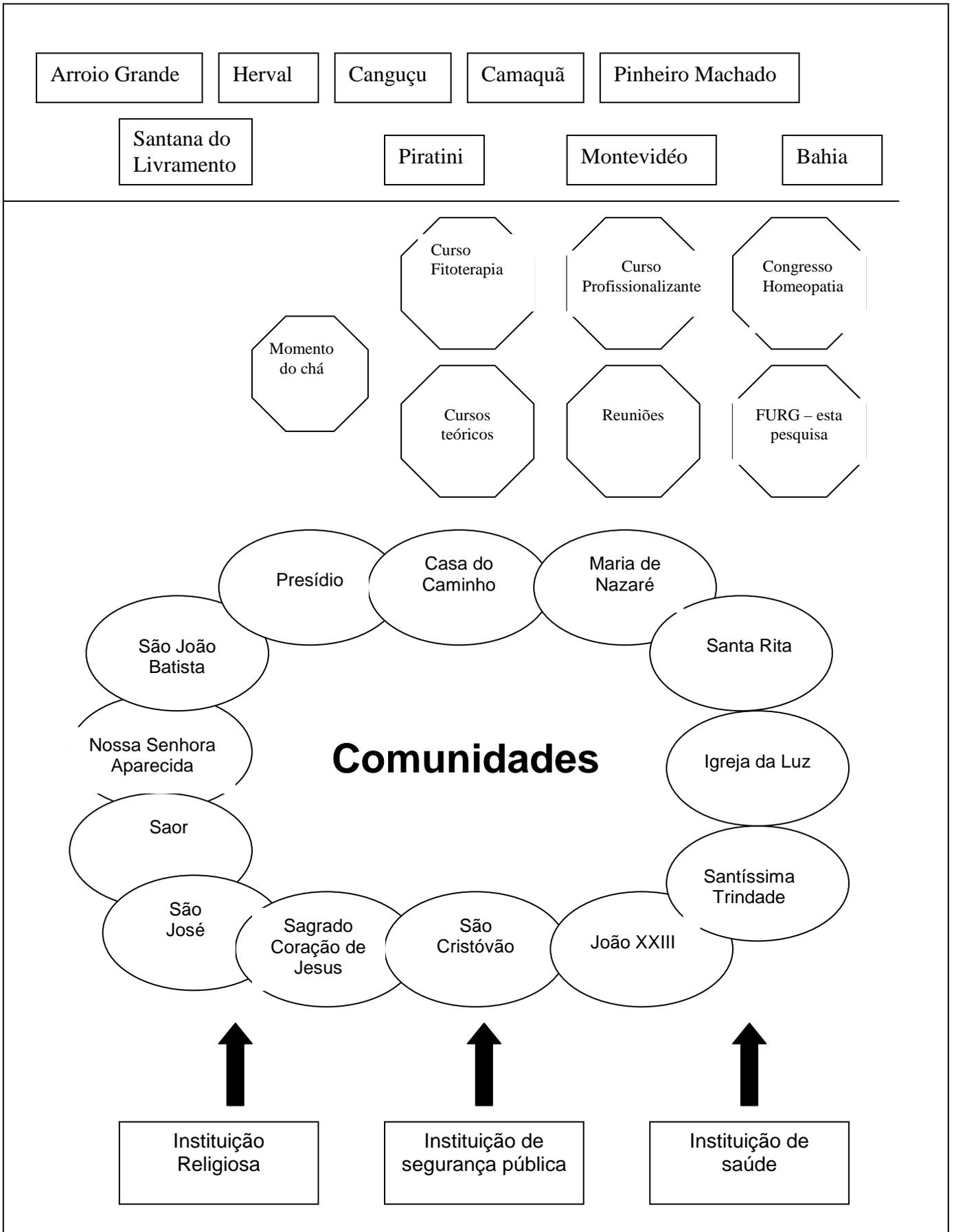


Figura 1 - representação das comunidades, das cidades que aderiram ao trabalho e os enfrentamentos sofridos pelas instituições.

Na continuidade, entre os cursos teórico-práticos realizados há o de fitoterapia para todas as comunidades. Novos cursos são compartilhados quando cada uma das organizadoras entra em contato com algum ministrante e convida as demais, como por exemplo: oficina de oração, no estudo do evangelho, reiki, medicina vibracional, com um médico porto-alegrense, e técnicas orientais de consciência corporal.

Além desses, há os cursos profissionalizantes como o de massagem, no qual conseguiram um valor somente de custo do diploma, sendo cobrada uma taxa muito inferior ao mercado. Também, os cursos profissionalizantes que ocorrem no presídio.

De acordo com a figura acima, as outras cidades que já trabalham na mesma perspectiva já foram referenciadas anteriormente, bem como os enfrentamentos – representados na seta contrária, na parte de baixo da ilustração - da instituição religiosa, que inicialmente não se adaptava com a ecumenicidade e das instituições de saúde e da ciência, que negam o saber popular, além da instituição de segurança pública. Contudo, queremos deixar claro que essa relação é ambígua, tendo também o respectivo apoio dentro das mesmas instituições, por elas também serem formadas por valores instituintes.

No Congresso de Homeopatia Popular do ano de 2007 foram vinte duas pessoas representando as comunidades, neste, com o nome de “Homeopatia popular e solidariedade planetária: uma nova saúde é possível”, discutiram-se principalmente questões relacionadas aos movimentos populares na área da saúde e a sua importância educativa, tendo a participação de conhecidos autores da educação ambiental, como Michele Sato e Luis Augusto Passos, ambos da UFMT¹⁷.

Nesse encontro foram abordados os seguintes temas: as ações dos educadores da homeopatia popular; a saúde como objetivo de autonomia, emancipação do povo e a luta por direitos; a homeopatia como instrumento de transformação; a interação da homeopatia popular e a rede pública de saúde; a solidariedade e o caráter político da intervenção popular.

Para complementar, na Figura 2 trazemos o impacto social aproximado de cada comunidade demonstrando o número de pessoas envolvidas nesse trabalho de educação ambiental.

¹⁷ UFMT – Universidade Federal do Mato Grosso, na mesma cidade onde foi realizado o Congresso: Cuiabá.

Comunidades	Ano de abertura da casa	Número de voluntários	Número de pessoas atendidas /semana
Presídio	2004	3-6	70
São José	1997	15	10
João XXIII	1996	18	15
Saor	1996	40	30
Casa do Caminho	1996	40	50
Sagrado Coração de Jesus	-	-	-
Igreja da Luz	-	-	-
São João Batista	1992	9	15
São Cristóvão	-	-	-
Nossa Senhora Aparecida	1988	7	24
Maria de Nazaré	1988	25	15-25
Santíssima Trindade	1988	12-15	10
Santa Rita	1986	8	10

Figura 2 - Observação do impacto social pelo número de voluntários e número de pessoas atendidas em cada comunidade.

Essa figura tem o intuito de dar uma perspectiva do número de pessoas tanto no trabalho voluntário quanto de pessoas atendidas nas comunidades. Se fôssemos multiplicar pelo número de pessoas que passam pelas comunidades por ano, vê-se que há muita gente envolvida, embora este número varie. A partir dos dados que conseguimos, de dez comunidades, podemos ver que o número aproximado de voluntários que trabalham nas comunidades por ano é de 183, e o número total de atendimentos por semana corresponde a 259, logo, estimativa aproximada por ano de 13.727.

Entretanto, nossa pretensão não é de dados estatísticos, mas de percepções. Além da visualização de que tudo iniciou com um primeiro curso de apenas sete pessoas há aproximadamente vinte anos.

De acordo com o observado, das treze comunidades, a mais antiga é a Santa Rita, com vinte e um anos de permanência e a mais nova é a comunidade no presídio, com três anos. A maioria das comunidades atende pelo menos duas vezes por semana.

No entanto não conseguimos obter números de pessoas em cada linha de contato, como por exemplo, nos cursos nas outras cidades e em algumas comunidades. Há poucos registros dos números de envolvidos, fato este explicado por Amorosa: *a matemática das comunidades é outra*.

Para finalizar esta história trazemos a frase de Aroeira: *E o bonito da homeopatia é isto, o semelhante cura o semelhante*. Na homeopatia, o processo de cura se dá pela reação do organismo ao entrar em contato com algo semelhante ao que produz a doença, por exemplo, para quem fuma, a cura da homeopatia é feita com materiais do cigarro, para quem sofre de alergias, a cura da homeopatia é feita com o que causa a alergia, e assim em pequenas doses, o corpo aos poucos vai adquirindo resistência e eliminando o que adocece.

Ao refletirmos sobre a frase da Aroeira, o preconceito e o egoísmo é curado pela reflexão que temos de nossas ações e de nossos pensamentos, que pouco a pouco, em doses homeopáticas, vamos aprendendo a lidar com os nossos sentimentos. O mesmo acontece para o que temos de bom, e o amor quando posto em reflexão e refletido, no sentido de irradiado, ocorre a sua produção.

5.6 EXISTEM LIDERANÇAS EM COMUNIDADES AUTOGESTIONADAS?

Há diversos trabalhos de educação ambiental utilizando o princípio de rede, os quais discutem algumas comunidades e atividades autogestionadas. Contudo, como em muitos conceitos desse campo, acreditamos que ocorrem idealizações e reducionismos acerca da constituição da autogestão em redes, como é o caso do artigo de Paixão (2007), o qual comenta:

Uma rede é uma costura dinâmica de muitos pontos, é uma forma de organização capaz de reunir pessoas e instituições em torno de objetivos comuns, primando pela flexibilidade, dinamismo, democracia e descentralização na tomada de decisões, com *alto grau de autonomia* de seus membros e horizontalidade das relações entre seus elementos. (p.13, grifo nosso).

Esse autor demonstra que a rede construída na região de Carajás tem características específicas: autonomia das pessoas, descentralização,

horizontalidade sem hierarquia, a cooperação conferindo dinamismo, a democracia pela construção coletiva na tomada de decisões, a resolução de conflitos e a capacidade iniciativa de cada participante.

Nesse sentido, notamos que esse é o processo de autogestão que desejamos construir. Infelizmente, no processo histórico-cultural em que vivemos, pela subjetividade de hierarquia a qual muitas vezes nos formata, ocorrem diversas dificuldades para tal trabalho, porque algumas pessoas estão mais acostumadas a assumirem lideranças e outras a serem mandadas.

Portanto, é necessário pensar que mesmo em uma rede ou comunidade autogestionada existe a barreira da centralização da liderança. De um lado a falta de cooperação de todos realizarem juntos a tarefa e, por isso, alguém ter de assumir o papel de líder, e por outro lado o medo do líder de perder sua liderança e o trabalho diluir-se.

Nessa maneira de pensar, há perigos no que tange à organização do grupo, quando pessoas tornam-se dependentes de alguém, como é o caso dos seguintes diálogos de alguns participantes das comunidades:

- Tem pessoas que nascem com dom de líder. A Irmã é uma mãe que não gerou um filho, mas é mãe porque protege, ampara. Se estamos tristes, ela te dá o ombro e não te pergunta o porquê da tristeza. Infelizmente, precisamos disso. A Irmã é nosso apoio.

- Se o grupo funciona é porque todos colaboram. A força que une o grupo é a Irmã, não é uma força partidária ou econômica, mas força de fé e de moral. E é difícil substituir essa moral, porque a vida dela é o coletivo. A força moral é o elo entre nós.

De acordo com a primeira narrativa, acreditar que as pessoas nascem com dons de líderes é muito preocupante por legitimar o discurso de que somente alguns são capazes de liderar, o que causa dominação ou, por outra via, a capacidade de apenas alguns assumirem as tarefas, decrescendo a potencialização da autonomia a ser conseguida pela aprendizagem. A liderança ou a capacidade de assumir tarefas não é algo pronto, de nascença, porém algo a ser construído, buscado.

Nesse ínterim, a Irmã foi se potencializando desde pequena, desde os sete anos já ajudava a sua mãe a cuidar da comunidade em que morava por meio dos chás. A sua escolha de ser freira para possuir maior disponibilidade de tempo para trabalhar com as pessoas, sua vivência como professora de crianças, mutirões no

norte do Brasil e trabalhos com círculos de cultura pela pedagogia do oprimido foram constituindo-a no que ela representa como potência para estimular esse tipo de trabalho e assim fazer acontecer.

Com isso, queremos deixar claro que *a autonomia, a esperança e a coragem frente a determinadas situações não é um dom, mas uma (trans)formação do sujeito a partir de suas experiências*. Qualquer pessoa pode (trans)formar-se por meio de encontros que procura, já que nossa subjetividade está constantemente sendo produzida. Por isso, *é necessário multiplicar os bons encontros para assim outrar-se*.

Já no segundo discurso, observamos fortemente a influência religiosa de moral e fé. Contudo, se observarmos mais criticamente, o exemplo da Irmã deveria se dar muito mais pelos seus feitos do que pela sua condição católica.

Isso pode acarretar a uma idealização da figura-mito da Irmã Rosa Branca e a uma dependência à sua presença, a qual se não estiver por perto o grupo, este poderá se desintegrar. Urge um pensar mais crítico em detrimento de um pensar ingênuo, já que este, presente em nossa cultura, também é encontrado em ações educativas (FREIRE, 2006).

Portanto, uma das grandes questões na perspectiva da ecosofia é a problematização da promoção de líderes carismáticos e a possível dependência e conseqüências a que isso pode acarretar (GUATTARI, 1992).

Entretanto, alguns autores da educação ambiental possuem uma visão mais diferenciada, mais próxima do nosso pensamento. Patrícia Mousinho (2006)¹⁸ define a rede e o projeto auto-gestionado como grupos de pessoas que se reúnem por um projeto coletivo, levando em consideração a importância da autonomia, para dar o passo sem atropelar os outros, e das lideranças múltiplas, as quais mantêm a dinâmica da rede.

Tomando como referência a proposição dessa autora, não há normas e leis, mas pactos e acordos explícitos e tácitos, além da sustentabilidade financeira a ser conseguida para o andamento do trabalho. Ela reconhece as dificuldades das relações, os desafios do convívio com o diferente e a importância de aprendermos a lidar com os conflitos na tentativa de manter viva a mobilização. É um trabalho cotidiano árduo.

¹⁸ Palestra no EPEA – Encontro Paranaense de Educação Ambiental, em Guarapuava-PR, 2006.

Uma das coisas para mobilizar as pessoas é dar algo em troca, tratar com carinho, fazer convite, um chá com bolachinha, para quem não tem nada, dar uma blusinha. Várias comunidades se mobilizam e vejo que quanto mais aparece o trabalho, o povo mais quer ajudar. Mas inicialmente Jesus tinha setenta discípulos e no final ficaram doze (Rosa Branca)

A narrativa acima demonstra bem o trabalho cotidiano de mobilização social, trocar cuidados. Traçar carinho e amor produz pertencimento à causa. Depois de iniciar, o trabalho vai ganhando mais adeptos, porém é necessário sempre levar em consideração a dificuldade da proposta. Nesse contexto Rosa Branca diz que é possível ter esperança na transformação social: *Se de cada 100 pessoas conseguir uma para o trabalho já se fez muita coisa. É uma tarefa difícil.*

Com esta observação, há também pessoas nas comunidades que se encontram em outros processos de constituição e assim pensam de uma forma mais autônoma quanto ao trabalho autogestionado. Isso pode ser demonstrado nas seguintes conversas, quando perguntamos se as comunidades poderiam servir sem a Irmã:

- Tem que ter princípios de trabalho: continuidade, não dá para deixar cair; organização, valor, amor. Acreditar que o impossível é possível; aprender a conceber e a criar.

- Não deixar morrer o que a gente aprende – mudança. A cura e o cuidado também se transmite.

Por esses diálogos, já podemos verificar certa autonomia no que tange à criação de sua própria existência, a observação e a atuação quanto ao andamento do trabalho e a importância do grupo. Além disso, elas percebem a consciência da subjetivação, embora não a compreendam por palavras científicas, mas demonstrada pela percepção da cura e do cuidado, os quais também se transmitem e se propagam pela produção de dispositivos que possibilitam a mudança.

A autonomia é importante, saber valorizar o que as pessoas aprenderam e que também podem ensinar para ajudar no que não se sabe. Isto é bom, porque se alguém da equipe não vai a outra que também sabe o ofício pode ir (Rosa Branca).

A partir desta frase, podemos verificar que a conquista de autonomia por cada pessoa na aprendizagem do ofício leva à conquista de autonomia na atividade do coletivo. E aos poucos a liderança vai perdendo sua posição única para multiplicá-la em diversos sujeitos.

É algo muito complicado deixar de ser líder no momento em que somos oprimidos pelo sistema. O que seria dele se não tivessem representantes? Sendo assim, o sistema cultural em que vivemos não pretende realizar processo de subjetivação com relação à autonomia, já que a política, as ordens e o poder de decisão são determinados pelo Estado e pelas grandes iniciativas privadas.

No entanto, de acordo com as palavras de Freire (2005, p.205) é preciso pensar no processo em que estamos vivendo: “é verdade que sem liderança, sem disciplina, sem ordem, sem decisão, sem objetivos, sem tarefas a cumprir e contas a prestar não há organização, e sem esta, se dilui a ação revolucionária.” É preciso ter diretividade para a construção da autonomia.

Em decorrência disso, devemos levar em consideração que a identificação com líderes carismáticos tem sua viabilidade. Visto que a partir do uso de sua potência e rebeldia, por sua constituição de sujeito, vamos nos constituindo por encontros e conquistando a própria autonomia pelo processo de subjetivação.

Logo, não expressamos que há um modelo ideal de trabalhar o coletivo, já que as dificuldades são inúmeras. Porém devemos trazer à tona que o principal compromisso do líder deve ser tentar deixar de ser líder para que outras pessoas saibam assumir responsabilidades. Isso é bem difícil, fazer a tarefa sem pressão de alguém, e de forma gratuita, somente pela vontade de querer e de promover o crescimento do grupo.

Nesse trabalho comunitário, a autogestão se configura como relações para além das diferentes comunidades envolvidas com o cotidiano, por isso a observamos como rizoma, no capítulo seguinte. Propomo-nos a estudar as atividades solidárias, estratégias, relações e atuações, além de conflitos e de dificuldades, exemplificado pela comunidade do presídio e a sua transmutação ao longo do processo.



6 COMPREENDENDO A COMPLEXIDADE DO RIZOMA E O PROCESSO DE SUBJETIVAÇÃO

*[...] faça rizoma, nunca plante! Não semeie, pique!
Não seja nem uno nem múltiplo, seja multiplicidades!*

Faça a linha e nunca o ponto!

Linha de chance, jogo de cintura, linha de fuga.

Nunca suscite um General em você!

Nunca idéias justas, justo uma idéia.

(Gilles Deleuze)

No presente capítulo procuramos problematizar as comunidades por meio de uma perspectiva rizomática, isto é, a multiplicidade de conexões em diversos níveis de produção de subjetividade, muitas vezes imperceptíveis, as quais permitem as ações instituintes deste trabalho comunitário.

Desse modo, pretendíamos proporcionar uma reflexão das conexões entre comunidades. Entretanto, por ter uma orientação didática, reconhecemos a impossibilidade total desta tarefa. Para maior compreensão do assunto teórico discutido, mais adiante trazemos nossa percepção de algumas relações na comunidade do presídio.

O conceito de rizoma pode parecer estranho, porque sua nomenclatura foi emprestada da área das ciências biológicas. Ele se refere a um tipo de caule subterrâneo, semelhante a uma raiz, o qual tem um crescimento horizontal bastante expansivo, para muitas direções como, por exemplo, na batata.

Uma de nossas críticas ao sentido metafórico do rizoma é que o próprio nome lhe tolhe a complexidade, porque como faz alusão a um caule à moda raiz, ele se limita no sentido de direção de crescimento proposto pela terra, e sua forma acaba reduzindo-o. Todavia, como uma erva, devemos considerar que ele cresce no meio, entre árvores, e muitas vezes passa despercebida ou se percebida, incomoda.

A necessidade de pensarmos em rizoma deve-se ao fato de acreditarmos que a compreensão das diversas relações neste trabalho educativo-ambiental estabelece-se muito além dos participantes ativos da organização, fazendo parte de toda uma trama cultural e suas infinitas relações que subjetivam os modos de ser.

Para tanto, Guattari (1992, p.45) afirma que a complexidade do rizoma “[...] transita, coloca-se em relação a ela mesma e com o que lhe é outro, com o que altera. Essa atualização da diferença opera uma seleção agregativa sobre a qual poderão se enxertar limites, constantes, estados de coisas.”

Essa perspectiva consiste na viabilidade da Outridade, vários outros como complexificadores da existência. Agregar-se ao outro, permitir enxergar o que difere e perceber-se numa emaranhada tecelagem é viver a própria vida, observando sua grandiosidade.

6.1 O QUE É O RIZOMA?

Nesta secção, preferimos fazer uma discussão teórica do rizoma antes de explicar as relações no presídio para que a leitura seja de melhor compreensão.

Para explicar as relações humanas, Guattari e Deleuze procuraram compreender através do rizoma a existência de possíveis conexões novas, vias de acesso e rupturas de conexões velhas de toda uma rede de relações. Barembliitt (1998), fundamentado nesses autores, define-o como:

Um sistema anti-sistema, uma espécie de rede móvel de canais, fluxos, remoinhos e turbulências, de limites internos e externos difusos, do qual se pode entrar e do qual se pode sair em qualquer ponto, que se pode percorrer em infinitas direções e que é reinventado a cada viagem por cada um que o percorre. (p.40).

A partir dessa citação, queremos deixar claro que quando esse escritor relata a viagem que é percorrida por cada ser humano, percebendo o rizoma, está indicando a maleabilidade e a incerteza da constituição e da visualização dessa rede. Isto quer dizer que aqui tentaremos fazer a nossa visualização do que seja a rede¹⁹, em contraposição caso outras pessoas a tentassem explicar, esta seria completamente diferente, assim como em toda narrativa.

Além disso, o que relatamos mais adiante está baseado nas narrativas observadas de como o rizoma se mostra no momento da escrita e o que escolhemos para analisar, o qual sempre será diferente tanto porque irá se modificar, quanto nós nos modificaremos.

Também, a rede consiste em vários pontos de conexões impossíveis de serem visualizados igualmente por todos, porque depende das conexões das relações de cada pessoa que está a constituindo. Por conseguinte, introduzirá uma outra possibilidade de produção deste grupo comunitário.

“Para que a relação de rizoma/rede aconteça, os meios devem ser diferenciados, sendo possíveis as movimentações ‘territoriais’ pelo significado que um ente vem a atribuir e atribuir-se na relação com o outro.” (KIRST, 2003, p.46).

¹⁹ O rizoma também é chamado de rede por alguns autores.

É necessário pensar o grupo coletivo como além dele mesmo, como explica Guattari (1991, p.36) ao envolver-se com um movimento social: “La gente describía el momento en que, a fuerza de verse, reunirse, tomar juntos iniciativas, se sentían perteneciendo a algo que transcendía su propio yo.”

Na perspectiva rizomática, as relações se expandem para as instituições sociais, os ambientes naturais e todo e qualquer tipo de relação que faça o processo de subjetivação, como por exemplo, um livro, uma música, um animal, introduzindo a percepção da produção de subjetividade. Esses contatos são por todas as direções, não negando a submissão e a opressão.

O rizoma, constituído por diversas linhas, não possui dualismos, o bom e o mau, “Os grupos e os indivíduos contêm microfascismos sempre a espera da cristalização. [...] O bom e o mau são somente o produto de uma seleção ativa e temporária a ser recomeçada.” (DELEUZE e GUATTARI, 1995, p.17).

Outro fator atraente é a mutabilidade como se fosse um caleidoscópio ambulante, isto é, a cada escolha, sejam novas conexões e rupturas de conexões velhas, a rede passa a ser de outra forma e isso ocorre a todo instante já que toda pessoa, instituição e áreas naturais, entre outras coisas, conectadas ao rizoma contribuem para que isso aconteça.

Esta falta de estrutura da rede não é o importante, mas *os devires que a rede provoca nas comunidades, o vir a ser por estar em relação*. Apesar de não estarmos acostumados com a não visualização dessa dimensão, o realmente significativo são seus pontos de contatos, suas alianças, suas forças negativas e positivas que fazem parte de todo o funcionamento da práxis educativo ambiental dos envolvidos.

A rede é capaz de crescer através de suas linhas, pontos de contato, para todos os lados: “As conexões ou agenciamentos provocam modificações nas linhas conectadas, imprimindo-lhes novas direções, condicionando, sem determinar, conexões futuras. Vai contra os princípios da causalidade, contra o determinismo e a previsibilidade.” (KASTRUP, 2003, p.54).

Na continuidade de sua reflexão, a escritora citada argumenta que uma das características das redes é a heterogeneidade, já que se constituem por diversas linhas: materiais, biológicas, políticas, religiosas, econômicas, entre outras. Assim, para dar apoio a sua integrada compreensão, trazemos alguns outros conceitos de Guattari como o da transversalidade.

Da transversalidade surge o “coeficiente de transversalidade”, metaforicamente explicado, como o nível de cegueira em que o cavalo se encontra pela regulação de suas viseiras. Portanto, a maior transversalidade ocorrerá quanto maior a abertura da viseira, viabilizando um maior olhar. Essa melhor visão ocorre em grupos que possuem rede de conexões e percepções mais expandidas, caracterizadas pelo diálogo e pela observação crítica, promovendo a ascensão da criatividade (GUATTARI, 1986a).

Nessa perspectiva, poderíamos dizer que a transversalidade consiste na consciência frente às situações que nos rodeiam e como estamos sendo subjetivados. Quanto mais aguçarmos o nosso olhar, aumentando a capacidade de observarmos criticamente o que nos afeta, maior será a nossa transversalidade com o mundo. Quanto mais estivermos abertos a diálogos com pessoas e grupos diferentes maior será a aprendizagem.

A transversalidade consiste na tomada de consciência da multiplicidade de relações que as pessoas têm com a diversidade de grupos de pertença. Essa multiplicidade são relações infinitas e se percebemos o processo de subjetivação, serve de tomada de consciência do conjunto de escolhas.

Enfim, o coeficiente de transversalidade é proporcional à troca que possuímos com o outro, seja com idéias parecidas ou opostas, sempre na busca de saberes, daquilo que queremos e do que não queremos. Saber buscar a melhor escolha é reparar de maneira transversal, projetando, refletindo e praticando criticamente o que o momento nos proporciona.

Logo, o rizoma estabelece as linhas, os contatos pertencentes ao processo subjetivo de uma pessoa, de um grupo, de um movimento social, ou seja, nos distintos graus da realidade. Enquanto que a transversalidade é a tomada de consciência frente a esse processo subjetivo. Para compreender estes conceitos no cotidiano precisamos refletir sobre os acontecimentos, as situações.

De modo especial, Freire (2006) comenta:

Nunca um acontecimento, um fato, um feito, um gesto de raiva ou amor, um poema, uma tela, uma canção, um livro têm por trás de si uma única razão de ser [...] Eles se acham envolvidos em densas tramas, tocados por múltiplas razões de ser [...] Uma espécie de ‘ancoradouro’ que tornou possível religar lembranças, reconhecer fatos, feitos, gestos, unir conhecimentos, soldar momentos, re-conhecer para conhecer melhor. [...] Por isso é que a mim me interessou muito mais a compreensão do

processo em que e como as coisas se dão do que o produto em si. (p. 18,20).

Podemos realizar um paralelo entre o rizoma e a transversalidade a partir da narrativa desse autor. Os acontecimentos, fatos, livros fazem conexões com a trama que constitui nossas diversas linhas. Já a compreensão do processo em que e como as coisas se dão representa a transversalidade.

Nesse contexto, a percepção da transversalidade consiste em sermos modeladores das situações a todo instante, a cada novo desafio, abrindo-se a outros saberes, a outras dimensões, a outras vozes, expandindo a rede para que o trabalho de querer bem ao outro possa multiplicar-se e contaminar a quem deseja trocar conselhos e aprendizagens de vida, e assim, fortalecemo-nos.

6.2 A COMUNIDADE NO PRESÍDIO: ALGUMAS ALGEMAS LIBERTAS

A comunidade mais recente é o presídio. O presídio? É! Segundo Amorosa, que trabalha na ala feminina: *Incrível, a Irmã conseguiu transformar o presídio em uma comunidade*. Esse fato é verdadeiro, eu²⁰ nunca havia entrado num, não sabia como seria a minha sensação, confesso que antes fiquei um pouco tensa.

Na primeira vez fui ao presídio com Rosa Branca e Amorosa e me surpreendi, pois todos ficaram contentes de nos ver, eram presos e agentes sorrindo e vindo nos cumprimentar. As hortas maravilhosas, enormes, uma dimensão de aproximadamente quatro quadras, com variadas verduras e plantas medicinais, inclusive flores, com o objetivo de serem distribuídas aos familiares e o excesso para a cooperativa.

Esse trabalho começou quando os responsáveis de lá pediram a ajuda da Irmã a fim de que os presos aprendessem a fazer xarope. Ela disse que para isso deveria ter uma horta com as plantas medicinais e teriam de aterrar o pátio. A Irmã comentou que só depois que estivesse tudo estabelecido é que começaria o trabalho. Dois anos depois a chamaram.

²⁰ Narrativa da autora desta dissertação.

Passado três anos de trabalho, já se vê muita coisa. Atualmente tem duas pessoas das comunidades trabalhando no interior do presídio: a Irmã trabalha com os homens e a Amorosa com as mulheres.

Na frente da horta, em pequenos galpões, ficam as oficinas, que além de profissionalizarem os aproximadamente setenta presidiários envolvidos, desenvolvem a auto-estima pelo trabalho realizado. Há as oficinas para os homens: estofador, marcenaria, curtição de pelego, ferragem, hortifrutigranjeiros, sabão e fitoterapia; e para as mulheres, biodança, pintura em madeira e crochet. Ao lado da horta, há uma peça de preparo das plantas medicinais e outros produtos naturais. Aos fundos um cercado com patos e galinhas e o galpão de reciclagem.

A Irmã comentou comigo que quando recém havia chegado ao presídio fora trabalhar com as mulheres e notou que a policial era grosseira com as presas: *As coitadas são ensinadas para serem carrascas, de nada adianta isto.* Essa narrativa demonstra o reconhecimento da Irmã frente ao sistema que produz subjetividade, que “ensina” modos de viver e de atuar. Isso é muito importante, o entendimento das situações e o condicionamento das pessoas.

Paralelo a isso Freire (2006) comenta que a capacidade de nos reconhecermos como inconclusos, condicionados, permite vermos a sociedade com outros olhos e partir para a transformação. Nesse sentido, a policial agiu com valores instituídos, não se percebendo moldada pelo sistema, agindo como muitos policiais agiriam.

Na continuidade da história, chegando ao pátio, a Irmã pediu para que a policial tirasse as algemas, ela se recusou, disse que não iria tirar, então, tiveram de ligar para o diretor e pedir, ele assentiu. *Depois de tiradas as algemas, as presas vieram me abraçar chorando. Pediram-me para tirar os sapatos e correrem descalças na grama. Eu disse: claro minha filha. Felizes... pareciam uns passarinhos.* (Irmã)

O carinho proporcionado por Amorosa e Irmã é essencial para a continuação do trabalho, ainda mais nesse ambiente de descaso e maltrato. Estivemos conversando com três presidiárias, Amorosa falando que tudo o que experimentamos serve como aprendizagem, dependendo do olhar que temos. Transversalidade!

Outra situação de laços de carinho e amizade foi uma vez em que a Irmã ficou doente, ela me mostrou uma carta enviada por um dos presos. De letra e

palavras bonitas, mas um pouco ilegível, estava escrito sobre as saudades que os presos estavam da Irmã, a admiração por sua bondade, trazendo a palavra, o cuidado, o conforto, a perspectiva de uma vida melhor, o trabalho, um futuro. Eles estavam rezando para que a Irmã ficasse boa, falando que era uma pessoa especial, porque não *distingue cor, credo, crime...*

De forma oposta, uma situação muito inconveniente foi com relação à cooperativa, a qual independe do trabalho das comunidades. Nessa, do dinheiro que é ganho pela venda dos produtos feitos no presídio, pouco é investido na melhoria das condições de trabalho dos presidiários, além de que algumas vezes quiseram cobrar horas-aula destes com relação a alguns cursos.

Em algumas reuniões do presídio, às quais compareci, estavam dois agentes da cadeia que aderiram ao trabalho comunitário e um professor da Universidade Católica de Pelotas (UCPEL). Os agentes gratos disseram às duas mulheres: *E que bom que vocês estão lá. Nós estamos indiretamente ganhando, melhoramos muito. Vocês não imaginam a velocidade que a gente avançou como ser humano, na aproximação com os detentos. Os presidiários aprontaram, mas vamos com calma, a gente está vencendo as barreiras.*

Esse discurso demonstra as dificuldades enfrentadas no local, ambiente de tensão e de punição, histórias que, por respeito aos sujeitos de pesquisa, não vêm ao caso contar, mas compreensível devido ao contexto do processo de subjetivação dos presos. Enfrentamentos esses, por toda a discriminação que os presos já têm, mais as brigas de poder da instituição de segurança, que fazem com que a sociedade seja “vingada”.

Tem uma coisa que não é afetada, que é o fato da gente continuar indo e amando, mesmo que tenha retrocessos. Ver a trilha que nos fez ganhar e a trilha que nos fez perder. Mapear com amorosidade nosso caminho de realização e de perda (Amorosa).

Outro fato interessante que está em andamento é a criação da ONG “Educação para a Liberdade” com o objetivo de captar recursos para o trabalho, independizando-se da cooperativa e da instituição de segurança. Da mesma forma, possuem a intenção de conseguir um maior número de voluntários para trabalhar com os familiares dos presidiários fora da cadeia, já que o número de pessoas que podem circular e fazer voluntariado no lado interno do presídio é limitado.

Além disso, uma advogada da defensoria pública contou para os idealizadores dessa ONG sobre a captação de recursos por meio de penas alternativas; também conversamos com o professor da UCPEL na tentativa de mobilizar estudantes para o trabalho, porque é necessário um maior número de pessoas. *Vimos que não há pessoas suficientes, não tem corpo, somente braços e pernas* (Amorosa).

Esse mesmo professor ajuda a comunidade do presídio com seus saberes acerca da organização dos movimentos populares: *Temos de conhecer os fatos para ganharmos autoridade para o encaminhamento de soluções. Montar um grupo social que ouça a necessidade dos presos. Contudo, tomar cuidado para não garantir soluções. E pedir sugestões de como fazer aos presos. Temos de entrar lá dentro não num sentido de uma compaixão por pena, mas para ajudar.*

Esse discurso caracteriza bem o que é um grupo sujeito, são pessoas que organizam a sua própria gestão e leis, oscilando entre duas posições: a de tomar a palavra e a alteridade social. De maneira oposta, o grupo sujeitado ou grupo objeto sofre de hierarquização. Para Guattari (1991, p.92): “Poder-se-ia dizer do grupo sujeito àquele que anuncia alguma coisa, enquanto que o grupo sujeitado se diria que sua ‘causa é ouvida’. Ouvida, aliás, não se sabe onde, nem por quem, numa cadeia serial indefinida.”

A ecologia social e a ecologia mental realçam o investimento de afetar-se, afetividade que grupos sujeitos provocam em atitudes de autonomia. Não basta somente o grupo se doar para causas maiores, mas, pela ecologia mental e social observar suas afinidades, seus quereres e seus fazeres. Ademais, dialogar com outras organizações a respeito disso, dando singularidade às causas do grupo. A lógica ecosófica consiste em momentos de lutas e objetivos comuns, além de momentos de ressingularização, cada grupo com sua expressão criadora, por vezes sem grandes preocupações com finalidades coletivas (GUATTARI, 2001).

Isso dá uma dimensão nova na abordagem revolucionária. À primeira vista essa afirmação causa estranhamento, contudo, na revolução dos detalhes devemos levar em conta que somente podemos alcançar até onde nossos braços alcançam, ir até onde os pés caminham, olhar até onde nossos olhos enxergam. *No entanto, se somos múltiplos singulares, conseguimos alcançar até onde os braços dos outros alcançam, olhar por outros olhos, caminhar juntos.*

Assim, queremos dizer que assumimos o cuidado com o outro em espaços onde cada um convive, mas a multiplicidade de ações da Outridade dar-se-á na medida em que todos pensam e agem, mesmo que indiretamente, em prol de uma causa coletiva muito maior, do querer bem ao outro, porém em espaços diferentes.

A liberdade conquistada está justamente na autonomia do grupo de gerir seus próprios problemas, suas ações e suas práxis, perceber-se sendo e fazendo parte de um grande sistema manipulador e assim descobrir modos de viver que ultrapasse seu limite supostamente designado. Essa transversalidade consiste na mais importante atitude para a autonomia, sendo caracterizada sempre pela práxis crítica, conforme disse Jambolão, o professor: *ajudar a sociedade a tirar os ciscos dos olhos*.

6.3 ALGUMAS RELAÇÕES RIZOMÁTICAS NO PRESÍDIO

Para compreendermos o que faz a produção da vitalidade e da mortalidade, a existência não só do ser humano, mas do que está nas diversas realidades trazemos o conceito de rizoma. Entretanto, reconhecemos que não é a única explicação possível, embora possibilite um esclarecimento quanto ao funcionamento da sociedade, particularmente do nosso estudo.

Na presente secção temos o intuito de costurar tudo o que foi escrito neste capítulo, amarrando os conceitos vistos até o momento com outros e com a narrativa da comunidade do presídio.

Deleuze e Parnet (1977) explanam que o rizoma é constituído por linhas imbricadas, as quais podem ser de três tipos: as linhas duras ou molares, cuja forma é arborescente isto é, em formato de árvore; as linhas flexíveis ou moleculares, as quais produzem pequenas modificações; as linhas de fuga, que originam o novo, o imprevisível.

O novo pode ser definido como “algo da natureza de processos, nos quais o que se produz não é uma repetição de idéias e sim uma vontade de criar, de mudar a ordem do pensamento, mudar os afectos - e porque não, mudar a realidade social que nos cerca” (GUATTARI e ROLNIK, 1996, p.299).

Partindo da idéia dos autores acima referidos, as linhas duras ou molares fazem parte dos valores dos poderes hegemônicos estabelecidos na sociedade, os quais ditam as nossas formas de ser e agir, distribuindo papéis sociais que são seguidos como uma prescrição, o instituído. A máquina binária e dicotômica seleciona uma coisa *ou* outra, nunca aceita e compreende as *n* dimensões de possibilidades de existir. A estrutura dessas linhas é arborescente, e uma árvore possui um centro representado por idéias justas a serem seguidas, porque se forem seguidas a estrutura não desaba. Por isso, possui um *território*, um instinto de propriedade, o qual não pode ter/ser outro, uma outra maneira de se perceber.

As linhas flexíveis ou moleculares são pequenas mutações que se contrapõem e questionam as linhas molares na tentativa de ruptura com o sistema, o instituinte. A saída do território estabelecido, a desterritorialização, na medida em que ameaça o estabelecido, este tenta trazê-la de volta, pôr tudo em ordem e muitas vezes a re-territorializa. Isso representa as contradições que nos puxam de volta, em nós mesmos, nas comunidades, nos diversos grupos de engajamento sócio-ambiental.

O retorno ou a re-territorialização pelo instituído, ou quem sabe ainda aquelas nossas atitudes de não querer desterritorializar, devem-se ao fato de haver microfascismos encontrados em todos nós, em nosso cotidiano, os quais nos fazem gostar do poder e desejar esta mesma coisa que nos domina e explora (FOUCAULT, 1996). Como decorrência dessa compreensão, esse autor baseado em Deleuze comenta que há sempre que se perguntar:

Como fazer para não se tornar fascista mesmo (e, sobretudo) quando se acredita ser um militante revolucionário? Como livrar do fascismo nosso discurso e nossos atos, nossos corações e nossos prazeres? Como desentranhar o fascismo que se incrustou em nosso comportamento? (p.199).

Nesse sentido, precisamos traçar as linhas de fuga já que são elas que produzem o novo, porque não imitam e nem se adaptam ao modelo. Nessas linhas não ocorre a tentativa de re-territorialização pelo sistema, pois é impossível voltar à fôrma original devido à sua grande ruptura de fuga. Como não há re-territorialização, a única saída é a morte do grupo, sua auto-dissolução. Vulgarmente falando, não tem como se “vender”, antes que isso aconteça, a organização se dilui, como por exemplo, o que aconteceu no movimento de teologia da libertação.

Nessa perspectiva, há que se buscar linhas de desterritorialização passando do limite do tolerável a fim de que os microfascismos não queiram nos reterritorializar, e assim buscarmos o território em que queremos pousar (GUATTARI, 1993).

Entretanto, não queremos ajustar ninguém ou algo em determinada linha, e sim explicar que as nossas atitudes e pensamentos, a maneira como a sociedade e a cultura humana se movimentam estão em um plano de imanência, em que tudo se relaciona, somos todas as linhas. Se pensarmos somente arborescentemente não aceitamos isso, como por exemplo, *ou se é uma linha ou se é de outra linha*, e só, eis a sua escolha, uma ou outra.

O pensar rizomático indica a conjunção e, somos arborescentes e rizomáticos. Todavia, isso não quer dizer a negação da mudança dos poderes estabelecidos, muito pelo contrário, por nos reconhecermos enquanto limitados, abrimos o coeficiente de transversalidade. Procuramos ultrapassar os limites molecularmente ou quem sabe ainda pegando uma linha de fuga (Figura 3), fugindo da manipulação.

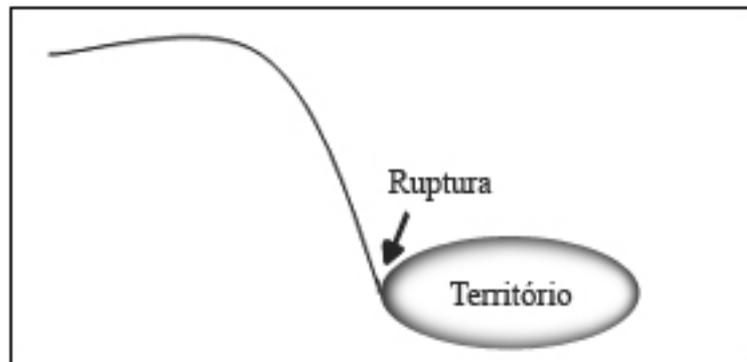


Figura 3 - Desterritorialização da linha de fuga

Essa figura demonstra um território seguro, em que ao traçarmos linha de fuga, rompe-se e parte-se em outra direção, em outros modos de pensamento e ação, na busca da práxis, desterritorializando-se, ou seja, saindo do território instituído. Podemos aproximar as linhas de fuga e as moleculares a partir das práticas micropolíticas em busca do processo de singularização. E de acordo com Deleuze e Parnet (1977):

[...] solo puede aprenderse en la misma línea, al mismo tiempo en que la traza. No se puede prever. Una verdadera ruptura puede alargarse en el

tiempo, no tiene nada que ver con um corte demasiado significativo, constantemente tiene que ser protegida no sólo contra sus falsas aparências, sino también contra sí misma y contra las re-territorializaciones que la acechan. (p.48).

A distância do território a ser traçada pela linha será maior na medida em que novos encontros a fazem se afastar, e essa longitude não ocorre de uma hora para a outra, mas vai se constituindo no tempo-espaco de cada estado rizomático, isto é, a cada conexão e ruptura, a cada novos encontros e novas escolhas.

Urge então traçar uma linha de fuga rompendo as raízes, tentando-se tornar rizomorfo, produzindo hastes que penetrem nos troncos das árvores servindo a novos e estranhos usos (DELEUZE e GUATTARI, 1995).

A partir dessa reflexão teórica tentaremos explicar algumas das relações que ocorrem no presídio a partir do rizoma e da narrativa contada no subcapítulo anterior. Na figura 4, encontramos o rizoma e nele alguns galhos de árvore, estes representados pelo eixo central, indicando a linha molar, rígida; e também as linhas tortas, caracterizando as de fuga e a molecularidade.

Essa visualização é um caleidoscópio ambulante e incerto, por isso, as linhas são momentaneamente nomeadas em nosso estudo. Dependendo do momento percebido, poderemos referir as linhas como sendo dura, de fuga e molecular, pois mesmo as linhas duras podem, em determinadas circunstâncias, tornarem-se mais flexíveis. Assim, o que queremos demonstrar não é a determinação, mas entendermos a rede de relações que provoca e constitui o trabalho no presídio.

A comunidade do presídio começou a se estabelecer a partir de uma linha molecular, a qual teve a intenção da produção de uma outra relação com os presos, pela melhoria da qualidade de vida através da produção de alimentos para as famílias dos cárceres. Uma hipótese nossa é que a molaridade tenta resgatar a linha molecular pela burocracia ou quem sabe ainda medos desta proposta inovadora, pois somente depois de dois anos a partir do pedido do diretor ao trabalho com as plantas é que o trabalho começou a funcionar.

Contudo, o início não se deu aí, porque não temos como estabelecer as relações iniciais, somente observar o processo, com isto queremos esclarecer que a comunidade do presídio não partiu da estrutura, mas de todas as relações rizomáticas que a Irmã já estabelecia, as relações nas comunidades e com outras relações rizomáticas estabelecidas pelo diretor, e com outras relações, e ,e ,e... E

que esta descrição é uma das n descrições que podemos observar, embora ajude na compreensão.

A ecologia mental traz essa característica de terceiro incluído, isto é, da conjunção *e*, que quanto mais transversalidade, mais fácil será a apreensão dos pontos de ruptura com o que o instituído indica o que é o certo (GUATTARI, 2001). Temos como exemplo no subcapítulo anterior, a carta para a Irmã escrita pelo presidiário, em que dizia a sua não distinção das pessoas pelo credo, cor e crime. Aumenta-se a multiplicidade pela aceitação do diferente, das diversas relações, o que difere do preconceito social, que impõe o “ou”.

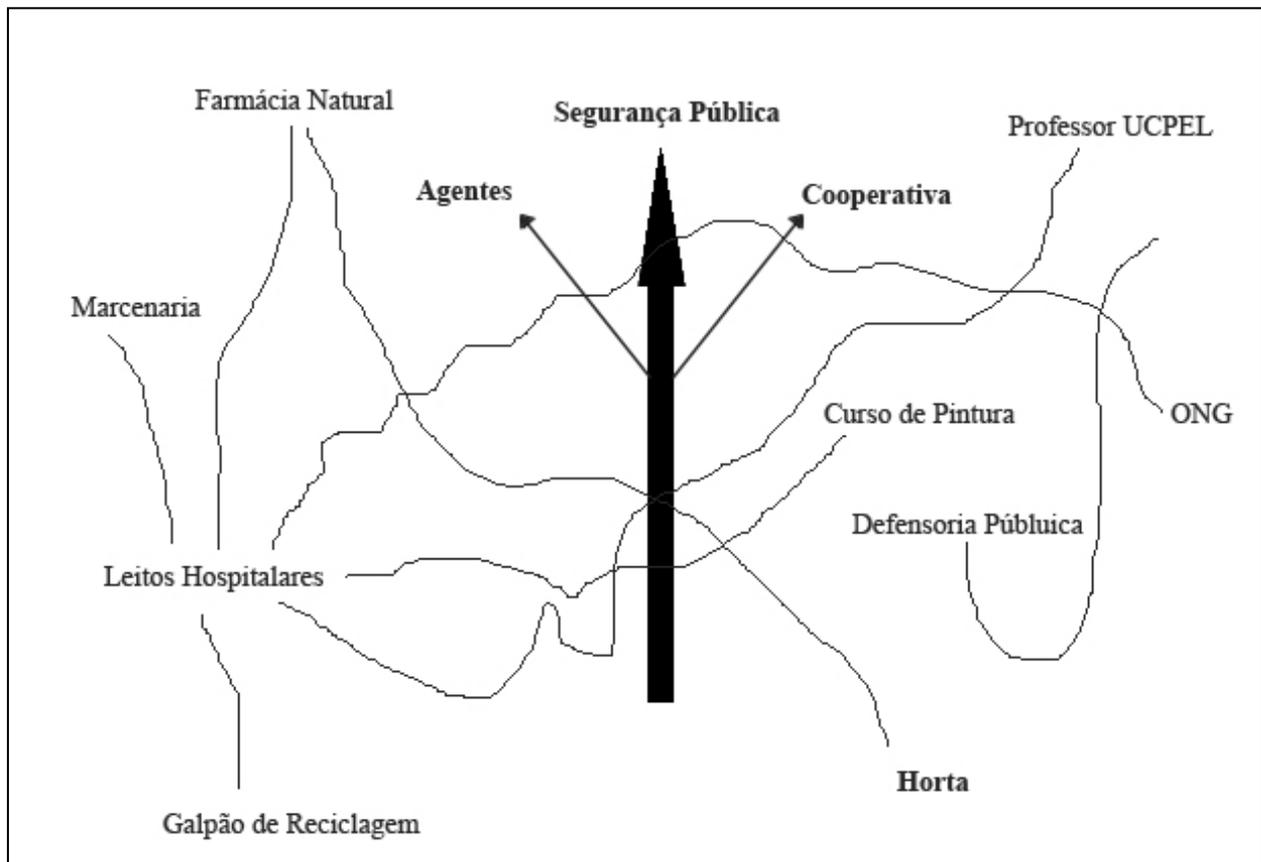


Figura 4 - Algumas tramas de relações da comunidade do presídio.

Novamente ressaltando, como conexões esses traçados podem ser vistos de outras formas, pois as linhas podem ser conectadas de diversas maneiras. “Existem estruturas de árvore ou de raízes no rizoma, mas inversamente, um galho de árvore ou uma divisão de raiz podem recomeçar a brotar em rizoma.” (DELEUZE e GUATTARI, 1995, p.39).

Produção de alimentos pela horta, produção de plantas medicinais e assim, a farmácia. Com os produtos da farmácia a melhoria da saúde dos envolvidos, e a partir disso, problematizou-se a criação de leitos para os adoentados, já que é uma burocracia levar um presidiário ao hospital.

A marcenaria e a pintura arrumam os leitos hospitalares. Os leitos são menos ocupados porque o lixo é cuidado e reciclado, impedindo a proliferação das doenças.

O professor da UCPEL, que começou a trabalhar no presídio, é amigo de Amorosa, e também já foi seu professor, o qual provoca reflexões da organização e do engajamento social.

A cooperativa com intenções moleculares, mas alguns resgates do território molar, aquelas pela expansão do trabalho dos presidiários, estes pelo fato de quererem cobrar um custo pelos cursos oferecidos, e por não ser clara com relação ao balanço de dinheiro de arrecadação com os produtos. A discussão com relação à cooperativa no presídio não está aprofundada nesta pesquisa devido ao pouco estudo.

Indignação da Amorosa frente a isso. Assim houve algumas rupturas com a cooperativa e com a Instituição de Segurança Pública. Surge então, uma outra possibilidade: a criação da ONG que trabalha com as famílias dos presidiários. O professor da UCPEL, através das suas relações e de conhecimentos burocráticos para a criação da ONG, ajuda, tentando também conseguir alunos da universidade para estagiarem.

Uma advogada da defensoria pública comenta que podem conseguir dinheiro para a ONG por meio de penas alternativas. Outra conexão, e outras, e outras...

Agentes: agentes que facilitam, agentes que dificultam. Os agentes que facilitam, às vezes dificultam, os agentes que dificultam, às vezes facilitam. Transição molar, molecular, desterritorialização, re-territorialização.

E assim, conforme anteriormente refletido, o rizoma como constituído por diversas linhas não possui dualismos, o bom e o mau²¹, “Os grupos e os indivíduos contêm microfascismos sempre a espera da cristalização. [...] O bom e o mau são

²¹ Queremos ressaltar que o instituído nem sempre é o mau da história, contudo como análise do processo de auto-gestão e de subjetivação, verificamos os valores instituídos que despotencializam a ação.

somente o produto de uma seleção ativa e temporária a ser recomeçada.” (DELEUZE e GUATTARI, 1995, p.17)

Nessas relações vamos constituindo o processo de subjetivação, modificando nossa maneira de pensar e agir, conforme explica Guattari (2001) ao relacionar com as três ecologias:

A subjetividade, através de chaves transversais, se instaura ao mesmo tempo no mundo do meio ambiente, dos grandes agenciamentos sociais e institucionais e, simetricamente, no seio das paisagens e dos fantasmas que habitam as mais íntimas esferas do indivíduo. (p.35).

Nessa perspectiva, trazemos um outro conceito para elucidar o rizoma, o *agenciamento*, que consiste na unidade responsável pela formação de subjetivação, ou seja, é o que permeia a relação:

La unidad real mínima no es la palabra, ni la idea o el concepto, ni tampoco el significante. La unidad real mínima es *el agenciamento*. [...] Un agenciamento es una multiplicidad que comporta muchos términos heterogéneos, y que establece uniones, relaciones entre ellos. (DELEUZE e PARNET, 1977, p. 61, 79).

Isso quer dizer que os agenciamentos coletivos produzem outras conexões, fazendo a multiplicidade da rede-rizoma, e assim produzem efeitos, agenciando as diversas linhas. Quando agenciamentos provêm das linhas molares, são chamados de majoritários, já quando provêm das linhas de fuga e moleculares são chamados de minoritários. Estes consistem em efeitos de existência de vitalidade, em devires e rupturas. No entanto, os devires diminuem ou aumentam a potência de vida de acordo com as relações de agenciamento que estabelecem.

Tomando como referência a proposição desses autores, a subjetividade é produzida e, portanto, *refutam a idéia de identidade e colocam a idéia de devir, sugerindo a multiplicidade que (trans)forma o sujeito*. Podemos pensar o devir minoritário como uma linha de fuga, algo que escapa à classificação do poder hegemônico, “algo que escapa à categorização socialmente produzida. [...] traçando desterritorializações impossíveis de serem capturadas pelas máquinas da mercadoria.” (PETIT et. al., 2005, p. 7).

Os agenciamentos fazem co-funcionamento, estão no meio, entre as relações. Eles permitem novas formas de organizações, alianças, é o que acarreta a

mudança, e toda mudança passa necessariamente pelo agenciamento. Essa idéia apresentada leva a considerar que: “O rizoma, como multiplicidade, é anterior ao plano das conexões efetivas, mas é condição de toda efetividade e atualização dos agenciamentos.” (KASTRUP, 2003, p.54).

A multiplicidade do rizoma deriva de suas diversas linhas e a criação destas pelos agenciamentos. Consiste em uma mistura pela transmissão de afectos, ou seja, efeitos, o que as situações afetam. E isso inclui a viabilidade da conexão de vários conceitos: a multiplicidade, as linhas e os devires.

Com relação a isso, faz-se necessário a multiplicidade de agenciamentos que promovam mudanças para a criação de rupturas: “[...] os catalisadores existenciais estão ao alcance das mãos, mas, na ausência de um agenciamento coletivo de enunciação que lhes dê um suporte expressivo, eles permanecem passivos e correm o risco de perder sua consistência.” (GUATTARI, 2001, p.28).

A multiplicidade assegura o devir, promovendo a auto-criação (KASTRUP, op. cit.). Logo, quanto mais agenciamentos que tracem linhas moleculares e de fuga, maior será a distância do território social da ordem hierárquica e, assim, constituirmos devires revolucionários.

O devir é imperceptível, contudo podemos observá-lo em alguns acontecimentos como, por exemplo, através de uma maneira diferente de agir frente a uma determinada situação limite. Como exemplo disso, trazemos a narrativa de um agente: *A modificação do preso fez com que o diretor modificasse a opinião, o preso convenceu o diretor sobre deixar as oficinas. É algo novo que a Amorosa e a Irmã levaram lá para dentro. Uma batalha de anos.*

A modificação produzida ou o devir (Figura 5) do preso com a sua credibilidade frente ao diretor (por agenciamentos pelo trabalho de Amorosa e da Rosa Branca) produziu diversos devires em relação: devir revolucionário do preso, o qual enfrentou o poder do diretor; devir revolucionário do diretor, o qual escutou o preso, permitindo-se aceitar a opinião do preso. Esses múltiplos devires são principalmente agenciados pelas oficinas, como a auto-estima dos presidiários pela percepção de um outro futuro a ser desejado, que não o prescrito pelo estabelecido socialmente, conforme na carta que foi entregue à Irmã, anteriormente citada.

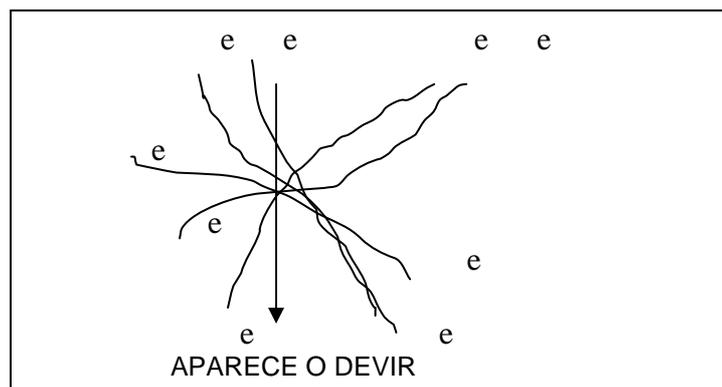


Figura 5 - percepção do devir revolucionário a partir de um acontecimento.

O enfrentamento do preso com relação ao diretor foi um devir que questionou o que estava estabelecido, questionou a ordem hierárquica. Nesse momento produziu uma outra maneira de relação dentro dessa instituição de segurança pública, estabeleceu um diálogo que talvez antes não houvesse existido, o novo.

O devir que foi demonstrado nessa atitude de enfrentamento do preso foi construído pela multiplicidade de conexões e fluxos, representados na figura pela conjunção e. Quem sabe, as diversas relações com a Irmã e com a Amorosa e com outros presos e com agentes e com relações passadas e com a sua família. Essa multiplicidade provocou esse devir e nessa situação limite tornou-se perceptível.

Deleuze e Guattari (1995) fazem a associação do rizoma ou multiplicidade através de marionetes, em que há bonecos que são brincados pelo autor, mas nesse mesmo autor há conexões de existência que também o transformam em uma marionete. Toda a cultura que nos fabrica e que produz nossa maneira de ser. As escolhas da marionete-autor serão de diversas linhas, mais flexíveis, ou mais rígidas, dependendo do seu grau de desterritorialização e do grau de transversalidade.

Podemos entender por desterritorialização como sendo algo da ecologia mental e da ecologia social, ou seja, a emancipação dos desenhos coletivos da superestrutura mental na tentativa de re-singularizar-se (NORAMBUENA, 1991). Portanto, emancipamo-nos mais ou menos, nunca totalmente.

A desterritorialização, no exemplo do presídio, foi representada pela ação do preso que saiu do seu território de submissão, o território como sendo papéis sociais estabelecidos; e a desterritorialização do agente, saindo do território de sua hierarquia. Uma emancipação de momento, ou não. Desterritorializações essas,

produzidas pelo próprio processo de subjetivação a partir das relações estabelecidas entre ambos personagens e destes, com variados outros.

Nesse íterim, Guattari (2001) explica a constituição subjetiva como: “A interioridade se instaura no cruzamento de múltiplos componentes relativamente autônomos uns em relação aos outros e, se for o caso, francamente discordantes.” (p. 17). Assim, os modos de produção de subjetividade pelos agenciamentos, se estes forem das linhas moleculares e de fuga produzem novas práticas micropolíticas, novas solidariedades.

Por fim, ressaltamos que esse processo de produção de subjetividade implica o agenciamento, que faz o crescimento da dimensão rizomática, a qual muda conforme aumentam suas conexões. É preciso buscar por quais agenciamentos queremos nos constituir, os majoritários com suas justas ordens, ou²² os minoritários pela aceitação micropolítica do diferente, a partir da abertura do nosso grau de transversalidade.

²² Consideramos que muitas vezes no nosso texto parece haver dualismo, entretanto devemos levar em consideração que apesar de sermos múltiplos, temos capacidade de escolhas.



**7 AS RELAÇÕES COMUNITÁRIAS:
O que ferve pelo meio das práxis?**

Uma das questões de maior interesse e curiosidade nesse trabalho de educação ambiental nas comunidades é entendermos como ocorre a sua (trans)formação enquanto sujeitos e coletivo mediante as práxis. O que corresponde a mais um entendimento do processo de autogestão.

A práxis é o fazer e o pensar sobre o fazer, sempre permeados pela crítica: “É sempre pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a própria prática.” O que provoca ruptura, decisão e novos compromissos (FREIRE, 1996, p. 39).

Com isso, aprendemos e demonstramos aos leitores a possibilidade da existência autônoma de um grupo de maioria mulheres, o qual consegue se organizar e ser mobilizado pela sua vontade, pelo seu desejo de fazer um mundo diferente, sendo este, seus espaços de vivências, com as suas potencialidades e as suas contradições. Conforme refletimos: não sou nada no Mundo, mas para o meu mundo sou tudo. E que mundo é esse que eu quero construir e reconstruir para mim e, como conseqüência, para o outro?

A fim de observarmos o que garante a existência e a permanência das comunidades utilizamos uma metodologia, a sociopoética, ideal para a análise de grupos do que está implícito, pois queríamos compreender os múltiplos discursos criados em diálogos e favorecidos pela criação conjunta por meio de dramatizações.

Assim, casamos a práxis com a sociopoética quando: “entre os grupos e o sentido, para eles, dos conceitos da vida cotidiana, sempre existe a mediação da práxis. [...] a práxis é mediatizada por imagens, toques, cheiros, gostos, ritmos, espaços, olhares, tempos...” (FONTES e GARCIA, 2005, p. 290 *apud* GAUTHIER e SANTOS, 1996).

Nesse sentido, a sociopoética traz à tona dois dispositivos: o grupo-pesquisador e o senso estético, os quais produzem agenciamentos: “[...] uma montagem espacial e temporal estratégica (logo, cuidadosamente “pensada”) que propicia o surgimento do novo, do heterogêneo, do singular, abrindo a vida para devires inesperados e criadores” (PETIT et. al., 2005, p.2). Estes dispositivos favorecem a emersão do não-dito e da análise coletiva crítica, revelando o instituído e o instituinte.

Tanto o dispositivo do grupo-pesquisador quanto o da análise crítica coletiva consistem em uma outra leitura da teoria de Paulo Freire. A importância da

codificação e descodificação por técnicas artísticas e a análise conjunta refletindo sobre o cotidiano.

Freire (2005) comenta que a descodificação é um dispositivo para fazer a crítica, ou seja, pela análise conjunta reencontrar-se no mundo com os outros e nos outros por meio do diálogo, recriando a crítica do mundo. Por isso, a partir das oficinas, tentar reproduzir o movimento de sua própria existência.

Vale ressaltar que não conseguimos realizar toda a metodologia sociopoética devido à dificuldade das participantes se juntarem durante diversos dias. Então, a inspiração sociopoética ocorreu apenas durante dois dias. No primeiro, o grupo-pesquisador trabalhou nas oficinas e foram produzidos dados a partir de suas narrativas anotadas, fotos e vídeos. No segundo dia de intervenção analisamos e problematizamos conjuntamente esse material.

A narrativa é o que produz a fala, é o colocar em e no grupo, o expor suas reflexões e sentimentos. Por isso, a complementaridade entre a sociopoética, a história oral e a etnografia valem-se de nossa criação nessa pesquisa, encadeando toda a nossa maneira de representar aqui o que aprendemos juntos nesses dias e momentos proporcionados. Lembranças essas, registradas e ensinadas para nós e para cada um que se descobrir como um eterno aprendiz.

7.1 UMA INSPIRAÇÃO SOCIOPOÉTICA

7.1.1 O Fazermos e o Fazer-se: algumas reflexões

SENSAÇÕES DA MARIA CRISTINA

Uma noite de poesia, jantar e música na frente da lareira com Alfredo, eu e a minha família, mais um dia de trabalho para combinarmos o amanhã. Queria muito que meu orientador conhecesse experimentalmente em campo a minha pesquisa e os sujeitos envolvidos nela. Afinal estamos juntos nesta caminhada, que não é só teórica, mas de conexões, de vida.

Também, meu desejo foi aproveitar o seu conhecimento para uma outra metodologia, a Sociopoética, contribuindo para o enriquecimento teórico e narrativo da pesquisa pela arte. “Cavoucar” pela sensibilização muitas coisas não ditas e

observadas entre o grupo, a fim de problematizarem-se sobre o que dizem, o que pensam, o que sentem; e principalmente revelar a oportunidade a sujeitos para que possam refletir sobre a prática e os valores de seu grupo: as treze comunidades, mais outras comunidades que de certa maneira sempre participam dos cursos.

Com a saúde pública deficiente e as crenças e saberes populares emergentes, surgem às comunidades comunitárias de saúde florescentes. Algumas vão, outras ficam, outras surgem. Algumas pessoas vão, outras ficam, outras surgem. Grupo finito, porém contínuo.

Combinamos algumas coisas, alguns dispositivos que poderíamos utilizar. Refletindo juntos sobre como são as comunidades, a partir do que já tenho vivenciado desde março de dois mil e sete, pensamos em algumas técnicas artísticas:

- Desenhar as comunidades, a fim de que pudéssemos perceber as conexões entre elas e a formação da rede de educação ambiental não-formal;
- A suposta hipótese da dependência do grupo à pessoa da Irmã, refletindo sobre o futuro temido de esta ir embora;
- Utilizando a pintura, desenhar os desejos e os medos de cada comunidade, mostrando umas às outras, como é potencializado e enfrentado o cotidiano.
- Teatro imagem – para o futuro desejado e temido da comunidade;
- E algumas técnicas para produção de desinibição, espontaneidade e a aproximação do grupo: O fazer e o desfazer do nó, o espelho, o cumprimento de pessoa a pessoa.

Dormi. Uma cama de ferro bicentenária na frente da lareira, estalos. Janela grande, desprovida de cortinas, luz de lua cheia refletida. Cena perfeita, mas a ansiedade do outro dia, não me deixava descansar.

SENSAÇÕES DO ALFREDO

Curiosidade tranqüila, desejo de compartilhar experiências profundas, relação com outras vivências comunitárias na minha vida, saudades de comunidades alternativas em construção...,encontros novos, caminhos novos a descobrir...

7.1.2 Como Foi Produzida A Metodologia

7.1.2.1 Oficinas e Produção de Dados: uma narrativa

Nós planejamos o primeiro dia de intervenção, contudo nunca sai como planejamos, e isso é o que produz ao mesmo tempo a insegurança, mas também a criação. Surge algo não pensado por lidarmos com uma rede de diálogos ainda não conectados.

Adad (2005), seguindo o pensamento de Deleuze, afirma: “Nesse caso, o que mais conta não é apenas o trabalho em grupo, mas o fato estranho de trabalhar ‘entre’ as pessoas de um grupo. É deixar de ser autora da pesquisa e, ao contrário, proliferar encontros entre pessoas diferentes, tanto de um lado quanto de outro.” (p.221).

Vinte nove de junho de dois mil e sete. Local, a Casa do Caminho, uma comunidade do bairro Areal, uma casa antiga exatamente no centro de um belo pátio, cercado pela flora. Mais de mil e quinhentas plantas medicinais, além das ornamentais e das comestíveis, que acabam dando um toque de diversidade. Aceitação da diversidade, aceitação de outros.

Sábado, oito horas da manhã, das treze comunidades apenas metade delas foi representada no encontro. Além disso, havia outras pessoas, as do curso de massagem e de outras comunidades que trabalham com terapia holística. Desde aquelas pessoas que trabalham há mais de vinte anos, até a que entrou ontem para o voluntariado, uma psicóloga. Demoraram um pouco a chegar, sábado, família, descanso. Começamos era quase nove horas, em uma pequena sala, cujo espaço dificultava algumas de nossas proposições metodológicas, que por isso não conseguimos realizar. Aproximadamente um grupo de doze pessoas pela manhã.

Todos atentos, quietos, para ouvirem “A palestra do psicólogo”. Inicialmente, Alfredo se apresentou, contou sobre a sua história com a educação ambiental não-formal, um pouco de sua vida. Um silêncio cortante percorreu a sala, medo da exposição, esperando que o primeiro falasse. Alfredo começou a perguntar para cada um sobre o seu trabalho desenvolvido na comunidade. Todos ouviam aquele; depois de alguns, apareceu o diálogo entre o grupo. Conversas íntimas, pessoas, medo, bem-estar, pertencimento. Eles queriam ser escutados..., não quiseram intervalo.

Conforme Freire (1996), o ato de escutar está em relação na Outridade porque é a disponibilidade de alguém à fala do outro, aos seus gestos, às suas diferenças.

Almoço. Deliciosa sopa e um risoto. Eu e Alfredo combinamos a nossa caixa preta, senha para conversarmos sobre como agir. À tarde, o sol, cadeiras no pátio, em roda, e o sempre chimarrão. Bem-vindos às oficinas.

Devemos levar em consideração que a utilização das oficinas é um dispositivo, por isso, potencialmente gerador de dados não previsíveis, permitindo revelar o inconsciente e a afetividade (PETIT et. al., 2005).

Realizamos as oficinas. Para aquecer os corpos e a mente as primeiras intervenções: O nó e o de pessoa a pessoa. Propomos que levantássemos, de mãos dadas, em círculo. O nó humano deve ser feito por todos, sem soltarmos nossas mãos, muito enredo. Após, o grupo, juntos, nos desatarmos. Aumentando a dificuldade, de olhos fechados. A cada conquista, o aplauso. De pessoa a pessoa; o contato físico de uma outra maneira, outra forma de contato, sem mão, sem abraço, sem beijo, quem sabe barriga, joelho, nariz. Risadas. Provocar o “normal” contato a ser diferente, abrir a transversalidade.

Petit et. al. (Ibid.) afirma que é preciso provocar tal estranhamento e assim as técnicas que mexem com os sentidos que as pessoas normalmente não utilizam.

O Teatro-imagem. Dois grupos de nove pessoas. Algumas não se sentiram à vontade, ficaram só observando. O escultor e a argila, um de frente para o outro. Esculpindo os temas geradores: saúde – doença; morte-vida; comunidade; comunidade temida; comunidade desejada. Escultor troca de lugar com sua estátua, pôr-se no lugar de “igual”, mas diferente. Sensação que seria igual, mas é diferente. Escultores compondo um quadro, agrupando estátuas. Estátuas que se mexem lentamente fazendo sons. Estátuas que se mexem e falam o que sentem.

A imagem como narrativa, senso estético pela percepção e sensibilização, que desterritorializa, provoca um outro território na ciência. E conforme Kirst (2003), uma das maneiras de comunicação da contemporaneidade é através da imagem, somos seres extremamente visuais e a pesquisa científica pode se apropriar deste dispositivo referente à atualidade.

Nesse contexto, podemos fazer a problematização de que no teatro-imagem as pessoas vivem a Outridade no momento em que constroem o outro, a estátua,

bem como permitem ser construídas pelo outro ao ser esculpido. É uma aceitação da relação, permitindo que o outro interaja.

Depois, diálogos e reflexões sobre o vivido, o sentido. O delicioso brincar... Promove alegria, emanam sentimentos na maioria das vezes ocultos ao crescermos, quando “dizem”: você cresceu, agora não pode mais, parece um louco. Não tem vergonha disso!

Nesse sentido, Petit et. al. (2005, p. 9) expressa: “A liberação das capacidades artísticas adormecidas é geralmente vivida pelo grupo-pesquisador como um fluxo de auto-liberação muito importante, ao descobrir ou reativar suas potencialidades abafadas no dia-a-dia.”

Esquecemos da criança que está pedindo socorro: deixa eu viver. Ela falou porque brincou com a criança do outro que foi exteriorizada (Margarida). Por isso, foram levantadas reflexões sobre a potencialização da vida, do outro e do eu, pelo sentimento criativo que foi despertado a partir de outras maneiras de perceber-se, o devir criança.

Assim, o diálogo permite reconhecer outros eus. Freire (2005) argumenta que “O diálogo autêntico é o reconhecimento do outro e reconhecimento de si, no outro – decisão e compromisso de colaborar na construção do mundo comum. [...] O isolamento não personaliza porque não socializa.” (p.16,21).

Possibilidade de criar o bom, o novo, nem que seja brincando. Essa sociedade nova que a gente quer, estamos começando (Cidreira).

Nesse contexto, podemos refletir que vir a ser criança, devir criança, estimula o diálogo pela não castração social da fala, de falar o que sente. Ser criança é não ter papas na língua, falar sobre o mundo a partir do que a pessoa sente e não do que a sociedade impõe, o que é justo e correto a ser comentado. Conforme as palavras: ela falou porque brincou com a criança do outro; criar o bom, o novo, construindo a sociedade que a gente quer.

Segundo Maturana e Verden-Zöllner (2004) a brincadeira envolve a emoção, ela é qualquer atividade realizada no agora sem a intenção de racionalizar os resultados. Essa espontaneidade criativa permite nos descobrir enquanto indivíduo e sociedade, trazendo a sensibilidade sem preconceitos ao viver o presente em uma atitude prazerosa.

Enfim, a produção de dados neste dia de intervenção ocorreu desta maneira, prazerosamente possibilitando soltar as amarras e permitir-se ser outros.

7.1.2.2 Os Temas Geradores e a Análise das Comunidades

Novamente ressaltando, as questões levantadas foram para estimular o que permeia a organização, as práticas e os valores das comunidades através dos afectos, dos perceptos, das vivências. Para isso, propomos algumas temáticas a partir de seus contextos, utilizando o dispositivo do teatro-imagem a fim de provocarmos a mobilização de sentimentos dos escultores e de suas estátuas.

Nessa perspectiva, “a produção de dados mediante técnicas artísticas é seguida imediatamente da explicitação/análise pelo grupo-pesquisador dos significados atribuídos à mesma.” (SANTOS, 2005, p.197). Assim, de acordo com essa autora, as esculturas esculpidas no teatro-imagem estão relacionadas com o tema gerador e permitem diversas interpretações.

Tomando como referência a proposição de Freire (2005, p.114) acerca do tema gerador, este afirma: “Investigar o tema gerador é investigar, repitamos, o pensar dos homens referido à realidade, é investigar seu atuar sobre a realidade, que é sua práxis.”.

Para tanto, os seguintes temas geradores²³ utilizados para esculpir as estátuas foram cuidadosamente escolhidos, levando em conta sua significação às comunidades: saúde-doença; morte-vida; comunidade; comunidade temida; comunidade desejada. Esses foram baseados a partir das narrativas já obtidas por intermédio da pesquisa etnográfica e da história oral.

Com isso, burlamos algumas das regras da metodologia sociopoética no que tange à escolha dos temas geradores pelo grupo. Tal ação deve-se ao fato de termos tido somente um dia para a produção de dados e pelo nosso interesse de articular esses temas geradores com as outras metodologias anteriormente utilizadas. Igualmente, consideramos que tivemos cuidado com a escolha dos temas, pois tal razão teve o intuito de observar como eles enxergam a si próprios, aliados à percepção do que o grupo tem de seu ambiente.

Depois, nos diálogos e na reflexão do acontecido, algumas temáticas foram mais explicitadas que outras, sendo que a intenção da utilização dos primeiros

²³ A dualidade dos temas geradores deve-se ao fato da melhor capacidade de interpretação e dramatização pelo grupo.

temas foi para estimular a concentração na atividade proposta e nos últimos temas relacionados à comunidade fizemos um trabalho de análise mais aprofundado.

A análise não foi baseada especificando o diálogo de cada pessoa, mas sim o que foi produzido enquanto grupo, até porque ninguém é obrigado a falar em público. As narrativas anotadas foram as narrativas faladas. Deu-se da seguinte maneira: no dia da intervenção, todas as narrativas foram anotadas, tiramos fotos e gravamos os sentimentos expressados pelas estátuas; após, as narrativas foram digitadas e observadas segundo alguns elementos da análise textual qualitativa.

Este método permite um diálogo e interpretação do dizer do sujeito; a partir da interpretação colocamos subcategorias, que melhor definimos por algum sentimento ou conceito que nos afetou pelos discursos.

Essa análise foi realizada inicialmente por mim e pelo orientador a fim de que pudéssemos problematizar, no segundo dia de intervenção, os assuntos e os dados produzidos.

Por isso, respeitamos a análise conjunta que segundo Petit et. al. (2005, p.12): “[...] o objetivo da sociopoética é a descoberta da estrutura do pensamento do grupo na sua heterogeneidade e não a realização de análises individualizadas.”

A análise feita com o grupo-pesquisador aconteceu no segundo dia de intervenção, através da codificação e da decodificação. Conseguimos um recurso áudio-visual e assim mostramos as fotos, as filmagens e complementamos com as narrativas produzidas. Perguntamos sobre o que eles sentiram fazendo as oficinas; o que as palavras expressadas durante a brincadeira de teatro-imagem representavam para o narrador e para o grupo; e se eles conseguiram fazer associações com o vivido naquele dia e as suas experiências.

As imagens são pontos de partidas para uma série de reflexões. Kirst (2003, p. 46) comenta que: “[...] as imagens só tomam sentido quando cercadas pelos discursos que propiciam. Poder-se-á, então, perguntar: que conexões e “leituras” possibilitam ou que mutações as imagens tomam por sua exterioridade?”

Isso é extremamente importante na pesquisa, a construção conjunta para que não silencie os sujeitos de pesquisa, em que o pesquisador escreve somente a sua visão, e os sujeitos jamais se reconhecem em sua história.

Ainda, essa proposta da sociopoética vem a contribuir com a capacidade de organização desse trabalho educativo ambiental, porque constrói espaços que permitem a escuta e a abertura de seus sentimentos, os quais são extremamente

importantes para a melhoria das práxis, como explicitado por Cancorosa: *Algum lugar a gente pode analisar a nossa prática, se faz coisa, mas a gente não sabe o que faz. Falar à comunidade o que a gente quer, porque aí já vai criando, sonhando.*

Essa escuta ao outro envolve a Outridade, e segundo Guattari (1991):

Es a partir de esta incertidumbre que puede constituirse una auténtica escucha del outro. La escucha de la disparidad, de la singularidad, de la marginalidad, incluso de la locura, no constituye solo un imperativo de tolerancia y de fraternidad. Constituye una propedéutica esencial, un llamado incesante a este orden de la incertidumbre, una puesta al desnudo de las potencias do caos que acechan siempre las estructuras dominantes, embebidas de sí mismas, autosuficientes. (p.176).

Além disso, a fala e a escuta ao outro são sensibilidades que todos necessitam, ainda mais em trabalhos comunitários, em que os enfrentamentos e as dificuldades existem. Por isso, discutimos sobre a relação da reflexão para não cairmos no ativismo, e assim problematizamos três questões que precisam da necessária aplicação:

- a união das comunidades;
- a independência com relação ao trabalho da Irmã, para que todos aprendam a realizar as diversas tarefas;
- a escuta ao outro, pois: *temos de saber nossas carências, porque todo mundo precisa de atenção* (Pitangueira).

A partir disso, concordamos com Santos (2005) ao comentar:

A produção de dados deve ser um momento dialogal, no qual as pessoas se sintam à vontade para colocarem novas perguntas, provenientes da reflexão e pensamento do próprio grupo e não mais somente do 'Tema Orientador da Pesquisa', proposto pelo pesquisador institucional. (p.196).

Um fato curioso com relação às discussões e às interpretações conjuntas das fotos, das narrativas e dos vídeos foi a dificuldade de falarem de suas próprias situações. Um exemplo é que ao levantarmos questões relacionadas a como as comunidades enxergavam os seus problemas, as pessoas acabavam relatando assuntos externos.

Isso demonstra a facilidade com que temos de negar nossos próprios defeitos e idealizar um modelo com medo de que a estrutura não desabe. Inicialmente, essa tendência funciona, mas na medida em que os problemas ocultos vão crescendo e

explodem é difícil reverter a situação. O que demonstra mais uma das potencialidades da codificação-descodificação.

Nesse caso, todas as participantes das comunidades, a partir da escuta e de diálogos por um tempo mais prolongado sentiram-se à vontade e relataram seus problemas e os das comunidades. Foi interessante termos conversado, várias pessoas gostaram e se sentiram bem, inclusive, conforme já comentado, começaram a realizar uma reunião mensal a partir de setembro para que todas as comunidades possam falar de seus problemas e contar suas vitórias, aprendendo umas com as outras. Estabelecem assim, o aprofundamento da Outridade nas comunidades, potencializando a produção de subjetividade a partir dos encontros.

Já a criação de confetos no grupo-pesquisador ocorreu principalmente com os sentimentos mais discutidos pelo grupo, os quais foram bastante problematizados e que destacamos nos seguintes capítulos: a importância das relações de amor como cuidado e o medo do outro.

Refletimos que este paradoxal medo que temos do outro, revelado pelas fotografias e gravações – explicitado no capítulo referente – consiste em um efeito analisador, pois indica “como os acontecimentos aparentemente secundários, as crises, revelam as forças sociais não ‘representadas’ ou que não se reconhecem na representação que as instituições produzem e garantem.” (ALTOÉ, 2004, p.89).

Outrossim, partindo da perspectiva de Baremlitt (2002, p.135), compreendemos que a emersão da subcategoria “o medo do outro” foi facilitada pela utilização do teatro-imagem, e isso reflete o que ele chama de analisador artificial ou construído:

dispositivo inventado e implantado pelos analistas institucionais para propiciar a explicitação dos conflitos e sua resolução. Para tal fim, pode-se valer de qualquer recurso – neste caso procedimentos artísticos- que torne manifesto o jogo de forças, os desejos, interesses e fantasmas dos segmentos organizados (p.135).

De outro modo, com relação à organização da escrita, a fim de visualizarmos os dados de maneira complexa e didática e a possibilidade de entrelaçamentos com a teoria, inventamos um diagrama (Figura 6). Esse é uma espécie de mapa com flechas, que relaciona as subcategorias, as forças mobilizadoras ou não das práxis: suas conexões, as forças que atrapalham os trabalhos nas comunidades, além de possibilitar a costura de conceitos formando o termo Outridade. Depois, foi

produzido um texto a partir da interpretação desse mapa junto com a reflexão de alguns diálogos dos sujeitos da pesquisa e enfim a discussão teórica.

Nesse sentido, a proposta do diagrama é escrever o texto pela nossa interpretação, facilitando a criação do pesquisador inicialmente a partir da narrativa dos sujeitos envolvidos e não a partir dos autores teóricos. Esse fato ajuda na compreensão da realidade pesquisada, e a teoria só vem a contribuir, não é o inverso, a teoria e depois os sujeitos. Entretanto não se pode negar que a teoria está na pesquisadora, isto é, na forma como olhamos e escolhemos determinadas situações e diálogos. Sendo assim, a importância do diagrama consiste no cuidado tanto de não escondermos os sujeitos quanto a teoria.

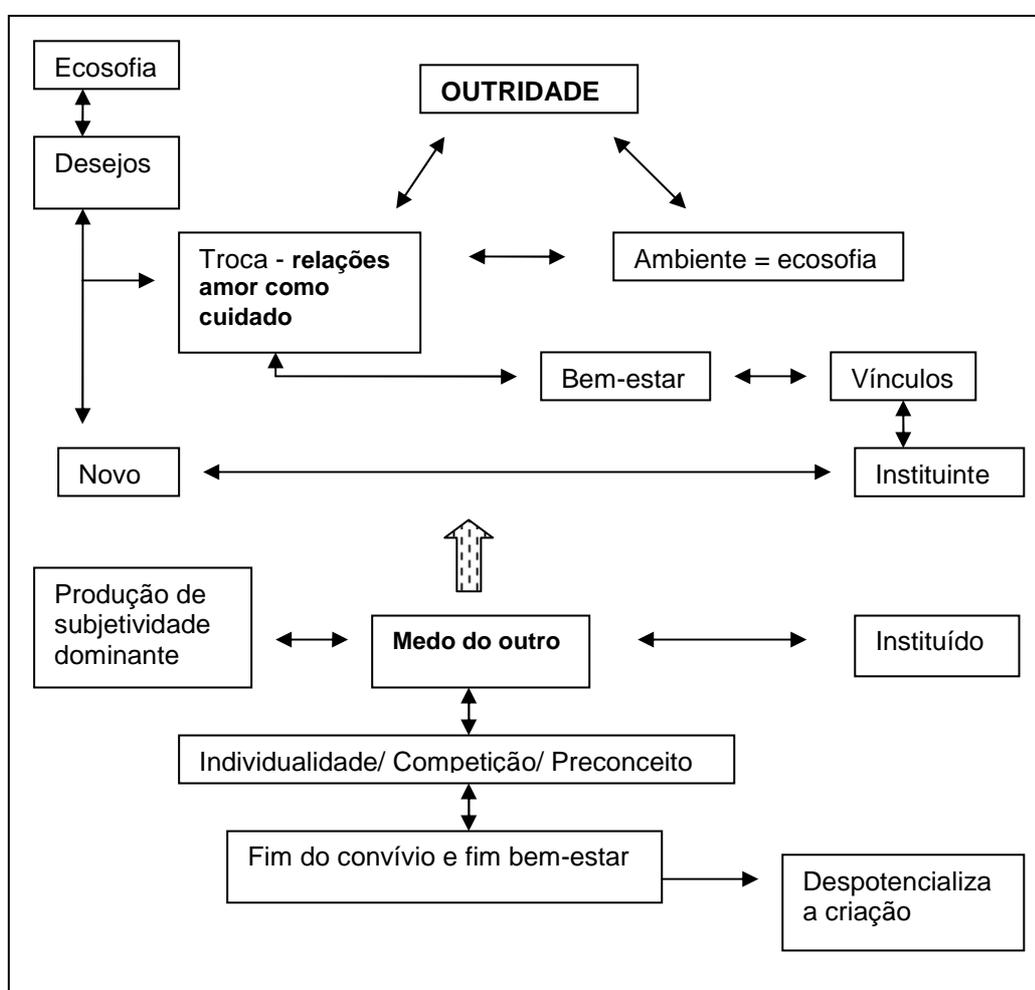


Figura 6 - Mapeando a Outridade.



7.2 A OUTRIDADE DA COMUNIDADE

...são a sede e a fome que excitam os poros das células e os lançam em busca de alteridades para preencher faltas. Ciências e poesias, anelo e sequidão do carinho. Lutam pela vida contra a satisfação mortal, o sorver da flor e o milagre da dádiva;
(Michele Sato e Luis Augusto Passos)



7.2.1 O Outro Ambiente e sua Produção Subjetiva: uma outra percepção da educação ambiental

*Mas os olhos do poeta não se cansam, embora a paisagem queira cansá-los.
Fotografa as metamorfoses estabelecendo diálogos com as polaridades de um
dramático universo cósmico.*

(Michele Sato e Heitor Medeiros)

Mesmo não querendo, mesmo não percebendo, estamos em constante conexão e troca com o outro. Essa troca permite-nos construir e reconstruir o que somos a todo o momento. Nossa maneira de pensar, de agir, de enfrentar dificuldades, de sentir é proporcionada por tudo o que já vivemos, e como o que vivemos nos afetou e afeta, seja pela experiência por movimentos corporais, verbais e por reflexões.

Como o que vivemos está conectado com o que a gente viveu e com o que viveremos, porque projetamos o futuro que sonhamos e o que tememos, a história de vida se resume a uma não linearidade temporal. Assim, em nossas vivências o tempo cronológico não existe, pois experimentamos o presente, o passado e o futuro, independente da imprevisibilidade do amanhã e das nossas débeis certezas do passado. Sentimos esses tempos diferentemente a cada momento em que pensamos sobre eles. Isso acaba por demonstrar que o viver são os sentimentos e os afectos expressados pelo que somos em instantes.

Um dos exemplos disso foi a discussão pelo grupo sobre o futuro da comunidade, a qual trouxe as palavras criação e paz, aquela como algo que a gente produz, e esta como otimismo proporcionado pelo sentir de agora, na esperança do amanhã. Portanto, nesse tempo de sensações não existem dicotomias, ou melhor, *multicotomias*, já que ele não é linear, não existindo sucessão, e o passado e o futuro estão desde sempre.

As multicotomias são jeitos de entender o processo de vida, não existindo duas rupturas, dicotomia, dividindo-se em dois aspectos, dois caminhos: passado e futuro, mas sim múltiplas versões do que foi e está sendo o nosso passado, o que será e está sendo o nosso futuro, e o presente, que hoje são constituições pelo que sentimos, e em outro instante provavelmente será diferente.

Não havendo a continuidade do tempo histórico, o presente se encontra sempre em vias de formação. E nesse tempo, toda mediação é misturada por todos os tempos, pela heterogeneidade de épocas e de pensamentos (KASTRUP, 2003).

A partir desse tempo e da troca como meio para a construção do sujeito, nos cabe a pergunta: Mas afinal, o que é o outro que me constitui? O outro é o ambiente, o meio pelo qual nos ambientamos. Etimologicamente, ambiente vem do verbo latino “*ambire*” que significa andar em volta, rodear. O interessante é que a origem desse verbo veio do hábito dos antigos políticos romanos de andar na volta de seus

eleitores para a conquista de votos²⁴, por isso, podemos fazer o trocadilho: ambiente também é relações.

Como temos e vivemos n relações, todo trabalho, neste caso o comunitário, perpassa a instituição visível – e a imperceptível - a que pertence. Não queremos definir relações boas e más, mas problematizarmos as relações que aproximam e afastam de algo desejado.

Sendo assim, “*Las relaciones son exteriores a sus términos. [...] Las relaciones están en el medio y existen como tales.*” (DELEUZE e PARNET, 1977, p.65). Nesse ínterim, podemos também pensar a partir de Mattos (2001, p.9), ao comentar que “pessoas em interação formam ambiente um para o outro, até mesmo além do limite desta interação imediata.”

As relações são trocas com o outro, com os ambientes. É importante salientarmos que para muitas pessoas, o ambiente está representado como algo externo, ou seja, a natureza distante do meio urbano, onde não há quase seres humanos; para outros, o ambiente é o contexto: a cidade, a profissão, a família, a religião. E a nossa mente, o Eu, será que é formado por outros?

Na ciência moderna, o eu é um sujeito centrado que possui essência. Nessa perspectiva, o ser humano indiretamente é condicionado a perceber o outro como algo externo e o eu como um único ser. Já na teoria da ciência pós-moderna, para alguns período de transição, os sujeitos são subjetividades que se formam e se deformam a todo instante a partir de outros e de como somos afetados por eles.

Para autores da pós-modernidade, a subjetivação do ser humano é modelada, fabricada pelas relações, pelos papéis sociais que nos são destinados. A subjetividade é “essencialmente social, e assumida e vivida por indivíduos em suas existências particulares.” (GUATTARI, 1986b, p.33).

Como estamos nos constituindo nas mais diversas relações, como por exemplo, em ambiente familiar, religioso, de casamento, de atividade física, de trabalho, essa subjetividade é assumida em suas múltiplas linearidades. O que nos provoca a sermos, por nos sentirmos, vários outros.

Um dos exemplos disso são as poesias de Fernando Pessoa, o qual se reconheceu em seus heterônimos, seus outros eus, e permitiu-se a descoberta e a explicitação desses seus vários ambientes internos, o que fascina muitos leitores de

²⁴ Houaiss – referência de todas as etimologias deste texto. Por mais que tenhamos críticas à política partidária e burocrata, esta é a raiz etimológica da palavra ambiente.

sua obra, já que consiste em um grande desafio conhecer os seus outros. O viver como navegação, como criação de uma perdição, de um vir a ser, um devir. E a vida acaba por tornar-se grandiosa: “ainda que para isso tenho de a perder como minha.” (PESSOA, 2001, p.2)

A importância dessa perspectiva reside também no fato de que “outrar-se” é “un recurso para vivir varias vidas sin tener que morir tantas muertes.” (KESSELMAN, 2007, p.1) Seguindo a mesma linha de pensamento, autores da Análise Institucional utilizam o conceito de outramento para essa capacidade de permitir-se ser vários outros, seus vários ambientes:

Tornar-se estrangeiro de si mesmo, possibilitando-lhe experimentar-se em novos espaços e modos de existência. [...] multiplicidade à espera de recursões para sair do conhecido e (re)fazer sua forma através de devires do mundo, traduzir é duplicar-se, não em outro idêntico, mas em outro efêmero. (KIRST, 2005, p.6).

Para a nossa concepção, traduzir não é se duplicar, porém se multiplicar. Nessa perdição, o formar-se é um constante perder-se e achar-se. Assim, é importante a abstração de que não há um interno e um externo, como caixas pretas secretas e fechadas, introspectas em seus espaços, mas relações de troca, de movimentos, a partir da absorção e dos afetamentos dos diversos ambientes, mais transparentes e/ou mais ocultos.

Assim concordamos: “Não chegar ao ponto em que não se diz mais EU, mas ao ponto em que já não tem qualquer importância dizer ou não dizer EU. Não somos mais nós mesmos. Cada um reconhecerá os seus. Fomos ajudados, aspirados, multiplicados.” (DELEUZE e GUATTARI, 1995, p.10).

O ambiente como troca, como outro, como relações que nos produz algo pelas sensações, conexões e percepções. Quando isso se dá de maneira criativa, de potencializar o ser humano, torna-se processo da ecologia mental. Nesse sentido, por sermos produzidos pelo ambiente, há os ambientes saudáveis e os poluídos – os quais muitas vezes estão juntos, em maior ou menor grau -, aqueles que possibilitam a nossa formação de ser mais, e estes que nos deixam seqüelas, perceptíveis ou não.

Infelizmente, com o processo de subjetivação, reconhecemos a impossibilidade de fuga total da constituição da sujeira. A produção dessa sujeira social também é uma auto-produção. Os ambientes poluídos produzem uma

produção de reprodução e antiprodução, a primeira a imitação, a qual serve para a manutenção da ordem estabelecida, a segunda a destruição ou o impedimento do surgimento de realidades alternativas (BAREMBLITT, 1998).

O ambiente poluído, no caso desse estudo, produz ódio e medo. Para Barcelos (2004) a crise ecológica se sustenta exatamente aí, pois os seres humanos aprendem a odiar em seus espaços cotidianos de existência, sendo a vida construída nas pequenas coisas. Por isso, ao vivermos em ambientes que nos produzam, em sua grande maioria, valores e subjetividades sujas, as chances de nos construirmos no amor são praticamente nulas.

Os ambientes saudáveis e os poluídos, e o que eles produzem, são simultâneos e coexistentes. E por mais que adquiramos essa subjetividade imunda, há a linha escapatória, o estar à espreita²⁵, a qual surge da problematização do que está sendo produzido nas instâncias do outro. Uma maneira de resistirmos a essa produção em série, abrindo o coeficiente de transversalidade.

Escapar e estar à espreita é nos permitir a criação de outros espaços. Desterritorializando e nos re-territorializando para outros ambientes que desejam uma produção de produção de um ambiente mais saudável, menos hostil, pela geração de singularidades, ou seja, mutações da subjetivação dominante produzidas pelo desejo de perceber e agir no mundo, no outro, de uma maneira diferente, em seus diversos ambientes.

Escolher onde pousar, isto é, re-territorializar, é possibilitar a criação de novos territórios de vida. Portanto, a importância da propagação e da inserção de ambientes saudáveis que tentam produzir subjetividades sadias viabilizando a aprendizagem em efeito cascata, que são como ondas invisíveis, pois não sabemos onde começou nem aonde irá terminar: [...] *ensinar o que a gente aprendeu e formar um mundo melhor. E eu quero deixar para minha filha, sempre nascendo de novo.* (Salva).

Isso demonstra o movimento de emancipação dos grupos pela produção de uma subjetividade escapatória (GUATTARI, 1986b), que escorrega entre as mãos daquele que a gente não vê, e que insegura, e deliramos para algum outro lugar. Delirante, no sentido de sair da lira, do sulco, da trilha, ou seja, de seu estreito caminho formado pelo lavrar do arado, do instituído.

²⁵ O abecedário de Gilles Deleuze (com Claire Parnet), vídeo dirigido por Pierre-André Boutang, 1988.

Cidrão nos fala da importância de não se deixar influenciar pelo que está estabelecido, que muitas vezes vai contra o que realmente queremos: *Sou pai e muitos pais esquecem de brincar. Eu não me importo o que os vizinhos vão falar, porque estamos nos alegrando e vivendo. A gente tem que pensar o que estamos vivendo e sentindo, fazendo o que gosta e o que acha certo, claro, que respeitando a comunidade.*

Conforme o explicitado, nossos sentimentos e o modo de viver são moldados segundo o que a sociedade designa como correto: o brincar, como algo feio e infantilóide. Somos castrados e a vontade é guardada e escondida. Também, ao escapar desse caminho proposto há de se ter consideração ao outro para a emergência desse sentir e viver, o que nega o individualismo pelo respeito ao que o outro nos atinge e como o atingimos.

Enfim, para a produção desse ambiente de criação é necessária a existência da Outridade. Esse conceito, em tratando-se de devir revolucionário e se subjetivado por ambientes saudáveis, designa toda a perspectiva rizomática entremeada nesse sistema em que vivemos, a qual promove a esperança de transformações sociais baseadas no respeito e no amor ao outro, que é diferente. Permitir se diferenciar e aceitar o que é diferente é uma das tarefas mais árduas nos dias atuais.

Levando em consideração a reflexão de Gauthier e Santos (1996) acerca da relação com o outro, podemos afirmar que a Outridade é uma troca com o outro, ao mesmo tempo em que é preciso entender o outro quando deixamos que ele nos entenda. É não esconder de si, de suas limitações, de seus defeitos, para superá-los.

Segundo Guattari (1993, p.34), o amor “consiste em amar o outro em sua diferença em vez de tolerá-lo ou estabelecer códigos de leis para conviver com as diferenças de um modo tolerável.” Por isso, sem amor não há Outridade.

Para reafirmar, resolvemos utilizar o conceito de Outridade ao invés de alteridade, pois reconhecemos que a alteridade é singular, representa um outro, já a Outridade indica movimento não só fora, mas dentro de nós, constitutiva de nós mesmos.

É necessário entendermos que fazemos parte uns dos outros, pelo que o outro nos provoca a ser, conforme a citação abaixo: “a percepção do invisível moldado pelo sensível” (SATO E PASSOS, 2006, p.26):

Os seres humanos não têm sua origem suficiente e causal em si mesmos. São os *outros* que me constituem, que me julgam, que me interditam a possibilidade de minha constituição começar num solitário ato autoprodutivo de suficiência. Toda consciência emerge e se apreende a si própria porque negada. [...] É pelo conhecimento do limite que me dou conta de que sou o outro do outro.

O outro que ao mesmo tempo em que é eu, já não o é. Ao mesmo tempo que sou outros, sou um. Essa unidade-diversidade paradoxal permeia tudo o que há na cultura, e o viver humano vêm a se fortalecer nesse dramático um e todos, e pela sua organização social possibilita a sua capacidade de volatilidade de ser.

Nuvem que se desfaz e refaz, formas efêmeras, gerando imagens, rostos, animais. Nuvem que esconde a luz e que se desmancha permitindo a entrada do sol. Surge e some, engrandece para produzir água, criando a vida. E enfim, produz outras formas de existência.

Entretanto, a negação completa do outro, seja a natureza e os outros, é o que faz surgir a crise ecológica. Na tentativa de seu silenciamento pela supressão observamos que absolutamente nada pode ser negado, pois a negação mortaliza ou diminui a alma, o pensamento, as vidas, gerando o mesmo, o igual, inclusive os espaços. Logo, já não se percebe troca com o outro, mas consumo: “os lugares perderam sua autenticidade, seu significado e as localidades tornaram-se indistinguíveis umas das outras.” (GRÜN, 2007, p.5).

Mortalidade é o oposto de vitalidade, mortalizar as relações não consiste em um processo criador de morte-vida, porém um parar no meio do caminho, só na morte, uma ruptura pela negação através do preconceito. É permitir o isolamento, é um não querer trocar, assim, mortalizar é decrescer o movimento de aprendizagem.

Em contraposição, a magia da Outridade é aceitar que existe o outro que é diferente, mas semelhante, e só é concretizada por uma relação de aceitação. A procriação da vida, das idéias e de sua rápida transmutação somente é possível se apreendermos o que podemos aprender com o outro, e como podemos ter no outro uma potencialização do eu. Além do outro se potencializar por nós.

Todavia, não queremos idealizar o *Outro*, já que esse outro também tem valores instituídos, assim, o capital também modela a alteridade, tornando-a objeto de consumo (MANCE, 1999), a isso se chama re-territorialização capitalística. Urge

então, o constante estar à espreita, a criticidade frente ao visível e ao invisível, observando o que se encontra por trás da face, por meio de uma atitude radical.

Nesse sentido, consideramos que a Outridade reflete ambientes saudáveis, porque críticos e radicais, porque se pretende ser outro: devires proporcionados pela subjetividade em transmutação. Consiste naquela porção mais ou menos escondida do devir revolucionário.

Ao trazermos a discussão do que entendemos por ambiente podemos problematizar o próprio termo Educação Ambiental. Se ambiental é relações, é troca, é produção de subjetividade, a educação ambiental, como meio de aprendizagem, necessariamente produz sujeitos, e assim, produz pensamentos, ações, tanto em sua perspectiva conservadora quanto pela crítica.

Como apostamos na educação ambiental crítica, que se opõe ao sistema instituído e se indigna com as injustiças, apostamos na Outridade, que como aceitação do diferente, do outro ambiente, é perpassada por um ambiente de produção de criação, do novo.

Consideramos aqui, portanto, que o diferente não se encontra no instituído, mas nos valores instituintes, já que ao se preocupar com o outro, envolve-se na perspectiva crítica, nas relações baseadas no amor, as quais produzem vitalidade. Pois...a outridade envolve antes de tudo a capacidade de estar sempre em mudança, já que aceita trocar as relações com o outro. Impossível ser o mesmo.

Ambientes que fazem multiplicidades, que constituem o rizoma por suas linhas moleculares e de fuga, desenvolvendo conexões para potencializar os valores de vida. A transversalidade permite a busca por esses ambientes, a busca por encontros, relações cotidianas, tecendo a cada dia.

Ambientes ecosófico permitem sempre a conexão das três ecologias para a transformação social e cultural. Tomando a reflexão de Sato e Passos (2006, p.23): “É preciso ir além da felicidade do *eu*, é preciso ousar uma felicidade do *eu-outro*, pois a política mudou de lugar. Ela não está nos estados de plantão.”

O acreditar que as coisas podem dar certo, acreditar no outro, deve ser produzido socialmente, a fé, conforme Jambolão ao comentar: *A fé é social, na Outridade do outro que não posso botar a mão na cara dele e amassar. A comunidade é sempre uma novidade criadora. A fé sem obra é morta. Poder exercer a fé é acreditar na presença do outro. Sem hierarquia.*

E com essa narrativa, Amorosa comenta: *A simplicidade, ela desarma, é o maior poder que está em nós.*

De acordo com Grün (2007) é necessário trocar ao invés de consumir. Quando negamos o outro: outro eu, outro ser, outro natureza, estamos nos suprimindo, silenciando-nos. Não temos diálogo. A negação do outro mata, mortaliza o processo de Outridade.

Portanto, a Outridade é a expressão de relações com o outro que garantem a troca e o processo de subjetivação. Neste caso, por meio de relações de amor como cuidado e a sua re-territorialização, pelo medo do outro. Desse modo, o ambiente é o que trata, é o que cuida, o que ajuda a criar outros ambientes diferentes; quem sabe ainda o ambiente o que destrata, é o que oprime, forma e deforma a todo instante, no cotidiano das relações.



7.2.2 Nas Relações, o Amor como Cuidado

É a revolução cotidiana posta em prática nas esquinas de cada mutante que se recusa a perder seus sonhos.

(Michèle Sato e Heitor Medeiros)

Na Outridade, a troca é perpassada pelo amor como cuidado nas relações. Esse cuidado aos múltiplos outros é demonstrado na forma pela qual nos permitimos potencializar a troca, pelo respeito à palavra, às sensações e ao corpo, o que gera confiança para a produção de diálogos.

Assim, amar representa: “[...] no una voluntad absurda de amar cualquier cosa y a cualquiera, ni tampoco identificarse al Universo, sino extraer el puro acontecimiento que me une a los que amo [...]” (DELEUZE e PARNET, 1977, p.76).

Amar é assumir responsabilidades, o respeito e o compromisso com a palavra, é se enxergar no outro. O outro que difere de mim, mas que me reflete, como um espelho, uma miragem ao contrário e distorcida. *Cada um é um, não têm iguais. Nós temos que assumir a nossa responsabilidade. Sem A, nem B. Saber se perdoarem, porque falha todos temos. É no amor que a gente leva as coisas para frente.* (Irmã Rosa Branca).

A assunção da responsabilidade à palavra do outro promove um acreditar que a tarefa irá ser realizada, pois a tarefa é o líder. É assumir que cada um é singular, importante e único para a mudança social. Como já referido a autonomia pessoal reflete na autonomia coletiva, e vice-versa, de acordo com a produção de subjetividade.

Responsabilidade não é algo imposto, mas voluntário: “é a resposta que damos às necessidades, expressas ou não expressas, de outro ser humano. [...] Sente-se responsável por seus semelhantes, como se sente responsável por si mesma”. (FROMM, 1995, p.40) Vale ressaltar que para que não haja dominação, responsabilidade e respeito devem caminhar juntos, com o objetivo de olhar para a singularidade do outro.

É importante notar que a singularidade é diferente da individualidade, e, por isso, pensar-se como uma peça de um importante jogo é refletir sobre os discursos hegemônicos estabelecidos em ações de educação ambiental, que promovem o total comprometimento do indivíduo como o único solucionante e responsável pela degradação dos ambientes, escondendo que o problema é sócio-econômico.

Colocar a culpa e ao mesmo tempo a solução no indivíduo acerca da crise ecológica é tentar esconder a real problemática. É muitas vezes assumir propostas de soluções que conferem a legitimação do capitalismo, como, por exemplo, abordar questões técnico-científicas ao invés de problematizar o próprio modelo de vida. Por

isso, a solução esconde-se no indivíduo, que é diferente de singular, pois singular pensa e age de outra maneira, foge dos discursos estabelecidos.

Nesse ínterim, uma das principais questões é observarmos os fatores de culpabilização e os nossos erros, daquilo que dizem que é certo e o que dizem que é errado (GUATTARI, 1986a). Por isso, a importância de diálogos construtivos, problematizadores e críticos. A mudança a partir de ações, que partem de idéias, que partem da troca, na aprendizagem pelo diálogo, na construção coletiva das práxis.

Para existir o diálogo, que não é algo imposto, mas uma criação de vários outros, ele deve ser fundado no amor: “Neste lugar de encontro, não há ignorantes absolutos nem sábios absolutos: há homens que, em comunhão, buscam saber mais.” (FREIRE, 2005, p.93).

Trocar aprendizagem e experiências pelo diálogo é referência de amor: “Se não amo o mundo, se não amo a vida, se não amo os homens, não me é possível o diálogo.”(FREIRE, *Ibid.*, p.92). Logo, o diálogo se estabelece somente na Outridade, na aprendizagem com o diferente em uma relação de respeito de entre as partes, de vários ambientes. Ele serve para produção de ambientes de criação, de potencialização do novo, do instituinte.

Concordamos com Barcelos (2004) em sua reflexão de que o diálogo entre diversidades nos levará a conhecer suas singularidades e produzir a nossa, através da fusão de elementos no processo de subjetivação. Essa troca dialógica pode muitas vezes conter particularidades contraditórias.

Diálogos verbais ou corporais, como o toque, simbolizam confiança e carinho pela atenção proporcionada. Diálogos que concordam e diálogos que discordam, por ser outro. Na Outridade, os diálogos discordantes não reprimem o pensar e o agir do outro, mas a partir de reflexões que são produzidas pela troca, demonstram, momentaneamente ou não, concordando ou não, uma outra possibilidade que poderá ou não ser assumida. Entretanto, provoca. Provocar é fazer brotar, desafiar o outro a pensar que há outros pensares.

Provocação é o favorecimento das múltiplas formas de ação, porque momentânea e singular. Por isso, a provocação só se estabelece em relação, já que é mediatizada pelo outro (FONSECA, 2006).

Assim, toda relação é conflituosa, inclusive em um ambiente saudável, já que faz parte da nossa cultura. Para Barcelos (2004), a cultura representa as nossas

crenças, valores, trabalhos, técnicas, saberes, símbolos, mitos e ritos, sendo um algo a ser transmitido. Essa transmissão promove a continuidade dos costumes, hábitos, valores. É essa diversidade que provoca conflitos imanentes ao ser humano, isto é, pela troca dos diversos outros, que pensam e agem diferentemente.

O conflito pode também se estabelecer como forças de um ambiente poluído, já que é impossível fugir dessa produção cultural - emergem em uma determinada situação pelo medo da criação do outro ambiente, que não ele. Portanto, entre os tipos de conflitos, existem os conflitos de repressão do diferente, como, por exemplo, o racismo, as guerras, os conflitos de despotencialização.

O conflito de repressão surge na incapacidade de aceitar o outro, de ter uma relação de singularização com o outro que é diferente, fenômeno este causador de violência tanto simbólica quanto física (GUATTARI, 1991).

Por isso, em ambos os casos, o conflito é a luta dos contrários, a oposição desencadeada pelo diferente, ao mesmo tempo em que provoca transtornos, que incomoda, desacomoda. Porém quando enfrentado e refletido numa atitude amorosa de aprendizagem com o outro, promove a mudança dos sujeitos, dos movimentos e da sociedade (BAREMBLITT, 2002).

A troca de amor como cuidado estabelece bem-estar em um grupo que se articula para a construção desse ambiente de Outridade. Bem-estar consiste em um estado de satisfação consigo mesmo, com seus pensamentos e com as suas ações, e etimologicamente significa um estar firme, de pé. Um dos exemplos é a narrativa da Sálvia, a senhora que lava os vidros das homeopantias, a qual diz que desde que está trabalhando na comunidade ela não toma mais medicamentos para depressão:

A limpeza do vidro parece que dá uma limpeza por dentro. Eu entro aqui e é como se eu recebesse uma energia, que eu esqueço dos problemas. [...] Eu tenho hoje a qualidade de vida porque eu faço as coisas que eu quero, nada é imposto. Vidro para mim é como se fosse a minha alma, como se a lavasse todas as vezes.

Esse bem-estar produzido nas diversas instâncias do outro, os “eus”, o grupo, é o que cura ou imuniza, grande parte do tempo, contra a produção de antiprodução, já que o produzido é desejado, ou seja, produção de produção. Conforme dito, nada é imposto, as pessoas trabalham com aquilo que mais gostam, desde a lavagem do vidro à manipulação das homeopantias.

Uma das coisas que facilita a não produção dessa hierarquia de trabalho é o voluntariado, o não envolver dinheiro minimiza a competição que este acaba estimulando: *Quando tu ta te doando é uma coisa, quando faz por dinheiro é outra. Aquilo que eu dei com meu amor, meu trabalho, isso é caridade* (Fortuna). Logo, amor envolve troca e não consumo.

Nesse contexto, o cuidado com o outro é produtor de alegria, pois promove aumento da auto-estima, viabiliza o próprio autoconhecimento e estimula o crescimento pessoal, “buscando organizar forças subjetivas e sociais que podem transformar o ser, portanto, seu destino” (SANTOS, 2005, p.198).

Desse modo, há que se procurar espaços criados e inventados socialmente em que predomine o amor. Essa invenção-criação corresponde à Outridade na medida em que a sociedade é sempre outra em nível macro pelas outras tantas culturas e particularidades que queremos inventar nela (BARCELOS, 2004).

O bem-estar proporcionado pelo amor como cuidado, respeita o fazer o que gosta, o qual gera união do grupo, pois as pessoas não trabalham por dinheiro, a moeda como obrigação. Nas comunidades, ninguém é obrigado a nada, nem a permanecer, portanto, uma das razões para a durabilidade desse trabalho popular é o que ele proporciona com relação ao sentir-se em, ao sentir-se com, ao se sentir. *O elixir da tua vida é quando alguém diz que está se sentindo bem. Essa sensação de ajudar é um caminho sem volta, dar recebendo carinho. Aqui é uma família. É um compromisso assumido* (Gervão).

Concordamos com Fontes e Garcia (2005, p. 290) ao afirmar que é necessário pensar o cuidado como “um ato de solidariedade com compromisso político e ético e, ao mesmo tempo, um conhecimento e um saber estético.”, seguido de sensação de liberdade pelo prazer proporcionado.

Dar ou se doar não é sacrifício para aqueles que percebem o que o dar provoca no outro e o que provoca em si. Nessa troca de vitalidade acabam recebendo um bem-estar de alegria. Trocar é um caráter produtivo e ativo do amor é a mais alta expressão da potência. Antes como algo material, dar é se doar ao outro em suas tristezas e alegrias, conhecimento e compreensão:

Dando assim, de sua vida, enriquece a outra pessoa, valoriza-lhe o sentimento de vitalidade ao valorizar o seu próprio sentimento de vitalidade. [...] Mas, ao dar, não pode deixar de levar alguma coisa à vida

da outra pessoa, e isso que é levado à vida reflete-se de volta no doador. [...] o amor é uma força que produz amor. (FROMM, 1995, p.36)

Vale ressaltar que a importância dessa produção de bem-estar somente é viável pela existência de vínculos, sendo nesse caso, o acolhimento ao outro e seu constante e crescente vir a ser. Vincular-se é enrolar-se, criar laços, tecendo redes, unindo, encadeando, atando as relações com tais nós que para desprender-se é difícil. Possibilita-se, assim, a não destruição dessa teia por forças sociais negativas, os valores instituídos pelo capital que querem destruir uma organização social alternativa.

Os valores instituídos, as regras, “gritam” que é necessário “[...] premunir a existência contra toda intrusão de acontecimentos suscetíveis de atrapalhar e perturbar a opinião.” (GUATTARI, 2001, p.34). Designa, pois, que toda singularidade deve ser evitada.

O imunizar-se a esse vírus que propaga e que pretende destruir provém da cura como saúde, como criação de um ambiente saudável, uma teia que se fortalece por potencializar os devires, um vir a ser melhor pelo que aprendemos juntos. Curar é tratar juntos, é zelar, é cuidar uns dos outros: *Tudo se cura aqui, é o amor. É um trabalho de amor, de confiança, gratificante. Todo trabalho tem que ser feito com amor para não cansar. Amar é saber cuidar. O que ajuda a curar são as relações, a atenção* (Melhoral).

O amor é um dos maiores valores a serem praticados e conforme Guattari (1991, p. 169): “La alegría de vivir, la solidaridad, la compasión con el prójimo, deben considerarse como sentimientos em vías de extinción y que urge proteger, vivificar, reimpulsar por nuevas vías.”

Portanto, vacinar-se juntos contra o que provoca doença é potencializar os desejos que por medo, escondem-se. São os diversos devires, vir a ser porque quer ser, porque produz vitalidade, em conexão e impulsionados pelos momentos, pela troca com o outro que fortalece o grupo desejante.

O desejo, para Guattari e Deleuze, nega o conceito de objeto do desejo, como uma coisa única a desejar, mas com uma visão rizomática, significa toda a paisagem em que ele está inserido, isto é, seus múltiplos sentidos em torno de alguma coisa, percebidos através da nossa constituição por agenciamentos.

Consiste em um processo que anima a vontade de viver, amar, criar uma outra percepção de mundo. Entretanto, urge levar em consideração que o desejo que aqui representamos está implícito a singularização, o tornar-se diferente do que está prescrito, diferindo do desejo capitalista; portanto, o desejo de singularização deve respeitar a implicação da não geração da “violência generalizada e uma incapacidade de a humanidade fazer a gestão da vida.” (GUATTARI, 1986b, p.217)

O desejo é um processo ontológico, protagonizado pelas nossas multiplicidades que estão em nosso rizoma de existência, tornando-se sempre ser do devir. É o que produz novas realidades (BAREMBLITT, 1998). Como do próprio ser, o desejo já faz parte da criança, e por isso, revela-se como um querer sempre em construção, sendo o modo produtor e criativo (GUATTARI, op. cit.).

Ao costurarmos o conceito de desejo, tanto pela visão capitalista quanto o desejo que potencializa o outro com o de rizoma, a partir de Deleuze e Guattari (1995) observamos que:

Quando um rizoma é fechado, arborificado, acabou, do desejo nada mais passa; porque é sempre por rizoma que o desejo se move e produz. Toda vez que o desejo segue uma árvore acontecem as quedas internas que o fazem declinar e conduzem à morte; mas o rizoma opera sobre o desejo por impulsões exteriores e produtivas.” (p.22).

Podemos relacionar também o desejo como a possibilidade de traçar linhas de fuga desejantes que resistam a capturas de dispositivos de disciplinamento social (FERNÁNDEZ, 2007). Nesse sentido, “o desejo pode reorientar para a construção de outros territórios, de outras maneiras de sentir as coisas [...]” (GUATTARI, 1986b, p.306)

Por conta disso, Barcelos (2004) afirma que o amor não tem nada a ver com atitudes repressivas, ele deve ser celebrado se não for coercitivo. O amor se funde no direito dos diferentes povos de conquistar a sua singularidade pela organização, sua autonomia, o que possibilita assim, sua própria auto-gestão.

De acordo com Freire (2005, p.33) é imprescindível: “[...] Lutar para que desapareçam as razões que alimentam o falso amor.” O amor é a busca por transformação da situação que gera opressão, em todo e qualquer tipo de ambiente, seja ele mental, social ou natural.

Partindo da perspectiva desse mesmo autor percebemos que o amor está conectado também com a humildade, pois como estabelecer diálogos se sempre

observarmos a ignorância no outro e não em si, se não (re)conhecermos nossos outros eus?

Os maiores valores são honestidade, responsabilidade e serenidade, que é não ser arrogante, é ser humilde. Tem gente que se acha dono do mundo. E ninguém sabe mais que o outro, todo mundo é aprendiz. [...] pobres são aquelas pessoas de pouca fé na vida, egoístas e que não tem amor. A natureza entende quando a gente a ama. É o cuidado de amor, com a natureza, com as pessoas (Rosa Branca).

Nas entrelinhas deste subcapítulo, é possível definir que o dispositivo de mobilização das pessoas para um trabalho de transformação dos valores instituídos e para a produção de acontecimentos é ocasionado pela produção de subjetividade nas comunidades.

Essa subjetividade é perpassada pelo desejo de vitalidade oferecido pela aceitação do outro que é diferente, e assim produz vínculos sociais capazes de responsabilizar as pessoas por uma causa e aderir novos integrantes ao trabalho. O bem-estar do grupo é perpassado pelas relações saudáveis a partir do amor como cuidado ao outro em diversas instâncias, seja nas reuniões, nas reflexões do evangelho, nas coletas e no cuidado com as plantas, com os animais, com a água, no momento do chá ou em atitudes e conversas cotidianas.

Os vínculos são formados porque não fazemos distinção entre as pessoas, aí elas têm apreço pela gente. Tem que ser justo e amoroso (Rosa Branca).

A partir disso, podemos perceber o rizoma e a produção desse através de agenciamentos que fazem com que as pessoas assumam a responsabilidade e encorajem-se para construção de um mundo melhor, outros mundos, próximos ao seu alcance. Não fazer distinção entre as pessoas é aceitar dialogar com o que difere, e, assim, produzir vínculos.

São as relações, pois, os ambientes, os que aproximam o desejo de transformação ou os que afastam dos poderes e dos valores hegemônicos. Enfim, estabelecer Outridade é produzir subjetividade oposta à produção de subjetividade capitalística, é uma outra maneira de perceber-se sendo.

A Irmã ajuda a plantar a semente no coração de cada um. Se quem está aqui e consegue pegar um pouquinho e acreditar. Se cada um colher 1% do trabalho voluntário. Essa transformação não tem como acabar. Acreditar em si, aprender a se conectar com o que é bom, a gente se livra de umas difíceis (Margarida).

Se traçarmos aos poucos a linha de fuga a partir de agenciamentos pela aceitação ao outro, podemos constituir uma subjetividade diferente nas várias instâncias do outro, social, mental e ambiental.

Desse modo, o desejo é coletivo, pela existência desses diversos outros, pois mesmo sendo imanentes a mim, já o são de outros, heterônimos meus, comunidade, espaço de vida. Invenção de si e do outro. É uma estimulação recíproca das potências coletivas.



7.2.3 Comunidade Temida: O Medo do Outro

*Beijo por beijo, não vale a pena dar. Morte por morte, é uma loucura só.
Eu e o amigo que se desespera, dentro da cerca da sua prisão.
Sabemos ainda é cedo para pisar na lama e cortar os ferros que prendem a
mão, mas um vôo longo pode ser tentado.
Enfrentando balas e outras ações feitas de encomenda para te afastar dos
teus.
Que como mendigos andam sem pátria.
Tatuados pelo temor.
(Zé Ramalho)*

Os vários discursos sobre a mal-maneira de viver em sociedade discutem as questões do individualismo e do egoísmo, cuja competição consiste no principal fator estimulado pela cultura vigente, a qual garante o funcionamento do sistema. Entretanto, é necessário pensar como é produzida essa subjetividade, quais problemas estão ocorrendo nas relações humanas e de que maneira educadores ambientais são afetados e assim limitados em suas ações educativas.

Com isso, ao mesmo tempo em que há nas diversas correntes da educação ambiental, e desde sempre houve, sonhos coletivos de um mundo mais justo, mais pacífico e com menos desigualdades, encontram-se barreiras e amarras imperceptíveis que nos agarram e nos restringem ao crescimento em conjunto, ao crescer com o outro.

Essa barreira é perpassada pela ausência de encontros vitais ou pela presença de ambientes poluídos, explicando nossas contradições:

Nem todos temos a coragem deste encontro e nos enrijecemos no desencontro, no qual transformamos o outro em puro objeto. [...] Matamos a vida, em lugar de alimentarmos a vida. Em lugar de buscá-la, corremos dela. [...] É o que todo ser se desenvolve (ou se transforma) dentro de si mesmo, no jogo de suas contradições. (FREIRE, 2005, p. 147, 155).

A partir daí podemos fazer a reflexão de que um dos problemas da falta de intimidade e da dificuldade nas relações é devido ao medo do outro, que forma assim uma problemática da ecologia mental e da ecologia social.

Esse medo tende a provocar um distanciamento pelo medo do que o outro venha a nos causar, podendo causar o egoísmo, ou seja, o não sentir prazer ao dar, negar o dar-se, pelo receio de que não receba nada em troca. Por conta disso, somente se satisfazer em adquirir, e doar como troca, ou doar-se se torna um sacrifício.

O ato egoísta é consumista, “o mundo exterior é encarado apenas do ponto de vista daquilo que ela pode extrair dele.” (FROMM, 1995, p.76) Essa maneira de percepção tem como consequência o desinteresse pelas necessidades alheias, além do desrespeito ao próximo, o que reflete em alguns momentos na incapacidade de amar.

Na discussão dos afectos do grupo com relação à comunidade temida emergiu a sensação de medo que temos uns dos outros. Assim, verificamos a dimensão e as amarras que isso pode ocasionar, pois como conviver e tentar criar

um ambiente de Outridade, mas contraditoriamente temê-lo? O melhor exemplo disso é a narrativa expressada pela Margarida ao dizer que tem medo do homem: *Medo, violência, insegurança do próprio ser humano. É o que a gente vive hoje, desespero.*

Desesperar-se, desesperar-nos. Não esperar pelo outro. Por que o medo de nos aventurar no desconhecido e não nos segurarmos? Nessa perspectiva, prejudicamos as relações. O outro poderá nos machucar? Agredir-nos com palavras e ações? Como sair de nosso próprio território e tentar conhecer outros caminhos, superar a nossa fragilidade? Como então traçar linhas de fuga?

Nesse sentido, o medo do outro se deve pela manipulação da produção de subjetividade coletiva normalizada, por isso, “A violência e a negatividade resultam sempre de agenciamentos subjetivos complexos.”(GUATTARI, 2001, p. 42) Não é essência humana, mas atributos construídos e sustentados.

O medo nas relações causa preconceito, porque antes mesmo de conhecermos alguém, como uma válvula de escape, o julgamos. Isso faz com que não tenhamos de nos aproximar, não se fazendo necessário; e assim, ao não nos aproximarmos não corremos o perigo de sofrer as conseqüências que tememos, temores conscientes ou inconscientes.

Uma das grandes conquista sobre a nossa subjetividade é a produção de fazer o outro, encarado como inimigo, viver com medo. O medo em tempos de contemporaneidade não está explícito em algum lugar, mas em toda parte, conforme Barcelos (2004, p.32) ao comentar que o medo está: “Um pouco em cada lugar. Inteira em lugar nenhum.”

Para demonstrar o medo, trazemos trechos de uma poesia de Carlos Drummond de Andrade (2002, p.35,36), pois para nós, poesia consiste em um dos maiores exemplos de criação. Portanto, de certa maneira, poesia é teoria acadêmica. Ah, se educássemos a nossa alma de poeta, aquele outro, quão geniais seriam as dissertações e não repetiríamos discursos.

Segundo Ferre (2001, p. 199): “[...] são os poetas quem, com sua palavra, acertam no mais íntimo de nossas realidades, isto é, no mais profundo de nosso sentir e no mais sentido de nosso pensar.”

O MEDO

Em verdade temos medo.
 Nascemos escuro.
 As existências são poucas:
 Carteiro, ditador, soldado.
 Nosso destino, incompleto.

E fomos educados para o medo.
 Cheiramos flores de medo.
 Vestimos panos de medo.
 De medo, vermelhos rios vadeamos.

Somos apenas uns homens
 e a natureza traiu-nos.
 Há as árvores, as fábricas, doenças galopantes, fomes.

Refugiamo-nos no amor,
 este célebre sentimento, e o amor faltou [...]
 O medo, com sua capa,
 nos dissimula e nos berça.

Fiquei com medo de ti,
 meu companheiro moreno.
 De nós, de vós; e de tudo.
 Estou com medo da honra.

Assim nos criam burgueses.
 Nosso caminho: traçado.
 Por que morrer em conjunto?
 E se todos nós vivêssemos?

Vem, harmonia do medo,
 Vem, ó terror das estradas, susto na noite,
 receio de água poluída. Muletas do homem só.

Ajudai-nos, lentos poderes do láudano.
 Até a canção medrosa se parte, se transe e cala-se. [...]

O medo, assim como o amor, também acolhe, temor insano de algo virtual, acolhe-nos em nossos pequenos ninhos, em nossos pequenos espaços, isolamento. Muletas do homem só, falta o outro para o apoio, aprendo a andar sozinho, mas aprendo pouco. Caminhos traçados por nossa cultura. O real segredo, aquele em que posso fugir, é *transgredir e assim transmutar*.

Vale ressaltar que o desespero se encontra na ausência do contato, na não abertura ao outro, o que gera decréscimo na aprendizagem, pois negamos a troca de saberes. Por isso, é preciso cuidadosamente perceber o que cada sensação,

afeto, nos é capaz de estimular ou dificultar em nossas maneiras de vivenciar as situações, em todas as nossas instâncias de convívio.

Muitas vezes é melhor não observarmos as nossas contradições por medo de nos auto-humilharmos. É um não querer enxergar-se por medo de se auto-humilhar, é onde atua o opressor no oprimido, domesticando-se para não encarar a realidade (FREIRE, 2005). É o medo de que a abertura ao outro poderá surgir coisas que não estão ao nosso favor (GRÜN, 2007).

É interessante observar que o dispositivo artístico de formulação da imagem da comunidade temida permitiu a emergência dessa contradição neste trabalho de educação ambiental não-formal. As pessoas, refletindo sobre isso, conseguiram enxergar seus limites e compreender que estão sendo formadas por um sistema que subjetiva e ordena as maneiras de pensar, afastando o outro: *“Eles” manipulam, nós formiguinhas. Falta de amor, individualismo, falta de união, isolamento* (Cidrão).

Por isso, é impossível fugir “deles” completamente, desses valores instituídos que movem todo o maquinário do inconsciente social. O reconhecimento desse limite é a primeira iniciativa a ser tomada: a observação dos conflitos repressores que impedem o crescimento e a vitalidade pessoal e coletiva.

Essa produção e manipulação de subjetividade diminuem a qualidade nas relações, dificultando a força de empenho para a conquista de direitos à vida, e assim, as atitudes políticas de organização social se tornam enfraquecidas.

As relações nas diversas instituições promovidas pela atual cultura de dominação social incorporam modos de ser. Estes modos de ser também são formados pela mídia, tais como o cinema, a Internet, os jogos, e principalmente a televisão, devido ao grande alcance pela maioria.

Isso é formação familiar, a televisão. Em qualquer vila, ranchinho, todo mundo tem televisão. Não tem nem o que comerem. E isso é uma cultura que a gente fica apavorada (Rosa Branca).

Com essas reflexões perguntamos de quem eles tem medo e Cildônea comenta: *Pessoas excluídas que estão tendo atitudes sem querer*. Podemos então afirmar que a mídia também projeta o medo às classes desfavorecidas economicamente.

Quais atitudes são essas que estão tendo? Será que a maioria das pessoas tem atitudes perigosas? Como nos conectar ao outro que necessita de ajuda se ele pode ser uma constante ameaça? Como dialogar com a classe oprimida?

Conforme explicitado, a ameaça do outro se reflete nas relações e na impossibilidade de crescimento por não haver a troca de experiências e, por conseguinte, surge a não viabilização da cooperação, pois ninguém coopera na solidão, cada um em seu canto. É tudo um processo: medo instituído que promove solidão e exclusão do outro. Não há cooperação, a morte da cooperação representa uma poluição produzida por ambientes sujos, inviabilizando uma relação saudável na ecologia social, mental, natural. E sempre em ciclos.

Com isso, o sistema se fortalece, promovendo indivíduos que pensam e agem por meio de um catálogo de prescrições, de palavras que indicam ordens, as quais predeterminam os desejos e as expressões (MANCIE, 1999).

Essa manipulação social não “estraga” somente as relações entre classes econômicas, mas as relações em geral, em seus diversos ambientes, desde os nossos outros “eus”, por não reconhecermos e dialogarmos com nossos outros, até o ambiente social e a maneira como interagimos com a natureza.

A fim de confirmarmos ainda mais esta reflexão, os participantes da intervenção sociopoética concordaram entre si que o pior que poderia acontecer com a comunidade era o impedimento e a dificuldade nas relações, porque o pior seria fecharem as comunidades: *Fechar, deixar de conviver com as pessoas que se preocupam. Aqui, a gente brinca, conversa, tira dores* (Bolto).

Fechar-se nas relações, fechar os espaços que criam um ambiente saudável que potencializa a alegria, o conforto, a igualdade na diferença. O maior medo consiste em não haver a troca de vitalidade, não haver amor como cuidado. As dores são tiradas porque tem o outro que assiste, que desconstrói as tristezas, as mágoas, possibilitando uma outra percepção da vida como enfrentamento e aprendizagem. É o bem-estar produzido pelo vínculo. *Eu entro aqui e é como se eu recebesse uma energia que eu esqueço dos problemas.* (Margarida)

Por isso, a importância de espaços de crescimento pessoal que sejam construídos por todos. O fim da Outridade é o fim da troca, portanto, a troca que promove bem-estar. Vínculos de amor se perdem, é o fim do convívio. E uma das curiosidades da intervenção sociopoética foram os sentimentos e as palavras expressadas pelas estátuas com relação à comunidade temida: Não; Afasta; Matar; Hoje não; Não quero, não quero. Além disso, ficamos pensando o porquê de várias pessoas mostrarem o temor com o símbolo de armas (Figura 7).

Nessa figura observamos três pessoas que estão com armas na mão. Durante a primeira análise ficávamos nos perguntando o que esta representação tinha a ver com a comunidade temida? As armas que dominam? A submissão? A distância do outro, já que armar-se indica ataque e defesa em uma atitude de proteção, mas, proteção contra quem?



Figura 7 - Quadro que representa a comunidade temida

Assim, no segundo encontro sociopoético, levantamos essa questão a fim de verificarmos o que eles entendiam nessa imagem e a sua relação de armamento. Alguns disseram que as armas servem para *se proteger de alguma coisa, proteger dos outros, dos nossos medos, do medo dos outros, como em um assalto* (Cidrão).

É impossível negar a violência social que toma forma em agressões físicas e mortes devido ao caos promovido pela desigualdade entre classes sociais ou por valores de exploração ao outro, em busca de interesses próprios, o caos emocional. Portanto, nos perguntamos o que isso tem a ver com a comunidade temida?

Com isso, Amorosa comentou: *Arma representa força? A arma significa: eu tenho medo. E isso é uma maneira de dominação, como se eu só sentisse segurança quando tiver uma arma. É uma falta de respeito à vida.*

Esse comentário demonstra que estar armado significa hierarquia frente a determinadas situações a fim de se proteger. Quando estabelecemos uma relação

entre iguais o nosso desarmamento frente aos outros é estabelecido. Desarmamento de nossos preconceitos, de nossas limitações, de nossas contradições. E isso está conectado à Outridade, ou seja, estabelecer uma relação de abertura ao outro, impedindo a distância que vem simbolicamente pelo medo de intimidade, afastando-nos de nossas armas.

Armas que nos aprisionam, conforme explicitou Alecrim, um presidiário que está trabalhando na comunidade da cadeia: *No presídio não tem espaço para fazer de conta que não está acontecendo. Aqui, é mascarado. Não temos quem acredite na gente, não temos quem nos ouça, tem mais cacique que índio. Dentro da cela não tem para onde ir, mas na nossa sociedade é igual.*

Nossas algemas invisíveis. Prisões escondidas pelo falso sentimento de liberdade. Mas que liberdade é essa, se estamos na solidão, estamos tão só, apesar dos infinitos locais de lazer e encontros. Prisões essas, mais internas pelo medo de conviver com o outro, o que acaba refletindo na falta de mobilização social. Prisões sociais pela falta de oportunidade no trabalho, na escola, na saúde, em uma vida mais decente. Prisões várias. Nesse sistema, o modelo de vida é aprisionar o ser, aprisionar a sociedade, aprisionar a natureza pela exploração.

Em nossa sociedade a competição é ensinada desde a mais tenra idade. Como existir solidariedade se esta precisa de cooperação? O que nos é ensinado é a competição, o melhor que vença. E o medo vem como ferramenta para não nos sensibilizarmos com o outro, por não estarmos aptos à aproximação.

Isso tudo certamente tem um fator de capital envolvido. Conforme mencionado, a televisão é um dos melhores meios de manipulação social por atingir todas as classes. Reportagens, filmes, desenhos infantis, telenovelas extremamente violentas. E onde estará a outra história, o que realmente funciona para a mudança social?

É necessário que criemos antídotos para a uniformização midiática, conformismo da moda e manipulações da opinião pública (GUATTARI, 2001).

O medo atrai sentimento de culpa, sofrimento. A televisão provoca medo, submissão (Cidrao). Sentimento de culpa por sermos todos igualmente responsáveis pela destruição do planeta, sentimento de culpa pelo Brasil ter somente políticos cafajestes, pois todo brasileiro tem o seu “jeitinho”. Culpa, culpa, culpa. Medo.

O funcionamento do mass-mídia promove a separação do outro, a irresponsabilidade diante do outro, arremetendo a um acontecimento existencial de

quem a assiste, levando a consistência de um universo de valor, neste caso, o medo com relação ao outro (GUATTARI, 1991).

Ao pararmos para refletir sobre tudo isso, o medo faz circular o capital, porque quanto mais temor, maior é o número de armas vendidas, maior é o consumo farmacêutico pelo medo da insuficiência de saúde, além do medo daquilo que não é comprovado cientificamente. São dores do corpo, são dores sociais.

Medos epistemológicos de abandonarmos nossas certezas e enxergar as limitações, medo interpessoal de desconfiança, preconceito e rejeição. Medo do novo. Em contraposição, urge abrir a transversalidade e *escolher o que nos afeta* (Amorosa). Procurar encontros, agenciamentos aos que queremos nos deixar afetar.

Por outro lado, é observada na figura 8 uma mulher agachada. Perguntamos a ela o que isso realmente significava, e ela respondeu: *eu disse a palavra vôo, para me libertar desse medo, a cada dia tenho de me libertar dos medos que eu tenho. A sociedade ensina o que é certo e errado. Perde o verdadeiro sentido.*



Figura 8 - Vôo.

Por conta disso, pretendemos refletir que os valores cotidianos quando postos em prática pelo desejo de mudança, fazem nos libertar de nossas relações maniqueístas. Por meio de agenciamento e de procura de coletivos de organização

sócio-ambiental, buscar novas formas de existência, sempre procurando a criticidade em nossos ambientes de convívio.

A importância de não enxergar o outro como inimigo, consiste em uma atitude cotidiana, desconstruindo o imaginário do outro como um possível violento. Percebe-se assim que o outro, por nos constituir, é muito parecido conosco, embora diferente. Não enxergando as pessoas como inimigas, não há espaço para a raiva e para o temor. O que permite a aproximação ao outro e assim atitudes de cooperação, conforme Barcelos (2004), ao afirmar que é necessário vermos as pessoas não como inimigas em potencial, mas como possíveis aliadas.

Se nos libertamos, voamos para o desconhecido. A liberdade é diferente da manutenção do instituído. Segundo Freire (2005) teme-se a liberdade enquanto não se sentir capaz de correr riscos, “Enquanto tocados pelo medo da liberdade, se negam a apelar a outros e a escutar o apelo que se lhes faça ou que se tenham feito a si mesmos [...]” (p.38).

Traçar a linha de fuga, desenvolver a criticidade e procurar agenciamentos saudáveis: “O inconsciente permanece agarrado em fixações arcaicas apenas enquanto nenhum engajamento o faz projetar-se para o futuro.” (GUATTARI, 2001, p. 20).

Nesse caso, podemos aproximar com a reflexão de Barcelos (op. cit.) acerca da crise ecológica:

Tal cenário, no entanto, não deve servir para nos deixar paralisados. Ao contrário, deve servir, isto sim, para nos desafiar na busca de construção e/ou elaboração de novos caminhos, pois semelhantemente ao que acontece com a vida de homens e mulheres, as idéias também são mortais (p.26).

Por isso, o verdadeiro sentido é refletirmos criticamente as idéias, o que é imposto como o sentido e o porquê disso, e é o que nos revela a música-poesia de Zé Ramalho.

Beijo-Morte-Beijo

Beijo por beijo, não vale a pena dar. Morte por morte, é uma loucura só.

Eu e o amigo que se desespera, dentro da cerca da sua prisão.

Sabemos ainda é cedo para pisar na lama e cortar os ferros que prendem a mão,
mas um vôo longo pode ser tentado.

Enfrentando balas e outras ações feitas de encomenda para te afastar dos teus.

Que como mendigos andam sem pátria.

Tatuados pelo temor.

Tatuagens implantadas em nossos corpos. Tatuagens que nos fazem sentir medo, que é produzido em nossa subjetividade, em nossas maneiras de agir ou de não agir, conforme Alecrim: *Eu escutei muito que não dá para fazer, não podemos aceitar isso, temos que acreditar em nosso potencial.*

A capacidade de nos indignarmos frente a discursos e a ações de padrões sociais estabelecidos consiste na primeira atitude que se deve ter enquanto educadores ambientais ou para os que não querem se nomear, sujeitos sempre em formação educativa. A incredulidade ao imposto é querida quando temos valores que pretendem a outra margem, uma outra possibilidade.

É necessário estarmos atentos para que “[...] nossos sistemas não criem anticorpos contra a indignação e que os sustos cotidianos não imunizem a vontade de promover mudanças.” (SATO e MEDEIROS, 2007, p.8).

Sendo assim, propomos que um dos princípios que devem permear as práxis educativo-ambientais está na relação de Outridade em todos os ambientes, desejando algo diferente da fôrma, diferente do instituído: *A pessoa que tem carinho chega na planta com carinho, e está muito difícil encontrar pessoas assim* (Alecrim).

Respeitar os variados seres vivos e não-vivos, no amor como cuidado em sua concepção política e desejante de um outro mundo, revela um dos passos para essa revolução dos detalhes e que não deve ser encarado como norma, mas como princípio de transformação, o que ferve pelo meio das práxis.

Não nos permitir a Outridade em seus diversos ambientes é matar-nos aos poucos. Afastar-nos do outro é impedir a criatividade e a construção. É uma negação e que paradoxalmente a encontramos em um ambiente que promove saúde, e não a queremos. E a tão necessária emergência desse conflito para sabermos como lidar com ele em suas mais variadas situações.

Com relação aos conflitos, quando tem uma pessoa que está contra o trabalho, dá-se um jeito de ser amigo, de conversar. Quando vem alguém dizendo que não trabalha para bandido eu digo que todos nós somos um pouco bandidos, todos nós temos pecados (Rosa Branca).

Descobrem-se conflitos, mas o mais importante é: o que fazemos daqui para frente? Quais acontecimentos desejamos e como conquistá-los? Como conquistar nossa existência vital?

Sem o outro em relação de respeito estamos sós, não há construção, e continua a permanência do mesmo. Nós precisamos de ombros como apoio. Fazer da insegurança da relação um ponto a ser segurado, uma mola que impulsiona e que potencializa o desejo.

Portanto, *a Outridade é a ecosofia*, sendo esta um pensar multiconectado das relações em seus diversos ambientes. Relações refletidas, vínculos como conexões, a compreensão do instituído e do instituinte, a produção de linhas moleculares e de fuga como a mutação da subjetividade que está sendo produzida.

Partindo da concepção de Guattari (1991) sobre a ecosofia, por enfatizar o diferente, essa se encontra no dissenso, em múltiplas visões, já que com ela, a responsabilidade não está no *eu*, mas sim no *outro*. Este outro que é formado por nós e que nos forma, (de)forma, (trans)forma.

E o novo é produzido pelo enfrentamento do medo do outro, a que podemos chamar de esperança na ação. Insegurança. O não se segurar às nossas subjetividades instituídas, permite-nos enxergar uma outra possibilidade, uma outra percepção, a criação a partir da ação e de sua reflexão sobre ela.

Nesse íterim podemos fazer a reflexão de que o novo promove paradoxos, pois está entre o prazer e a dor, a insegurança e a convicção, a solidão e a solidariedade (MORAES e GALIAZZI, 2006).

O novo é libertarmo-nos de nossas amarras, é a guerra entre nossos valores instituídos e instituintes.

8 O GERÚNDIO DA CONCLUSÃO

A partir do que foi exposto, podemos afirmar que a crise ecológica somente poderá ser solucionada a partir de mudanças de valores. Procurar criar espaços que alimentem valores instituintes em ambientes saudáveis, os quais permitam a convivência e a aprendizagem com o outro pela Outridade. Ir à busca de encontros

que promovam relações de amor como cuidado para a transformação dos outros ambientes, os quais passam a existir pela produção de subjetividade.

Nesse ínterim, a Outridade é representada pelos diversos outros que nos constituem enquanto sujeitos, além de nossos outros internos que produzem nossas diversas maneiras de pensar e agir, produzindo outros sujeitos em nós mesmos, devires. A Outridade é originada por vários encontros que formam linhas moleculares e de fuga em nosso rizoma, seja ele sujeito, coletivo.

Produzir rizoma é traçar linhas que possibilitem e desejem uma realidade mais justa, pacífica, melhor de se (com)viver. É ir contra hierarquias, inventando mediadores educacionais, coletivos re-inventados e autogestionados que se constituem pelas suas práxis.

Por isso, é necessário refletir criticamente as nossas contradições pela abertura do coeficiente de transversalidade. (Re)conhecer nossos medos e observarmos como e porquê eles são produzidos e observá-los em processo de re-territorialização.

Aceitar o diferente é aceitar produzir-se múltiplos enquanto ser de uma única vida. “Convém deixar que se desenvolvam as culturas particulares inventando-se, ao mesmo tempo, outros contatos de cidadania.” (GUATTARI, p. 35, 2001).

Enfim, salientamos que as comunidades somente persistem por tanto tempo e seguem conseguindo novos adeptos pelas relações ambientais de Outridade que são produzidas nesse coletivo. Um trabalho sem imposição de nenhum estabelecimento institucional de políticas públicas e/ou privadas, à margem, perpetua-se pela circulação de saberes produzidos, na busca de autonomia pessoal e coletiva: econômica, afetiva e espiritual por meio do processo de auto-gestão. São os valores agenciados no cotidiano pela produção de subjetividade cooperativa, produzindo devires.

Nesse sentido, o processo de educação ambiental, muitas vezes, se configura como um dispositivo produtor de subjetividade escapatória. As pessoas produzem os discursos e as ações de educação ambiental, transitando entre a autonomia pessoal e a coletiva, já que o outro é um ambiente e nos constituímos pelo outro: social, mental, natural. Por isso, os valores de Outridade são muito importantes para as práxis de educação ambiental e para inventar valores instituintes, abrindo assim, o leque de aprendizagens.

Para mim, esta dissertação possibilitou diversos agenciamentos, criação de linhas, de ambientes, de meus outros, nas variadas relações ao longo desses dois anos de mestrado. A aprendizagem pela escrita, pela compreensão e pela sistematização desta pesquisa também foi me constituindo, e que resultou nesta obra, e possivelmente um devir revolucionário em mais uma forma de linguagem: “Escrever, fazer rizoma, aumentar seu território por desterritorialização.” (DELEUZE e GUATTARI, p.19, 1995).

Outros devires produzidos a partir da minha implicação na pesquisa foi com relação à transgressão, pela ousadia. A comunidade científica muitas vezes reclama pela falta de inovação metodológica. Nesta investigação, portanto, arrisquei-me a ir constituindo-a de acordo com o decorrer do tempo. Entrelacei teorias, ousei sociopoetizar, a metodologia de codificação-descodificação da realidade, perceptível ou não, de todos os sujeitos envolvidos. Enfretamentos ao olhar por detrás do pano.

Assumir a aplicabilidade da teoria da Outridade, mesmo não havendo discussões profundas deste conceito. Tentei costurá-la pela produção de subjetividade cooperativa, pelo estudo das comunidades, o que muitas vezes possa ser alvo de críticas, porém “abri a porta”, uma linha de fuga a ser traçada por outras escritas a virem.

Provoquei encontros. O meu orientador, a partir de então, faz parte do grupo de saúde mental e homeopatia que se formou devido a conexões entre pessoas. Ainda, fizemos refletir o aumento de fortalecimento e de vitalidade se as comunidades encontrarem-se mais seguidamente. É a pesquisa como instrumento, inserção de mais algumas linhas rizomáticas.

Para finalizar, confesso que vivi o processo intensamente, inseri-me humildemente nas comunidades, fiz amizades, e como processo coletivo, novas aprendizagens, outras percepções. Enfim, muita saudade, no entanto, carrego elas comigo.

E essa é a beleza de uma pesquisa de educação ambiental ao se permitir traçar linhas no rizoma em que está se estudando: permitir *Outrar-se*.

REFERÊNCIAS

ADAD, Shara. Pesquisar com o Corpo Todo: Multiplicidades em Fusão. In: SANTOS, Iraci dos et. al. (Org.). *Prática da Pesquisa nas Ciências Humanas e Sociais: Abordagem Sociopoética*. São Paulo, SP: Atheneu, p. 217-238, 2005.

ALTOÉ, Sônia. *René Lourau: Analista Institucional em Tempo Integral*. São Paulo, SP: HUCITEC, 2004.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *A rosa do povo*. 26º ed. Rio de Janeiro, RJ : Record, 2002.

BARCELOS, Valdo. *Império do terror: um olhar ecologista*. Porto Alegre: Sulina, 2004.

BAREMBLITT, Gregório. *Compêndio de análise institucional e outras correntes: teoria e prática*. Belo Horizonte, MG : Instituto Félix Guattari, 2002.

_____. *Introdução à esquizoanálise*. Belo Horizonte, MG : Instituto Félix Guattari, 1998.

BENZAQUEN, Júlia Figueredo. Uma possibilidade de emancipação através da conjugação de saberes dos movimentos sociais: a Escola de Formação de Educadores (as) Sociais no Recife. In: XIII CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA. 29 de maio a 1 de junho de 2007, UFPE, Recife (PE). *Anais eletrônicos...* Disponível em: www.sbsociologia.com.br/congresso_v02/hot_papers.asp. Acesso em março de 2008.

BRUNER, Jerome; WEISSER, Susan. A invenção do ser: autobiografia e suas formas. In: Olson, D.; Torrance, N. (Orgs.). *Cultura, escrita e oralidade*. São Paulo : Ática, cap. 8, p. 141-161, 1995.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. *A invenção ecológica: Narrativas e Trajetórias da Educação Ambiental no Brasil*. 2.ed. Porto Alegre : UFRGS, 2002.

CHARLOT, Bernard; SILVA, Veleida, A. Relação com a natureza e educação ambiental. In: SATO, Michèle e CARVALHO, Isabel (Orgs.) *Educação Ambiental: pesquisa e desafios*. Porto Alegre: Artmed, p. 65-76, 2005.

DELEUZE, Gilles. O abecedário de Gilles Deleuze (com Claire Parnet), vídeo dirigido por Pierre-André Boutang, 1988.

_____; GUATTARI, Félix. Mil platôs – capitalismo e esquizofrenia, vol.1. Trad. Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro, RJ: Ed.34, 1995. Livro virtual.

_____; PARNET, Claire. *Diálogos: pré-textos*. Trad. José Vasquez. Valencia, Espanha: SOLER, 1977.

DIAS, Cleusa Sobral. Possibilidades e limites no uso da abordagem (auto) biográfica no campo da educação ambiental? In: GALIAZZI, Maria do Carmo; FREITAS, José Vicente de. (Orgs.). *Metodologias emergentes de pesquisa em educação ambiental*. Ijuí : Unijuí, p. 151-178, 2005.

DIAS, Sousa. Partir, Evadir-se, Traçar uma linha: Deleuze e a literatura. *Educação*. mai-ago, ano/vol. 2007, número 002 (62). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, Brasil. pp. 277-285.

HOUAISS, A. *Dicionário eletrônico*. DHS 21771533. CD-ROOM.

DUSCHATZKY, Silvia; SKLIAR, Carlos. O nome dos outros. Narrando a alteridade na cultura e na educação. In: LARROSA, Jorge e SKLIAR, Carlos (Orgs.). *Habitantes de Babel: políticas e poéticas da diferença*. Belo Horizonte: Autêntica, p. 119-138, 2001.

DUTRA, Elza. A narrativa como uma técnica de pesquisa fenomenológica. *Revista Estudos de Psicologia*. v. 7, n. 2, p. 371-378, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/epsic/v7n2/a18v07n2.pdf> Acesso em 15 de janeiro de 2008.

FARIA, Ângela Beatriz. Memória_A intimidade que nos concedem. Garrafa, Rio de Janeiro, p. 3 - 13, 07 mar. 2007. *Textos em jornais de notícias/revistas*. Disponível em: <http://acd.ufrj.br/~posverna/docentes/64543-1.pdf> . Acesso em março de 2008.

FERRE, Nuria. Identidade, diferença e diversidade: manter viva a pergunta. In: LARROSA, Jorge e SKLIAR, Carlos (Orgs.). *Habitantes de Babel: políticas e poéticas da diferença*. Belo Horizonte: Autêntica, p. 195-214, 2001.

FERNÁNDEZ, Ana Maria. Las lógicas colectivas: imaginarios, cuerpos y multiplicidades. Buenos Aires: Biblios, 2007.

FINO, Carlos. A etnografia enquanto método: um modo de entender as culturas (escolares) locais. 2001. Disponível em:
<http://www.uma.pt/carlosfino/publicacoes/22.pdf>

FIORI, Ernani Maria. Aprender a dizer a sua palavra. In: FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1987, p. 9-21. Prefácio.

FLEURI, Reinaldo Matias. A abordagem Sociopoética. In: SANTOS, Iraci dos; et. al. (Org.). *Prática da Pesquisa nas Ciências Humanas e Sociais: Abordagem Sociopoética*. São Paulo, SP : Atheneu, 2005. Prefácio.

FONSECA, Afonso. Gestalterapia: dialógica da provocação. In: *Biblioteca virtual de psicologia- RedePsi*. IGT na Rede; Vol. 3, n. 4, 2006. Disponível em:
<http://www.igt.psc.br/ojs/include/getdoc.php?id=592&article=139&mode=pdf>. Acesso em março de 2008.

FOUCAULT, Michel. O Anti-édipo: uma introdução à vida não fascista. In: *Cadernos de Subjetividade*, n. especial, Deleuze. Núcleo de Estudos e Pesquisa da Subjetividade. PUC/SP, 1996. Prefácio.

FONTES, Wilma; GARCIA, Telma R. Modelo de Pesquisar-Cuidar para a Promoção da Saúde da Mulher. In: SANTOS, Iraci dos et. al. (Org.). *Prática da Pesquisa nas Ciências Humanas e Sociais: Abordagem Sociopoética*. São Paulo, SP : Atheneu, p. 289-298, 2005.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. São Paulo, SP: Paz e Terra, 2006.

_____. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro, RJ : Paz e Terra, 2005.

_____. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo : Paz e Terra, 1996.

FREITAS, Ana Lúcia Sousa de. A reinvenção da escola. *Revista viver: mente e cérebro*. Paulo Freire: a utopia do saber. Coleção memória da Pedagogia. São Paulo, n.4, p. 20-36, 2006.

FROMM, Erich. *A arte de amar*. Belo Horizonte, MG : Itatiaia, 1995.

GALIAZZI, Maria do Carmo; MELLO, Dilma. *A paisagem da pesquisa narrativa*. V Seminário de Pesquisa Qualitativa. Tradução do texto de Connely e Clandinin. Fundação Universidade Federal do Rio Grande, 2005. Texto não publicado.

GALIAZZI, Maria do Carmo. Diálogos com a teoria. In: *Educar pela pesquisa: ambiente de formação de professores de ciências*. Ijuí: Ed. Ijuí. (Coleção educação em química) p. 83-102, 2003.

GALLO, Sílvio. *Deleuze e a Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

GAUTHIER, Jacques; SANTOS, Iraci dos. *A Sócio-Poética: fundamentos teóricos, técnicas diferenciadas de pesquisa, vivência*. Rio de Janeiro: UERJ, DEPEXT, NAPE, 1996.

GRÜN, Mauro. *A outridade da natureza*. Disponível em: http://siaiweb03.univali.br/geea22/arquivos/grun_mauro.pdf. Acessado em 12 de julho de 2007.

GUATTARI, Félix. *As três ecologias*. Trad. Maria Cristina F. Bittencourt. 11 ed. Campinas, SP: Papyrus, 2001.

_____; ROLNIK, Suely. *Cartografias do desejo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

_____. *Guattari na PUC: Entrevistas*. Cadernos de Subjetividade, n.1. PUC/SP, 1993.

_____. *Caosmose: um novo paradigma estético*. Rio de Janeiro: Ed.34, 1992.

GUATTARI, Félix. *El devenir de la subjetividad*. Conferencias, Entrevistas, Diálogos. Trad. Cristóbal Santa Cruz. Chile: Dólmen, 1991.

_____. *A Revolução Molecular: pulsações políticas do desejo*. São Paulo: Brasiliense, 1986a.

_____. *Micropolítica: Cartografias do desejo*. Petrópolis, RJ : Vozes, 1986b.

GUIMARÃES, Mauro. *Educação Ambiental: No consenso um embate?* Campinas, SP: Papyrus, 2005.

HESS, Remi. Momento do diário e diário dos momentos. In: SOUZA, Eliseu C. e ABRAHÃO, Maria Helena M. B (Orgs.). *Tempo, narrativas e ficções: a invenção de si*. Porto Alegre: EDIPUCRS, p.89-103, 2006.

_____. O movimento da obra de René Lourau (1933-2000). In: ALTOÉ, Sônia. *René Lourau: Analista Institucional em Tempo Integral*. São Paulo, SP : HUCITEC, p. 15-46, 2004. Primeiro capítulo.

KASTRUP, Virgínia. *A rede: uma figura empírica da ontologia do presente*. In: FONSECA, Tânia M.G. e KIRST, Patrícia G. (Orgs.). *Cartografias e devires: A construção do presente*. Porto Alegre, RS : UFRGS, p. 53-62, 2003.

KESSELMAN, Hernan. Los “heteronimos” en el psicodrama: “Otrar-se”, hacerse outro. In: www.pagina12.com.ar. *Cadernos de Psicologia*. Jueves, 29 de Marzo de 2007.

KIRST, Patrícia Gomes. Redes do olhar. In: FONSECA, Tânia M.G. e KIRST, Patrícia G. (Orgs.). *Cartografias e devires: A construção do presente*. Porto Alegre, RS : UFRGS, p. 43-52, 2003.

KOFES, Suely. *Uma trajetória em narrativas*. Campinas, SP : Mercado de letras, 2001.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. *Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.

MANCE, Euclides André. Globalitarismo e Subjetividade: algumas considerações sobre ética e liberdade. Disponível em [http:// www.aol.com.br/mance/global.htm](http://www.aol.com.br/mance/global.htm). Acesso em 30 de março de 1999.

MATTOS, Carmen. A abordagem etnográfica na investigação científica. Rio de Janeiro: UERJ, p. 1-9, 2001. Disponível em: <http://www.ines.org.br/paginas/revista/A%20abordg%20 etnogr para%20Monicahtm>
!

MATURANA, Humberto; VERDEN-ZÖLLER, Gerda. *Amar e Brincar*. Fundamentos esquecidos do humano do patriarcado à democracia. São Paulo, SP : Palas Athena, 2004.

MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do Carmo. Análise textual discursiva: processo reconstrutivo de múltiplas faces. *Ciência e Educação*, v. 12, n.1, p.117-128, 2006.

MORAES, Roque. Mergulhos discursivos: análise textual qualitativa entendida como processo integrado de aprender, comunicar e interferir em discursos. In: GALIAZZI, Maria do Carmo; FREITAS, José Vicente de. (Orgs.). *Metodologias emergentes de pesquisa em educação ambiental*. Ijuí : Unijuí, p. 85-114, 2005.

MOUSINHO, Patrícia. Cooperação em redes. In: IX EPEA - ENCONTRO PARANAENSE DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL: Diversidade, Sustentabilidade e Cooperação em redes. 1,2 e 3 de setembro de 2006. Guarapuava-PR. Notas na conferência.

NORAMBUENA, Miguel Denis. In: GUATTARI, Félix. *El devenir de la subjetividad*. Conferencias, Entrevistas, Diálogos. Trad. Cristóbal Santa Cruz. Chile: Dólmén, p. 9-21,1991. Introdução.

PAIXÃO, Fidelis. Formulação e desenho da Rede Carajás de Educadores Ambientais e Desenvolvimentos Sustentável Local. In: *Revista Brasileira de Educação Ambiental*. n.2. Fevereiro de 2007. Brasília: REBEA, p. 13-20, 2007.

PEREIRA, William. A cidade: da modernidade à pós-modernidade. P.41-47. Mesa-redonda: "Ecologia social: produção da alteridade urbana". Artigo em anais do evento: A cidade vivente: subjetividade, socialidade e meio ambiente na cidade contemporânea. Belo Horizonte, 18 a 21 de abril de 1997. – Belo Horizonte, MG : Movimento Instituinte de Belo Horizonte; Engendra; Instituto Félix Guattari, 1997.

PESSOA, Fernando. *Poesias*. Cassal, Sueli (Org.). Porto Alegre, RS : L&PM, 2001.

PETIT, Sandra; GAUTHIER, Jacques; SANTOS, Iraci; FIGUEIREDO, Nébia. Introduzindo a Sociopoética. In: SANTOS, Iraci dos et. al. (Org.). *Prática da Pesquisa nas Ciências Humanas e Sociais*: Abordagem Sociopoética. São Paulo, SP : Atheneu, p. 1-16, 2005.

PLACER, Fernando. O outro hoje: uma ausência permanentemente presente. In: LARROSA, Jorge e SKLIAR, Carlos (Orgs.). *Habitantes de Babel*: políticas e poéticas da diferença. Belo Horizonte: Autêntica, p. 79-90, 2001.

RUSCHEINSKY, Aluísio. A pesquisa em história oral e a produção de conhecimento em educação ambiental. In: SATO, Michèle e CARVALHO, Isabel (Orgs.) *Educação Ambiental: pesquisa e desafios*. Porto Alegre: Artmed, 2005.

SANTOS, Boaventura. *Um discurso sobre as Ciências*. São Paulo: Cortez, 2005.

SANTOS, Iraci dos. A Sensibilidade e Intuição na Produção dos Dados. In: SANTOS, Iraci dos et. al. (Org.). *Prática da Pesquisa nas Ciências Humanas e Sociais: Abordagem Sociopoética*. São Paulo, SP : Atheneu, p. 195-216, 2005.

SATO, Michèle; MEDEIROS, Heitor. Pela revolução das linguagens. In: *Revista Brasileira de Educação Ambiental*. n.2. Fevereiro de 2007. Brasília: REBEA, p. 7-12, 2007. Prefácio.

_____; PASSOS, Luis Augusto. Pelo prazer fenomenológico de um não-texto. In: GUIMARÃES, Mauro (Org.). *Caminhos da educação ambiental: Da forma à ação*. Campinas, SP : Papyrus, p. 17-30, 2006.

_____; GAUTHIER, Jacques; PARIGIPE, Lympo. Insurgência do grupo pesquisador na educação ambiental sociopoética. In: SATO, Michèle e CARVALHO, Isabel (Orgs.) *Educação Ambiental: pesquisa e desafios*. Porto Alegre: Artmed, p. 99-118, 2005.

SCHERER-WARREN, Ilse. Movimentos sociais e participação. In: SORRENTINO, Marcos (Org.). *Ambientalismo e participação na contemporaneidade*. São Paulo : EDUC/FAPESP, 2001.

SCHURAIKER, Lília . Pesquisa qualitativa em saúde: reflexões metodológicas do relato oral e produção de narrativa em estudo sobre a profissão médica. *Revista Saúde Pública*, v. 29, n.1, p. 63-74, 1995. Disponível em: <http://www.fsp.usp.br/rsp>. Acesso em: março de 2008.

SERRANO, Alan Indio. O que é medicina alternativa? São Paulo: Brasiliense, 1984.

SODRÉ, Muniz. Diversidade e Diferença. *Revista Científica de Información y Comunicación*. n.3, Sevilla, 2006.

TRES, Lairton. A resistência como práxis dos movimentos ambientalistas e ecológicos. *Práxis Educativa*. Ponta Grossa, PR, v.1, p. 67-76, jan-jun 2006.

ANEXO A - Cuidados com a saúde pela auto-hemoterapia. Uma produção escrita pela rede de comunidades.

AUTO-HEMOTERAPIA

Há relatos da utilização desse procedimento séculos antes do nascimento de Cristo. Entretanto, foi somente no final dos anos 30 e início dos 40, do século 20, que a terapia teve aplicação e estudo. Durante a Segunda Guerra Mundial.

É uma técnica simples mediante retirada do sangue da veia e aplicação no músculo (nádega ou braço) da mesma pessoa, sem que o material sofra qualquer tipo de manipulação. Este mecanismo estimula a produção de macrófagos pela medula óssea.

Reação Química

Os macrófagos são células altamente diferenciadas que fazem o processo de fagocitose funcionam como os faxineiros do nosso organismo, eles fagocitam (comem) as bactérias, vírus, células cancerosas = células neoplásicas e fibrina (sangue coagulado).

A quantidade de macrófagos no sangue é de 5%, antes da aplicação do sangue. Após a taxa aumenta chegando a 22%, no fim de oito horas, desta forma quadruplicamos a capacidade de resposta do nosso sistema imunológico.

Esse valor permanece durante cinco dias para voltar aos 5% ao fim de sete dias a partir da auto-hemoterapia, porque a presença de sangue no músculo funciona como um corpo estranho a ser rejeitado pelo Sistema Retículo Endotelial, enquanto estiver sangue no músculo o sistema está ativado, levando 5 dias para absorvê-lo totalmente.

Doenças tratadas com a auto-hemoterapia;

- 1 – Acne juvenil
- 2 – AIDS – Síndrome da Imunodeficiência adquirida (a hemoterapia mantém as taxas virais em níveis razoáveis)
- 3 - Alergias
- 4 – Amigdalites de repetição
- 5 – Arteroesclerose
- 6 – Arterite (inflamação nas artérias)
- 7 - Artrite reumatóide
- 8 – AVC – Acidente Vascular Cerebral (Com a hemoterapia os macrófagos devoram as fibrinas desobstruindo as artérias).
- 9 -Cisto de ovários e ovários policísticos
- 10 - Dermatomiosite
- 11 – Diabete (a hemoterapia dá uma proteção maior as células, aumentando a resistência das mesmas contra os danos causados pelo excesso de glicose).
- 12 – Disritmias e convulsões
- 13 – Doença de Crohn (doença que destrói o final do intestino delgado)
- 14 - Encefalite
- 15 – Escarras
- 16 - Esclerodemia

- 17 – Esclerose múltipla
- 18 – Febre reumatóide
- 19 – Gangrena
- 20 – Gripe
- 21 - Glaucoma
- 22 – Gota (a hemoterapia estimula a remoção do ácido úrico no interior dos músculos).
- 23 – Hepatite C (com a hemoterapia mantém-se sob controle sem progredir embora os marcadores virais permaneçam)
- 24 – Hipercolesterolemia (colesterol elevado)
- 25 - Ictiose (com a hemoterapia o paciente leva mais ou menos 1 ano para a pele mudar completamente e deixar de apresentar as escamas de peixe e a coceira).
- 26 – Infecção pós operatório
- 27 - Lúpus
- 28 - Miastenia
- 29 – Miomas
- 30 – Poliomiosite (a hemoterapia consegue desviar a agressão dos músculos e tecido cutâneo para o sangue injetado).
- 31 – Pressão alta (a hemoterapia mantém o equilíbrio correto entre o sistema vago que dilata os vasos e o sistema simpático que contrai, harmonizando o sistema vago-simpático).
- 32 - Psoríase
- 33 - Púrpura trombocitopênica
- 34– Toxoplasmose
- 35 – Vitiligo (a hemoterapia equilibra o Sistema Neuro-Vegetativo, melhorando o estado físico da paciente evitando as recaídas e o aumento das manchas).

Funções desempenhadas pela Auto-Hemoterapia

- Biotransformação e excreção do colesterol;
- Eliminação de toxinas do organismo e outras substâncias tóxicas;
- Desintoxicação e metabolismo de drogas;
- Hipertensão vascular, atua em uma área do Sistema nervoso que é a do Sistema Nervoso Autônomo, harmonizando o sistema vago-simpático, ajudando o tratamento dos hipertensos já que esta disfunção é mais de origem psico-somática, tem muita relação com o emocional;.
- Homeostase (manter o organismo saudável);
- Ingestão do antígeno e seu processamento que serão entregues aos linfócitos A e B;
- Limpeza de partículas estranhas provenientes do sangue e ou dos tecidos;
- Metabolismo de proteínas e remoção de proteínas desnaturadas;
- “ férico e formação de bilirrubina;
- Prevenção da coagulação intravascular, removendo possíveis entupimentos das veias evitando enfarte e trombose;
- Prevenção do Câncer;
- Quimioterapia (melhora a resposta imunológica, pois a quimio atua como imunossupressora não só sobre as células cancerosas, mas também sobre as normais);
- Remoção de esteróides e sua biotransformação;

- “ “ microagregados de fibrina;
- Surtos epidêmicos (previne e interrompe a transmissão do agente patogênico);

Respondendo a tantas e tão importantes funções é fácil de se entender o papel desempenhado pelo Sistema Retículo Endotelial no determinismo favorável e desfavorável de processos mórbidos tão variáveis como:

a -Processos infecciosos: A auto-hemoterapia associada com antibióticos acelera o tempo de cura, reduzindo a quantidade do antibiótico. Ex.:Pneumonia

b - Processos neoplásicos: O sistema imunológico estando ativado, destrói as células neoplásicas. Ex.: Câncer

c – Processos degenerativos: Não há reversão, mas estaciona ou retarda a evolução da doença. Ex.: Esclerose múltipla

d – Processos auto-imune: Aumentando o estímulo imunológico, aumenta a capacidade de defesa do organismo. Ex: Alergias

Observações:

Gravidez /Amamentação – Com esta terapia a parturiente aumentará seus anticorpos, transmitindo ao recém-nascido um reforço imunológico.

Geriatrics – Aos 55 anos começa o declínio do timo, glândula que temos no peito, responsável pela manutenção da nossa imunidade, portanto é hora de começar o tratamento para compensar esta perda.

Uso veterinário – Figueira (verrugas que nascem no fucinho da vaca) É uma doença viral que com esta terapia em 2 ou 3 dias cai toda a figueira.

Dosagem da Auto-hemoterapia

A dose varia de acordo com a gravidade do problema:

- Doenças leves:** 5ml (alergias cutâneas e inalantes...etc)
 “ **graves:** 10ml (lúpus, miastenias graves, artrite reumatóide...etc)
 “ **gravíssimas:** 20ml (púrpura trombocitopênica...etc)

Intervalo entre uma aplicação e outra

Como nosso organismo leva 5 dias para absorver o sangue do músculo, a partir daí há um declínio das macrófagos, recomenda-se um intervalo de 7 em 7 dias, porém nos casos em que necessita-se manter a atividade fagocitária no pico, faz-se de 5 em 5 dias

Tempo de duração da auto-hemoterapia

Não há limite de uso e de tempo, pode-se usar pela vida toda.

Doenças preventivas: Faz-se uma série de 10 aplicações, descansa-se 1 ou 2 meses e repete-se o tratamento.

Doenças mantidas sob controle: Pode-se usar ininterruptamente.

Local da aplicação

O músculo do braço (deltóide), tem capacidade de receber 5ml já o músculo da nádega (glúteo) tem capacidade para receber 10ml.

Contra-indicação: Não existe.